

Universidade de Lisboa



Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula
numa turma do 10º ano na disciplina de Economia

Ana Raquel dos Santos Lopes Gonçalves

Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientada pela

Professora Doutora Luísa Cerdeira

2016

i. Resumo

A educação em Portugal evoluiu nos últimos 60 anos em paralelo com a evolução da sociedade. Acompanhando esta evolução, os professores deverão estar cada vez mais preparados a nível de formação seja ela inicial ou contínua. Também os alunos alteraram muito os seus comportamentos e hábitos dentro da sala de aula o que levantou novos desafios à figura do professor, sendo um deles a gestão comportamental.

A indisciplina tem crescido nas salas de aula sendo de diversos tipos e originada por diversos fatores.

O professor *ideal* é aquele que evita a indisciplina usando técnicas preventivas de gestão da sala de aula. Contudo, por vezes tal não é possível e serão necessárias intervenções corretivas ao nível do combate à indisciplina. Tanto a gestão preventiva como corretiva da indisciplina devem ser levadas a cabo de forma planeada, observando, identificando e analisando situações específicas que, posteriormente, através dos resultados e conclusões obtidas permitirão a formulação de estratégias eficazes.

Neste Relatório foi formulada a questão “Como reduzir o comportamento perturbador dos alunos e potenciar um ambiente mais participativo nas aulas de Economia numa turma do 10º ano?”. Para a investigação desta temática estabeleci uma metodologia que serviu como fio condutor a todo o trabalho de campo interligando a contextualização teórica ao trabalho desenvolvido na escola.

O planeamento das atividades de observação e lecionação foi cuidadosamente realizado.

Durante as aulas lecionadas os alunos foram sensibilizados para a existência de regras em sala de aula e testadas diversas metodologias que culminaram em aprendizagens que poderão contribuir para a melhoria futura do ambiente em sala de aula.

Palavras-Chave: Gestão comportamental, indisciplina, gestão da sala de aula

ii. Abstract

In Portugal, the education has been developed in the previous 60 years in parallel with the society development. Following this evolution, the teachers should be even more prepared in the training level, initial or continuing. Also the students have changed a lot their behavior and habit in the classroom context which conducted to new challenges to the teacher, one of them the behavior's managing.

The indiscipline has been growing in the classrooms with diverse types and originated by numerous factors.

The *ideal* teacher is the one that avoids the indiscipline using preventing techniques of classroom's behavior. However, sometimes it is not possible and reveals necessary correcting interventions at the level of the indiscipline combat. Also the preventing and correcting management should be taken in planned way, watching, identifying and analyzing specific situations that, afterwards through the results and conclusions will allow efficient strategy formulation.

In the present Report was formulated a central question "How to reduce the classmates' disturbing behavior and potentiate a more participative environment in the Economics' classroom in a 10^o class?". To the investigation of this thematic I have created a methodology to be used as the conducting wire of all the field work, connecting the theoretical contextualization with the work developed at the school.

The planning of the activities of observation and teaching was carefully made.

During the teaching classes the students were sensitized to the existence of classroom rules and were tested numerous methodologies, culminated in learnings that could help to promote better environment in the classroom.

Keywords: Behavior management, indiscipline, classroom management

iii. Agradecimentos

Ao meu Marido, amor da minha vida e companheiro de todos os momentos, por tudo!

Aos meus Pais, pelo amor, paciência e suporte que sempre me deram!

À minha Professora Orientadora, Doutora Luísa Cerdeira, por me ter acolhido neste Mestrado e permitir a realização de um sonho que me tem acompanhado ao longo dos anos, pelas palavras de incentivo e por ter estado presente nos momentos em que precisei concedendo-me sempre autonomia e espaço para me desenvolver.

À Professora Dra. Ana Luísa Rodrigues por toda a disponibilidade que sempre demonstrou ao longo de todo este percurso.

À minha Professora Cooperante, Dra. Isabel Mendes-Pinto por me ter aberto as portas do seu mundo e com muito altruísmo, simpatia e disponibilidade me ter propiciado esta experiência.

Aos Alunos da turma 10^ºE da Escola Secundária Eça de Queirós por terem colaborado neste projeto e por me terem recebido de braços abertos.

No geral, a todos os meus Alunos, que no passado e no presente têm contribuído para a construção da minha personalidade como professora.

A Deus, por me apoiar em todos os momentos e ter colocado todos vós no meu caminho!

Índice geral

i. Resumo	2
ii. Abstract.....	3
iii. Agradecimentos	4
1. Introdução	8
2. Problemática	10
3. Parte I – Contextualização teórica	11
3.1. A evolução do Sistema Educativo Português e a alteração paradigmática da figura do professor e do aluno	11
3.2. A indisciplina na sala de aula	17
3.3. Gestão da sala de aula como forma de prevenção e combate da indisciplina	28
3.4. Observar para melhor conhecer.....	44
3.5. Estratégias para a modificação do comportamento perturbador.....	49
3.6. Metodologia	53
4. Parte II – Trabalho desenvolvido na Escola	55
4.1. Caracterização da Escola.....	55
4.2. Caracterização da Turma	61
4.3. Unidade curricular e datas de intervenção	65
4.4. Aulas observadas	68
4.5. Resultados obtidos da observação direta e do questionário inicial (5 de Fevereiro de 2016)	73
4.6. Aulas lecionadas	79
4.7. Resultados obtidos da observação direta e do questionário final (no seguimento das aulas lecionadas)	85
4.8. Reflexões	89
5. Conclusão	96
6. Referências bibliográficas.....	97

Índice de Anexos

Anexo A - Questionário inicial aplicado aos Alunos “A indisciplina na sala de aula”	103
Anexo B - Estrutura da planta da sala de aula.....	109
Anexo C - Planta da sala de aula aplicada na primeira parte da aula observada no dia 5 de Fevereiro de 2016.....	110
Anexo D - Diário de campo	111
Anexo E - Plano de aula de dia 24 de Fevereiro de 2016	118
Anexo F - Plano de aula de dia 25 de Fevereiro de 2016	119
Anexo G - Plano de aula de dia 26 de Fevereiro de 2016.....	121
Anexo H - Regras a seguir durante as aulas de Economia	122
Anexo I - PowerPoint utilizado nas aulas lecionadas dos dias 24 e 25 de Fevereiro de 2016	123
Anexo J - Ficha de trabalho de dia 24 de Fevereiro de 2016.....	137
Anexo K - Guião de exploração de vídeo didático apresentado no dia 25 de Fevereiro de 2016	138
Anexo L - Exemplo de cartões que incluem o jogo didático <i>Money Matters</i>	140
Anexo M - Lista de responsabilidades existentes no âmbito do jogo didático <i>Money Matters</i>	141
Anexo N - Questionário final aplicado aos Alunos “A indisciplina na sala de aula”..	142
Anexo O - Grelhas de observação das aulas lecionadas nos dias 24, 25 e 26 de Fevereiro de 2016.....	146
Anexo P - Enunciado do teste de avaliação realizado em par pedagógico e aplicado no dia 3 de Março de 2016.....	149
Anexo Q - Sopa de letras realizada em par pedagógico e aplicada no dia 3 de Março de 2016	153

Índice de Tabelas

Tabela I – Tipos de indisciplina. Hernández, L. (2009) (Adaptado).....	19
Tabela II – Pontos fortes e áreas de melhoria propostas ao Agrupamento de Escolas Eça de Queirós pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência no âmbito da avaliação externa realizada em 2016.....	60
Tabela III – Unidades curriculares do Programa do 10º Ano de Economia A do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas	66

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “É indisciplina...” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016	75
Gráfico 2 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados no quadro ocorre na sala de aula durante as aulas de Economia?” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016	76
Gráfico 3 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “Para os tipos de indisciplina que consideras que ocorrem na sala de aula de Economia (que referiste na pergunta 12), assinala quais os principais fatores que contribuem para esse comportamento” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016	77
Gráfico 4 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “É indisciplina...” obtidas no âmbito dos questionários inicial e final aplicados, respetivamente, nos dias 5 de Fevereiro de 2016 e 26 de Fevereiro de 2016	86
Gráfico 5 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados (...) ocorreu na sala de aula durante as aulas de Economia?” obtidas no âmbito dos questionários inicial e final aplicados, respetivamente, nos dias 5 de Fevereiro de 2016 e 26 de Fevereiro de 2016	87
Gráfico 6 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “Para os tipos de indisciplina que ocorreram na sala de aula de Economia desta semana (...) assinala quais os principais fatores que contribuíram para esse comportamento”	88

1. Introdução

O presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada surge no âmbito da disciplina de Iniciação à Prática Profissional IV como consolidação de todo o trabalho desenvolvido ao longo dos dois anos de frequência do Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade.

Tendo como mote “Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia”, o Relatório encontra-se estruturado em duas partes comunicantes.

A primeira parte que diz respeito à contextualização teórica da temática abordada no Relatório, foi construída com base em pesquisa de literatura diversa tendo também, naturalmente, sido refletido todo o conhecimento que adquiri ao longo do Mestrado. Esta contextualização teórica foi um dos alicerces em que me apoiei para o desenvolvimento da segunda parte deste Relatório. Para tal, segui uma base de raciocínio encadeada em que, após a problematização, descrevi a evolução do Sistema Educativo Português e a alteração paradigmática da figura do professor e do aluno, reservei um capítulo para a identificação clara do conceito de indisciplina e das suas causas, analisei metodologias e estratégias, narradas por diversos autores, para a prevenção e combate da indisciplina, tendo culminado num conjunto de metodologias de investigação que possibilitam o desenvolvimento da segunda parte do Relatório.

A segunda parte do Relatório relata as experiências por mim vivenciadas no planeamento, desenvolvimento e realização do trabalho de campo levado a cabo na turma do 10º ano do Ensino Regular do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas da Escola Secundária Eça de Queirós com o objetivo de contribuir para a análise de possíveis perspetivas na ótica da questão “Como reduzir o comportamento perturbador dos alunos e potenciar um ambiente mais participativo nas aulas de Economia numa turma do 10º ano?”. Esta segunda parte teve início com a caracterização da Escola, da Turma e da unidade curricular a lecionar tendo-se seguido a apresentação e análise do trabalho de campo, contendo capítulos individualizados para as aulas observadas, para os resultados obtidos fruto das observações diretas e dos questionários aplicados aos alunos e para as aulas lecionadas. É posteriormente feita uma reflexão de toda a experiência

vivida, sendo evidenciadas as aprendizagens que dela retirei e dos seus contributos para o meu futuro profissional.

O Relatório termina com uma conclusão das ideias chave retiradas ao longo de todo o trabalho integrando a contextualização teórica e o trabalho desenvolvido na Escola.

2. Problemática

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada deverá responder a uma questão de fundo que pela sua pertinência, na situação concreta, se procura ativamente investigar.

É este, precisamente, o caso da questão que pretendo investigar, que o presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada retrata, e que foi formulada através da identificação do problema principal de uma turma do 10º ano da disciplina de Economia por via da observação de aulas levadas a cabo no decorrer da disciplina de Iniciação à Prática Profissional III:

“Como reduzir o comportamento perturbador dos alunos e potenciar um ambiente mais participativo nas aulas de Economia numa turma do 10º ano?”

Constituindo a bibliografia o suporte basilar de qualquer investigação, procedi, primeiramente, à leitura detalhada de literatura nomeadamente no âmbito temático do conhecimento sobre a origem, tipos e fatores de indisciplina, medidas preventivas da mesma através da gestão da sala de aula e da educação para a cidadania e estratégias corretivas possíveis a aplicar quando a perspetiva preventiva não surtiu efeito.

Esta revisão de literatura serviu como alicerce para a construção de uma metodologia que tem como ensejo final a procura de respostas para a problemática formulada, em que se pretende verificar de que forma a implementação de medidas preventivas (e eventualmente corretivas) de indisciplina permitirão, simultaneamente, a efetiva redução do comportamento perturbador dos alunos e aumentar os seus níveis de participação e empenho nas atividades propostas em contexto de sala de aula.

3. Parte I – Contextualização teórica

3.1. A evolução do Sistema Educativo Português e a alteração paradigmática da figura do professor e do aluno

A educação é um reflexo da sociedade e a sociedade é um reflexo da educação. Esta afirmação encontra-se testemunhada nas diversas transformações levadas a cabo ao longo dos séculos no Sistema Educativo Português.

Rómulo de Carvalho, autor da obra *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar* (Fundação Calouste Gulbenkian, 2001), compilou as diversas fases por que passou o ensino em Portugal que procurarei sumular ao longo dos próximos parágrafos.

Até meados do século XVI o ensino em Portugal era essencialmente circunscrito ao clero, que através do conhecimento e da instrução perpetuava a transmissão da palavra de Deus às gerações vindouras. O método de estudo prosseguido na universidade e escolas portuguesas era a leitura da lição no livro escolhido para o efeito sendo esse conhecimento memorizado pelos alunos.

No entanto, desde cedo que os estudantes se aperceberam do atraso do ensino em Portugal quando comparado com outros países europeus pelo que muitos deles optavam por sair do país para se inscreverem em famosas universidades europeias.

Com a chegada a Portugal da Companhia de Jesus no ano de 1553, o ensino português abriu portas a um público muito mais alargado, não se restringindo a educação ao clero mas a alunos de todos os estratos sociais que, nessa altura, se encontravam com grande ânsia de conhecimento fruto do crescimento das transações comerciais características da época dos descobrimentos. Os métodos de ensino utilizados pelos Jesuítas eram extremamente exigentes baseando-se em regras muito rígidas. A presença da Companhia de Jesus em Portugal foi prolongada tendo a mesma permanecido no território nacional por um período de dois séculos, apenas interrompida pela ordem de expulsão emitida por Marquês de Pombal no reinado de D. José.

Estando a estrutura do ensino em Portugal muito dependente da Companhia de Jesus ficou a mesma numa situação de elevado risco e complexidade que se

alongou através dos séculos, não obstante todas as reformas que se tentaram levar a cabo pelos diversos governos monarcas, quer pela instabilidade política e social que se viveu no século XIX, quer pelo conflito motivado pela guerra entre França e Inglaterra que teve um efeito extremamente nefasto para Portugal.

Foi no ponto de viragem, que surgiu em 1910 na história Portuguesa com a queda da monarquia e a proclamação da República, que residiu a esperança numa estrutura de ensino mais evoluída e que tentasse minorar o atraso face aos outros países europeus. Durante este período, foi instituída a escolaridade obrigatória de cinco anos e foi dado ênfase à instrução militar. Começou também a surgir mais acentuadamente a possibilidade de as raparigas frequentarem a mesma escola que os rapazes.

Contudo, apesar de alguns avanços ao nível do ensino continuava a assistir-se a uma grande instabilidade política que culminou no golpe militar de 1926 que pôs termo à primeira República.

Neste seguimento, António de Oliveira Salazar assumiu o poder em Portugal durante aproximadamente quarenta anos tendo as suas primeiras medidas na área da educação sido estabelecer regras de conduta e comportamento extremamente rigorosas, controlar as leituras realizadas nas escolas só sendo permitidas leituras de livros por si autorizados e proibir a existência da coeducação. Ao nível dos professores o investimento foi nulo, visto que não se considerava que os mesmos tivessem que ter grandes habilitações científicas e pedagógicas.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Ministério da Educação identificou a necessidade premente de formar mão-de-obra qualificada para responder à evolução técnica resultante do pós-guerra. Esta tarefa revelou-se bastante exigente uma vez que, em 1950, 40% da população era analfabeta. Esta época ficou conhecida como Escola Nacionalista, que segundo o Ministério da Educação de Portugal e a Organização dos Estados Ibero-americanos (2003:21-22) ficou marcada por:

Formação de recursos humanos prevalece sobre um ensino puramente ideológico, valorizando-se o capital escolar e descobrindo-se novas vias de promoção social. Num quadro de triunfo do progresso industrial, onde o campo cede lugar à cidade, a terra à fábrica, a política educativa procura adequar-se a esta nova realidade.

Apesar da evolução nos anos anteriores, na década de 60 continua a assistir-se a um atraso educacional no país, pelo que se decide alargar para seis anos a escolaridade obrigatória. Mas é após a Revolução de Abril de 1974 que “colocar-se-ão novos desafios e o sistema de ensino irá conhecer importantes transformações qualitativas e quantitativas” (Ministério da Educação de Portugal e Organização dos Estados Ibero-Americanos, 2003:21) no denominado Ensino Democrático. Nesta fase, torna-se mais consensual o papel determinante que a educação desempenha no desenvolvimento económico do país e, como tal, existe um grande impulso social em prol do sistema educativo. Assim, no decorrer da segunda metade da década de 70 e primeira metade da década de 80 envidaram-se diversos esforços para melhorar as habilitações académicas da população. É, no entanto, em 1986 que se estabelecem os pilares do ensino como o conhecemos nos dias de hoje com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo. Este diploma foi ao longo das últimas três décadas sujeito a algumas revisões por forma a incorporar as alterações que foram tidas como cruciais para a melhoria no sistema educativo nacional e para o incremental crescimento no nível das habilitações académicas dos portugueses. Estas alterações têm produzido resultados visto que entre o ano 2000 e o ano de 2013, de acordo com a Fundação Francisco Manuel dos Santos e a Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados (2015), Portugal tem sentido um forte crescimento da percentagem da população com habilitações ao nível do ensino secundário. De facto, esta percentagem duplicou no período referido passando de 20% para 40%. É, no entanto, de realçar que esta percentagem é substancialmente inferior à média dos países da OCDE que se situa nos 75%.

A profissão docente teve que acompanhar a evolução e as exigências da sociedade ao longo do tempo, adaptando-se às diversas fases pelas quais passou o Sistema Educativo Português.

Efetivamente, se recuarmos ao século XVI verificamos que o ensino se baseava na “*severidade, rigidez das suas regras, espírito de obediência pertinaz e cega*”, de acordo com Carvalho (1986:386-387). Este comportamento de disciplina extrema foi imposto aos alunos ao longo dos séculos tendo permanecido até à Revolução de Abril de 1974, numa escola caracterizada como “*hierarquizada*”, expressão utilizada por Raquel Pereira Henriques, uma das docentes que deixa o seu contributo para o livro *O 25 de Abril e a Educação* orientado e coordenado por Joaquim Pintassilgo que compilou o testemunho de diversos docentes que detalham e clarificam a imagem da escola antes e após essa data.

As escolas *hierarquizadas* “tinham espaços diferenciados para circulação de alunos e professores, impunham um silêncio rígido, regras de vestuário e de conduta muito austeras”. (Pintassilgo, J. & Henriques, R., 2014:190).

A organização do espaço de trabalho do aluno e as suas atitudes em sala de aula, em que as aulas eram predominantemente expositivas, e fora dela eram também impostas pela escola:

Na carteira só podíamos ter as coisas de trabalho. Quando a professora mandava ler saímos da cadeira, púnhamo-nos em pé e líamos. (...) Não se podia intervir espontaneamente. Levantava-se o dedo e esperava-se que nos mandassem falar. Se isso não acontecesse, a dúvida permanecia e ficava-se sossegadinho. (...) Para além da distância que impunham os espaços físicos, as atitudes e o vestuário, sentia-se ainda, em certas escolas, a ausência de afetos ou testemunhava-se a violência física (...). Não se podia circular nos corredores enquanto decorriam as aulas e chegar atrasado era motivo para ser levado à direção. Era impensável questionar qualquer ordem de um funcionário ou de um professor (Pintassilgo, J. & Henriques, R., 2014:191-192)

Durante o Estado Novo, a imagem dos professores e o seu estatuto caminharam em sentidos opostos. Esta dicotomia é explicada por Nóvoa (1992:4-5):

Durante o Estado Novo há uma política aparentemente contraditória de desvalorização sistemática do estatuto da profissão docente e, simultaneamente, de dignificação da imagem social do professor. A compreensão deste paradoxo obriga a um duplo raciocínio. Por um lado, o Estado exerce um controlo autoritário dos professores, inviabilizando qualquer veleidade de autonomia profissional (...). Por outro lado, o investimento missionário (e ideológico) obriga o Estado a criar as condições de dignidade social que salvaguardem a imagem e o prestígio dos professores, nomeadamente junto das populações. A ambiguidade resolve-se através do reforço da carga simbólica da ação docente, no interior e no exterior da escola, por via de uma legitimidade delegada, que impede a emergência de um poder profissional autónomo (...).

No entanto, novos tempos se avizinhavam e com a Revolução de Abril de 1974 surgem novos perfis de professores e de alunos.

O professor passa a ser visto como “*dinamizador cultural*”.

Questiona-se o tradicional “dar aula”, uma vez que são os alunos que devem descobrir o conhecimento, motivados e apoiados pelo professor. Este deve criar as condições para que o processo de aprendizagem possa ocorrer, dinamizando como “animador”, o trabalho pedagógico e colocando-se como “perito” à disposição dos alunos. (Pintassilgo, 2014:19)

Profundas alterações ocorreram também nos hábitos e comportamentos dos alunos, que passaram, repentinamente, de um ambiente escolar extremamente

restritivo para total liberdade. Desde logo se destaca a criação de Reuniões Gerais de Alunos (RGA) que tinham primazia sobre as restantes atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola, inclusive as aulas.

Nos anos que se seguiram a situação foi reduzindo os seus contornos revolucionários mas a revolução dos cravos deixou a sua marca que perdura até hoje.

Efetivamente, nos dias de hoje, a sociedade exige um professor qualificado, entendendo-se como tal, um profissional dotado de conhecimentos transversalmente nos campos cultural, pedagógico, científico e tecnológico. Contudo, um professor qualificado deve também estar preparado para conciliar a lecionação com a gestão de comportamentos em contexto de sala de aula. Este último ponto, tem ganho maior relevância pois de acordo com Lopes (2001:23-24):

Há trinta anos atrás a questão da ordem nas salas de aula tinha uma premência muito menor do que tem hoje (...). O professor estava imbuído de uma autoridade que hoje os alunos não reconhecem tão facilmente. (...) Atualmente, o professor tem que conquistar a sua posição perante as turmas, desempenhando as suas competências de gestão um primordial papel no cumprimento desse objectivo. Enquanto há largos anos atrás os professores possuíam um poder que tinha muito de sancionatório (...), hoje em dia terão de conquistar o poder através da implementação de um sistema de regras e procedimentos que os alunos interiorizem rapidamente, e que percebam que não admite quebras nem ultrapassagens a seu belo prazer. Mais: este sistema de regras, que há décadas atrás era implícito, e que no entanto os alunos assumiam de uma forma generalizada como sendo “para cumprir”, tem agora que ser explicitado, uma vez que os alunos têm proveniências sociais e culturais muito diversificadas, e os próprios professores variam imenso nas regras que pretendem implementar.

Quando os alunos são adolescentes, o professor tem uma tarefa ainda mais desafiante pelas características, hábitos e comportamentos que possuem. Segundo Aires (2010:22-23) os adolescentes:

- Tornam-se gradualmente mais conscientes e ansiosos com as mudanças físicas, intelectuais e emocionais que os atravessam;
- Sentem-se frequentemente incompreendidos; (...)
- Desejam ser aceites, estar ligados a outros; procuram reconhecimento pelos pares.

Para tornar a situação ainda mais desafiante do ponto de vista do professor, o *Health Behaviour in School-aged Children*, estudo da Organização Mundial de Saúde na sua edição de 2014/2015, conclui que os adolescentes portugueses são os que menos gostam da escola quando comparados com estudantes de outros 41 países. Estes resultados são bastante penalizadores quando confrontados com outros estudos levados a cabo pela Organização Mundial de Saúde,

nomeadamente no primeiro biénio em que Portugal participou no estudo, em 1997/1998, em que se apresentava no 2º lugar do gosto pela escola.

É ainda de realçar que, nos últimos anos, variadíssimas situações de desafio da autoridade têm sido veiculadas pelos meios de comunicação social dando a conhecer casos de indisciplina e violência colocando estes temas na ordem do dia. No entanto, os casos apresentados nos órgãos de comunicação social são apenas uma pequena parte visível da realidade pois, no dia-a-dia de um professor, acontecem muitos casos de indisciplina que não são mediatizados.

3.2. A indisciplina na sala de aula

Em Portugal, podemos considerar que a profunda mudança política vivida no país em meados dos anos setenta, traduzida, para a organização do sistema escolar e dos padrões de ensino, numa passagem de uma orientação doutrinária, autoritária e conservadora para um paradigma da educação para a cidadania, teve variados efeitos positivos, mas teve, igualmente, responsabilidades na percepção do aumento de comportamentos de transgressão escolar. (...) Esta nova conjuntura, com elevadas exigências de adaptação para ambos os grupos de intervenientes (professores e alunos), poderá ter contribuído para a percepção de mais situações de indisciplina, de disrupção e de desvio à norma nas escolas. (Caldeira, S., 2007:13-14)

A noção de indisciplina é abordada na literatura por diversos autores que contribuem, deste modo, para a clarificação do conceito. Da investigação que realizei sobre esta temática, concluo que as diversas definições, com as devidas particularidades e especificidades impressas por cada autor, são homogêneas e, frequentemente, complementares realçando os mesmos pontos-chave na construção do conceito. Apresento, de seguida, algumas dessas definições:

A indisciplina é o conjunto de comportamentos dos alunos que perturbam o normal funcionamento da aula. (Estanqueiro, A., 2010:62)

O termo indisciplina como o oposto à disciplina ou ordem necessária às aprendizagens escolares, isto é, como a perturbação do bom funcionamento das actividades escolares ligada à infracção das regras escolares que, embora comportando um quadro ético, legal e social exterior à escola e comum à sociedade em geral, encerram também uma especificidade ao determinarem condições necessárias ao funcionamento das actividades educativas da escola. (Caldeira, S. & Estrela, M., 2007:27-28)

Na escola, como em qualquer organização social, os conceitos de disciplina e de indisciplina estão associados à necessidade dos seus membros se regerem por normas e regras de conduta e de funcionamento que facilitem quer a integração de cada pessoa no grupo-classe e na organização escolar em geral, quer a convivência social decorrente da definição de um quadro de expectativas que tornem os comportamentos previsíveis. Para além, portanto, de uma forte conotação com princípios reguladores da vida no quadro da organização escolar, os conceitos de disciplina e de indisciplina possuem, também, uma dimensão que os aproxima das problemáticas da cidadania, do saber estar com os outros, do respeito mútuo, da capacidade de autocontrolo que permita não pôr em causa a liberdade dos outros. (Amado, J. & Freire, I., 2009:5)

A indisciplina pode ser definida como a existência de comportamentos de recurso que, mercê de um bloqueio da sociabilidade cooperativa, visam a obtenção de um enquadramento relacional alternativo, mesmo que para tal seja preciso pactuar com apreciações desfavoráveis. (Veiga, F., Musitu, G., Pavlovic, Z. & Linares, J., 2011:33)

É importante realçar, partilhando também os autores, neste ponto, da mesma opinião, que a indisciplina diverge da violência pois não envolve agressões

físicas. Segundo Maria Teresa Estrela, que contribuiu com a sua experiência na temática para o enriquecimento do livro (Des)Ordem na Escola – Mitos e Realidades de Suzana Caldeira *“Violência (...) releva de uma agressividade injusta e cruel”*.

Contudo, enquanto a violência é um ato raramente praticado, a indisciplina acontece com extrema frequência. De acordo com Maria Teresa Estrela *“Os comportamentos de indisciplina na sala de aula são mais perturbadores pela sua recorrência do que pela sua gravidade intrínseca”*.

No entanto, se a indisciplina não for devidamente gerida e controlada, poderá degenerar, em situações limite, em violência.

Existem diversos tipos de indisciplina, com distintos níveis de gravidade, que comprometem o bom funcionamento das aulas, *“impedindo ou dificultando a obtenção dos objectivos de ensino-aprendizagem, traçados para esse espaço-tempo social e pedagógico”* (Amado, J. & Freire, I., 2009:11). Procurarei, nos parágrafos seguintes, apresentar um conjunto de tipos de indisciplina que são comumente levados a cabo pelos alunos e que creio espelharem o fenómeno da indisciplina em contexto de sala de aula. Estes comportamentos encontram-se listados na Tabela I – Tipos de indisciplina.

Tipos de indisciplina			
Chegar atrasado às aulas	Interromper as aulas	Faltas de material	Desatenção
Conversar sobre assuntos ou tarefas alheias ao que se está a fazer	Fazer barulho com objetos	Usar o telemóvel	Sair do lugar sem autorização
Não realizar as tarefas propostas	Incomodar os colegas atirando-lhes bolinhas de papel ou borrachas	Sujar a sala de aula	Responder ao professor ou a um colega de forma alterada ou desrespeitadora
Assobiar ou trautear canções	Fazer grosserias	Dormir durante a aula	Colocar maquilhagem, pôr loções ou perfumes ou pentear-se durante a aula
Estar a ler jornais, livros, folhetos não relacionados com a aula	Estar a fazer um trabalho correspondente a outra aula	Copiar num exame ou deixar que copiem por si	Escrever ou passar papelinhos com recados não relacionados com o trabalho

Tabela I – Tipos de indisciplina. Hernández, L. (2009) (Adaptado)

Um dos tipos de indisciplina mais praticado pelos alunos, e não raras vezes ignorado pelos professores, é chegarem atrasados às aulas. Por ser um comportamento alvo de alguma tolerância por parte dos professores, existe do lado dos alunos tendência para a sua utilização excessiva, e sem motivo válido aparente, o que poderá prejudicar não só o próprio aluno que incorre na falta de pontualidade, ao perder os conteúdos que foram lecionados pelo professor, como também os restantes colegas cumpridores que veem interrompida a aula e, por vezes, consoante o professor e a complexidade dos conteúdos, têm que ouvir novamente a matéria que o professor já tinha lecionado o que poderá causar desinteresse a esses alunos e, como tal, ser fonte de outros tipos de indisciplina ou ter efeito de contágio aos alunos cumpridores. Amado & Freire (2009:55) chamam a atenção para o facto da tolerância dada a este tipo de comportamento “*ser usada*

como moeda de troca pelos professores: permite-se que o aluno entre embora se marque falta; se o seu comportamento for adequado durante a aula, a falta poderá ser relevada”.

As interrupções constantes por parte dos alunos são também comportamentos que ocorrem com frequência em contexto de sala de aula. Não pensemos, contudo, que este comportamento é exclusivo dos alunos desmotivados. Efetivamente, também os alunos motivados podem incorrer, sem se aperceberem, neste tipo de comportamento pois estando muito interessados na matéria lecionada querem participar ao máximo e mostrar ao professor o seu empenho e, por essa razão, estão constantemente a interromper o professor e os próprios colegas que, deste modo, têm alguma dificuldade em poder também participar. Contudo, o tipo de interrupção que ocorre mais frequentemente nas aulas apresenta um lado mais negativo, por alunos completamente desinteressados e que interrompem o professor a meio da sua exposição para colocar questões não relacionadas com o conteúdo da aula ou do contexto escolar, prejudicando-se a si e aos restantes colegas.

A falta do material solicitado pelo professor é uma das causas mais comuns de incumprimento das regras estabelecidas na sala de aula e que, segundo Amado & Freire (2009:54) *“atinge a função de obstrução à aula”*. Efetivamente, grande parte das aulas só pode decorrer, sem afetar o processo de ensino-aprendizagem, quando são lecionadas com recurso a determinado material, sem o qual aquela aula específica será fortemente penalizada. No grupo 430, nomeadamente na disciplina de contabilidade, esta situação poderá ser claramente exemplificada com os alunos não terem trazido o plano de contas para o acompanhamento da aula, ou na disciplina de economia os alunos não terem trazido os artigos de jornal que lhes foram solicitados. Em alguns casos, o esquecimento do material poderá prejudicar apenas o bom andamento daquela aula específica, mas noutros casos a ausência do material num dia de aula poderá prejudicar a aprendizagem futura dos conteúdos dessa disciplina.

A desatenção pode ocorrer pontualmente e dever-se a uma situação específica que provocou no aluno o não ouvir o que o professor está a dizer e/ou não participar na tarefa que lhe foi proposta porque simplesmente estava a pensar ou a fazer outra coisa, ou poderá ter origem num conceito bem mais vasto que o descrito. Efetivamente, quando a desatenção tem contornos reiterados entra no

campo da desordem por déficit de atenção resultante de um distúrbio neurológico. Segundo Parker (2006:9):

Uma criança com desordem por déficit de atenção/hiperactividade que se insere no tipo predominantemente caracterizado por estados de desatenção exibe, pelo menos, seis das características de seguida descritas:

- não presta muita atenção aos pormenores ou comete erros por descuido nas tarefas escolares, nos trabalhos ou noutras actividades;
- tem dificuldade em fixar a atenção nas tarefas ou nas actividades lúdicas;
- parece não ouvir o que lhe dizem directamente;
- tem dificuldade em seguir instruções e não conclui os trabalhos escolares, as tarefas ou os deveres no local de trabalho (não devido a desobediência ou a não compreender as instruções);
- tem dificuldade em organizar tarefas e actividades;
- evita, não gosta ou mostra-se relutante em se envolver em tarefas que requerem esforço mental continuado (tal como trabalhos escolares ou trabalhos de casa);
- perde com frequência coisas necessárias para a realização de tarefas ou de actividades (por exemplo, brinquedos, trabalhos escolares, lápis, livros ou ferramentas);
- distrai-se com facilidade e frequência com estímulos irrelevantes;
- esquece-se com frequência de actividades diárias.

Cabe ao professor fazer uma análise cuidada da situação levando em conta a frequência das ocorrências que é uma peça fundamental na avaliação e despiste dos casos de desatenção.

Outro ponto extremamente perturbador das aulas é a conversa por parte dos alunos sobre assuntos ou tarefas alheias ao que se está a fazer. Esta conversa consiste no burburinho constante entre colegas, em tom variável, ao mesmo tempo que o professor está a lecionar a matéria não lhe prestando qualquer atenção. Este comportamento prejudica não só os alunos indisciplinados mas toda a turma devido à necessidade de interrupções constantes por parte do professor para manter a ordem. É dos comportamentos que maior efeito de contágio tem pelo que é de grande importância a sua identificação e controlo atempados.

Realizar actividades não relacionadas com os conteúdos abordados na sala de aula é uma conduta que ocorre com alguma frequência entre os alunos e que poderá, ou não, estar associada ao contexto escolar. Exemplos da primeira situação são a execução de trabalhos de casa ou estudar para o teste de outra disciplina enquanto decorre a aula. Quanto a exemplos de actividades fora do âmbito escolar são frequentes a leitura de revistas populares entre os adolescentes, colocar maquilhagem, pôr loções e perfumes, pentear-se ou escrever e passar papelinhos com recados entre colegas.

O uso do telemóvel é um dos tipos de indisciplina mais recorrente na sala de aula e que tem vindo a originar casos polémicos de indisciplina e de violência opondo professores e alunos. Na grande maioria das escolas portuguesas, de Norte a Sul do país, o telemóvel é um objeto interdito nas salas de aula estando esta proibição mencionada de forma bem patente nos regulamentos internos. Segundo Moura (2009:51) *“As causas que estão na origem desta proibição prendem-se, no dizer dos professores, com a falta de atenção e dispersão dos alunos provocadas pelos aparelhos”*.

Outro comportamento perturbador que também ocorre em contexto de sala de aula prende-se com o aluno sair do lugar sem autorização do professor. Esta conduta pode ocorrer por diversas razões (pretendem conversar com um colega que não se encontra próximo do seu lugar, levantam-se impulsivamente do seu lugar para fazer algo fora da sala de aula sem se recordarem que devem pedir prévia autorização do professor, irem entregar ou receber material escolar emprestado de colegas), sendo certo que, seja qual for a razão, a mesma incomoda o bom funcionamento da aula visto que o professor tem que fazer uma interrupção para advertir o aluno.

Outro tipo de indisciplina que engloba um vasto conjunto de comportamentos perturbadores em contexto de sala de aula são as chamadas *“brincadeiras”* (Amado, J. & Freire, I., 2009:53). Algumas das brincadeiras mais recorrentes na sala de aula são incomodar os colegas atirando-lhes bolinhas de papel ou borrachas, fazer barulho com objetos e assobiar ou trautear canções. Estes comportamentos são extremamente perturbadores pois causam grande instabilidade geral no seio da turma gerando um elevado nível de ruído. Adicionalmente, as bolinhas de papel que os alunos atiram aos colegas são fonte de novo tipo de indisciplina: sujar a sala de aula.

Um dos tipos de indisciplina mais grave que pode ocorrer na sala de aula é a falta de respeito dos alunos para com os seus pares ou para com o professor. Exemplos de atitudes desrespeitosas dos alunos para com os seus colegas são o uso de certas grosserias na forma de *“comportamentos verbais e não verbais”* (Amado, J. & Freire, I., 2009:126) como insultar os colegas com palavrões. De acordo com Amado & Freire (2009) sobressaem 3 tipos de atitudes desrespeitosas por parte dos alunos para com os professores: insultos, réplicas à ação disciplinadora e desobediência.

Dormir durante a aula é um comportamento que tem ganho relevância nos últimos anos. Se anteriormente era difícil a identificação da causa deste comportamento, hoje em dia está identificada que uma das causas do mesmo se deve à utilização excessiva e noturna das redes sociais e dos jogos de computador. O artigo do Diário Digital com Lusa (2014) espelha esta situação:

"Temos muitos miúdos que chegam à escola cansados, com sono, desmotivados e sem ânimo. Até temos casos em que adormecem na sala de aula. Uma das principais razões prende-se com o facto de não dormirem o suficiente, porque estão muitas horas nos jogos de computador e nas redes sociais", alertou Filinto Lima, diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos, em Vila Nova de Gaia. (...) "Os professores veem diariamente alunos cansados, desatentos, alunos desmotivados, sem ânimo, alunos que não conseguem ouvir porque estão demasiados excitados e eufóricos e alunos que não conseguem reter conhecimentos". (...) Filinto Lima ressaltou que este fenómeno não é exclusivo do seu agrupamento: "É um problema sentido em quase todas as escolas do país". (...)

Copiar num teste/exame ou deixar que copiem por si é também um comportamento indisciplinado. Esta conduta acontece no decorrer da avaliação sumativa em contexto de sala de aula, mas também durante os exames nacionais conforme relatado pelo artigo infra:

Público, 15 de Junho de 2010 – Todos os anos são apanhados alunos a tentar copiar durante os exames nacionais
Assaltar a escola para corrigir as respostas dadas na prova ou roubar exames fazem parte do lado fraudulento dos exames nacionais. Todos os anos, são apanhados estudantes a recorrer a métodos ilegais para conseguir boas notas, como também copiar. (...) "A probabilidade de existir alguém predisposto a copiar, mesmo nestes exames, é elevada", disse à agência Lusa Ivo Domingues, investigador da Universidade do Minho. (...) Ivo Domingues lembra que "haverá sempre" predisposição para copiar e, por isso, é preciso criar condições de controlo para que "as possibilidades práticas sejam mínimas". (...)

Os fatores que se encontram por detrás dos alunos se comportarem indisciplinadamente em contexto de sala de aula podem ser de natureza diversa.

O primeiro fator a ter em consideração é o ambiente familiar pois "A *indisciplina e a violência não são inatas. Dependem muito da experiência relacional que o aluno vive na família desde a infância*" (Estanqueiro, A., 2010:63). Segundo Veiga, Musitu, Estévez & Jiménez (2011:64-65):

O contexto familiar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem de capacidades, mas também, se a interação entre os seus membros não for de qualidade, poderá ser um factor de risco que predisponha a responder com agressividade e de forma desapropriada (...). Foi constatado que o clima familiar positivo, caracterizado pela

união afectiva entre pais e filhos, o apoio, a confiança e a intimidade entre eles e a comunicação familiar aberta e empática favorece a adaptação comportamental e psicológica dos filhos, enquanto, pelo contrário, o clima familiar negativo, num contexto onde não exista nenhum dos componentes mencionados, constitui um dos factores de risco mais directamente relacionados com os problemas de conduta em crianças e adolescentes.

Assim, em famílias com ambiente familiar desequilibrado podem ser evidenciadas diversas características que incitam ao insucesso escolar e à indisciplina dos jovens em sala de aula:

Um ambiente familiar instável, com pais demasiado autoritários, excessivamente permissivos (...), condiciona o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens. (...) A crise de autoridade dos pais complica a tarefa dos professores. Se a criança não aprende regras e limites em casa, terá mais dificuldade em aceitar as normas da escola. (Estanqueiro, A.;2010:63-64)

As crianças menos violentas provinham de pais moderados em relação à punição; enquanto as crianças mais violentas provinham de pais permissivos ou demasiado punitivos; portanto, as crianças de famílias que se colocam nos dois extremos, demasiado autoritárias ou demasiado permissivas, tendem a apresentar maior número de problemas na escola. (Amado, J. & Freire, I., 2009:110)

Diversos tipos possíveis de ausência, de que se salientam divórcios e famílias monoparentais. (Amado, J. & Freire, I., 2009:109)

Falta de supervisão das actividades dos filhos. (Aires, L., 2010:26)

Pouca disponibilidade de tempo para os filhos. (Caldeira, S. & Estrela, M., 2007:30)

Problemas psicológicos e de conduta dos pais. (Veiga, F., Musitu, G., Estévez, E. & Jiménez, T., 2011:65)

Violência doméstica. (Caldeira, S. & Estrela, M., 2007:30)

Maus tratos, psicopatologias (...), alcoolismo e toxicodependências. (Amado, J. & Freire, I., 2009:109))

Problemas de comunicação familiar. (Veiga, F., Musitu, G., Estévez, E. & Jiménez, T., 2011:65)

Falha da interacção e ligação emocional com os pais. (Aires, L., 2010:26)

Carência de afecto, apoio e envolvimento dos pais. (Veiga, F., Musitu, G., Estévez, E. & Jiménez, T., 2011:65)

Rejeição parental e hostilidade para com o filho. (Veiga, F., Musitu, G., Estévez, E. & Jiménez, T., 2011:65)

O segundo fator que poderá conduzir à indisciplina está relacionado com o ambiente escolar e poder-se-á dividir, do mais lato para o mais específico, em sistema educativo, escolar e pedagógico.

Segundo Caldeira & Estrela (2007:30) o sistema educativo *“apresenta dificuldade em corresponder às transformações sociais de uma população muito heterogênea e, cada vez mais, multicultural, pela difícil conciliação entre uma escola de massas e a preparação de elites”*. Efetivamente, nos últimos anos, devido à imigração as turmas apresentam uma diversidade muito grande de etnias com as suas diferentes culturas, línguas e religiões e a organização educativa não se encontra ainda perfeitamente adaptada a essa realidade continuando a aplicar uma estratégia transversal a toda a população escolar, não customizada às necessidades, especificidades e motivações dos diversos segmentos de alunos. Outro ponto relevante associado à temática da organização do sistema educativo, é a existência de um limitado leque de escolha de cursos no ensino secundário obrigando, não raras vezes, os jovens a seguir determinada área para a qual não estão vocacionados e, como tal, não tendo o mesmo interesse, acabam por se revoltar por pensarem que a escola é um desperdício de tempo, demonstrando, por vezes, esse desagrado através da indisciplina em sala de aula. Segundo Estanqueiro (2010:64-65) a *“organização da escola a sua burocracia, rigidez e oferta pouco diversificada poderão motivar o desalento e insatisfação dos alunos que em resposta agem negativamente”*.

As próprias escolas, como centros educativos individuais, com as suas regras e procedimentos próprios, ou a sua inexistência, podem ser catalisadores de comportamentos indisciplinados nos estudantes. Segundo Caldeira & Estrela (2007:30) algumas escolas apresentam *“liderança inadequada, deficiente projecto educativo, atribuição dos piores horários aos professores principiantes, insuficiência em número e falta de formação do pessoal auxiliar”*. Veiga, Musitu, Estévez & Jiménez (2011:67) revela uma visão complementar com:

Algumas características próprias dos centros de ensino podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos violentos nas escolas, como, por exemplo, a massificação de estudantes nas salas de aula, a carência de normas de comportamento claras para os alunos e a orientação autoritária versus democrática do corpo docente.

Quanto às práticas pedagógicas são centradas no professor que pelas suas próprias características e forma de condução das aulas poderá desagradar a alguns alunos que reagem com indisciplina. Segundo Aires (2010:25) *“associadas diretamente ao ambiente escolar estão as causas behavioristas em que os comportamentos desviantes surgem por um processo de aprendizagem baseado na observação e vivência pelo aluno de uma postura ou conduta reforçada por*

colegas e professores”. Efetivamente, o perfil, o estilo de liderança, o comportamento e as aptidões técnicas do professor têm forte influência no comportamento e disciplina dos alunos. De acordo com Amado & Freire (2009:115-116):

O facto de os alunos interpretarem o comportamento do professor como revelador de incompetências de ordem técnica e relacional (má gestão dos poderes na aula, caindo facilmente nos extremos: autoritarismo e permissivismo), constitui importante factor para a compreensão dos comportamentos de indisciplina.

Também Veiga, Musitu, Estévez & Jiménez (2011:67-68) indica alguns fatores pedagógicos que podem influenciar negativamente os alunos na componente disciplinar:

Falta de motivação e de estratégias eficientes para fazer frente aos problemas de comportamento dos alunos; Tratamento desigual do corpo docente com os alunos, que, por vezes, concede privilégios unicamente a determinados estudantes, em detrimento de outros, com o subsequente mal-estar dos menos atendidos; a existência de mensagens duplas na sala de aula, por exemplo, quando o professor utiliza o castigo como meio para melhorar a conduta de um estudante na sala de aula, o que muitas vezes, provoca um efeito ricochete e mais agressividade no aluno; (...) a realização de atividades extremamente competitivas entre os estudantes; o isolamento e a rejeição sociais que alguns alunos sofrem; (...) a pouca importância que se concede à aprendizagem das capacidades interpessoais; o desconhecimento de formas pacíficas de resolução de conflitos.

Para além dos fatores mencionados, exógenos ao aluno, geradores de indisciplina, existem também fatores individuais, associados ao próprio aluno, e que se podem revestir de causas psicodinâmicas, motivacionais e biopsicossociais.

No que respeita a causas psicodinâmicas Amado & Freire (2009:101) introduzem a perspetiva do *“auto-conceito”*:

Conjunto de percepções ou referências que um indivíduo tem de si mesmo. (...) A origem do auto-conceito está nas relações e interações do sujeito com o seu meio (...) ao longo de toda uma vida. (...) Verifica-se uma forte correlação entre as dificuldades de aprendizagem e um auto-conceito negativo.

Assim, um jovem que cresceu, toda a sua infância, com uma auto-estima baixa e com uma imagem negativa dele próprio ao nível cognitivo terá maior probabilidade de revelar insucesso escolar e indisciplina.

A motivação do aluno em traçar um objetivo a atingir para a sua vida profissional e em estabelecer um conjunto de etapas ao longo desse percurso é determinante para atingir o sucesso. Para tal, estes alunos têm perfeita percepção de que a escola é uma ferramenta fundamental para conseguir alcançar o objetivo

de vida que traçaram e que passará com certeza por ter uma vida profissional estável e realizada. Um aluno motivado tem, assim, maior probabilidade de atingir o sucesso escolar e como tal será mais aplicado e disciplinado. Opostamente, um aluno que não tem visão do que irá fazer no futuro, nem ambição para estabelecer um objetivo profissional não tem horizonte e irá deambular pela escola, sem um objetivo concreto, levando a uma espiral de insucesso que poderá conduzir a indisciplina. Amado & Freire (2009:105-106) corroboram esta perspetiva ao referir:

De facto, os alunos mais problemáticos caracterizam-se por um projecto de vida alheio às propostas exigências da escola (...) para muitos, em especial os que já acarretam algumas repetições e grandes frustrações no seu percurso escolar, aqueles para quem a prossecução dos estudos não faz parte do seu projecto, o trabalho escolar também não faz sentido. (...) Na cultura ocidental o sucesso escolar é visto pelos bons alunos e pelos professores, como condição necessária para um futuro profissional com elevado estatuto (...) essas perspetivas de futuro e atitude positiva face às normais dificuldades do dia-a-dia escolar não se verificam nos jovens com insucesso (...) a ausência dessas perspetivas associa-se facilmente a dificuldades de integração e a problemas de comportamento dos alunos.

Segundo Amado & Freire (2009) as causas biopsicossociais estão relacionadas com doenças do foro biológico, sendo a mais frequente os distúrbios de comportamento e hiperatividade, e com dificuldades genéticas de aprendizagem. Estas causas poderão conduzir o aluno a sentimentos de frustração e inferioridade e, conseqüentemente, demonstrarem problemas de sociabilidade que poderão colidir em problemas comportamentais.

3.3. Gestão da sala de aula como forma de prevenção e combate da indisciplina

Os comportamentos indisciplinados são sensíveis à figura do professor. De acordo com Lopes & Rutherford (2001:20-21):

No limite o professor constitui o principal responsável pela indisciplina uma vez que não consegue gerir a aula de forma a inibir o aparecimento e desenvolvimento dos comportamentos de indisciplina. (...). Os melhores professores são tão maus a lidar com a disciplina como os bons professores a diferença reside no facto de os bons professores serem eficazes na instauração de um clima de sala de aula que inibe a indisciplina. Deste modo, raramente têm que lidar com comportamentos problemáticos e muito menos com situações de indisciplina generalizada.

A mensagem transmitida por Lopes & Rutherford é muito clara e personifica o ditado popular *“mais vale prevenir do que remediar”*. Esta prevenção deve ser feita através da organização e gestão da sala de aula que, de acordo com Lopes & Rutherford (2001:128) é *“o conjunto de acções e estratégias que os professores utilizam para resolver o problema da ordem”*, ou seja, pretende-se com esta gestão da sala de aula evitar que os alunos cheguem à prática de comportamentos indisciplinados.

Também Veiga (2013:545) sustenta a mesma perspetiva referindo que *“A gestão da sala de aula (...) pode prevenir e reduzir muitos comportamentos perturbadores, possibilitando que o ensino e a aprendizagem sejam eficazes”*.

Assim, sendo a gestão da sala de aula um instrumento fundamental para a prevenção da indisciplina, é importante que o professor esteja habilitado com um conjunto de competências e procedimentos para poder gerir com sucesso a sala de aula tornando-a num espaço em que existam *“relações fluídas, francas, respeitadoras e colaborativas (...) para que seja possível levar a cabo (...) o processo de ensino (...) e um crescimento pessoal contínuo em convicções, atitudes, aptidões e hábitos de autodisciplina e responsabilidade ética”* (Hernandéz, L., 2009:174). Nos parágrafos seguintes irei analisar os supracitados procedimentos e competências.

Regras

De acordo com (Hernandéz, L., 2009:5-6) existem três níveis de normas que regulam a educação em cada país: a legislação escolar geral vigente, a legislação de cada centro escolar e as normas estabelecidas para a convivência em sala de aula.

São estas últimas normas, consubstanciadas num conjunto de regras e expectativas de comportamento dos alunos nas suas aulas, que o professor deve, em primeiro lugar e logo no início do ano letivo, estabelecer pois segundo Lopes & Rutherford (2001:135) *“se não estabelecerem desde logo um sistema claro e justo de regras (...) e não o puserem rapidamente em execução, deixarão uma margem de incerteza que os alunos explorarão em proveito próprio”*.

É de realçar que a envolvimento dos alunos no estabelecimento e discussão das regras da sala de aula é proveitosa pois, deste modo, os alunos irão sentir que as regras foram acordadas e aceites por eles e, como tal, responsabilizar-se por elas. De facto, segundo Lopes & Rutherford (2001:134) *“a esmagadora maioria dos alunos é sensível às regras e procedimentos”*. No entanto, é de referir que as regras não devem ser transmitidas no primeiro dia de aulas e depois esquecidas no decorrer do ano letivo. É fundamental que ao longo do ano letivo as regras sejam lembradas com frequência para que não caiam no esquecimento e, igualmente importante, é o rigor no cumprimento das mesmas. De acordo com Lopes & Rutherford (2001:135-136):

Esta é uma área em que professores eficazes e professores ineficazes apresentam vincadas diferenças. Muitos professores em cujas salas de aula reina a desordem cuidam de estabelecer regras (...) no primeiro dia. No entanto, revelam-se rapidamente incapazes de as fazer cumprir (...) Nestas circunstâncias, o professor perde a credibilidade perante os alunos e nunca mais consegue estabelecer a ordem.

Não obstante o estabelecimento, transmissão e constante lembrar das regras poderão existir alguns alunos que irão incorrer em indisciplina. Assim, é importante que aquando da informação das regras sejam também comunicadas aos alunos as penalizações que terão em caso de efetuarem determinada transgressão. Estanqueiro (2010:73) considera que *“os alunos (...) precisam de saber também como serão penalizados os comportamentos incorretos. (...) Os alunos devem cumprir as regras (...) da sala de aula, mesmo que não concordem com algumas delas (...). As regras (...), estabelecidas para todos, não são negociáveis”*.

Hernandéz (2009:5-6) realça que é fundamental que exista uma articulação entre as regras instituídas na sala de aula e as próprias regras do centro escolar pois *“se certas más condutas não forem toleradas em todos os locais comuns do edifício escolar, será mais fácil estabelecer o mesmo ambiente relacional em cada aula”*. Jesus (2001:35-36) chama também a atenção para a importância da existência de regras básicas comuns entre os vários professores da mesma escola:

A existência de regras implica a cooperação entre os professores de uma mesma escola, para troca de experiências, definição de perspectivas de intervenção e encontrar consensos quanto aos comportamentos que devem ser considerados de indisciplina (...) evitando que os alunos possam argumentar “mas o professor x deixa fazer”.

Estar atento

É importante que os alunos sintam que o professor está permanentemente atento a tudo o que acontece na sala de aula. Lopes & Rutherford (2001:129) usam a expressão *“testemunhação”* neste sentido.

Uma das formas que o professor pode usar para estar em constante vigilância é o denominado *“scanning visual”* (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:130) que consiste na observação direta dos alunos, e seus comportamentos, em toda a sala de aula.

Outra forma de mostrar que o professor está atento e que serve também para alertar os alunos para algo em particular é o uso de sistemas de sinais. Existem casos em que o professor pretende controlar a cadência das atividades da aula ou o comportamento inadequado de um aluno, sem perturbar o bom andamento da aula e sem chamar a atenção dos restantes alunos, e, para isso, poderá optar por utilizar a comunicação não verbal exemplificada por Veiga (2013:556): *“o professor (...) levanta as sobrancelhas para expressar desaprovação, um gesto de silêncio ou uma aproximação do aluno”*.

Gestão do espaço

O professor deverá ser o primeiro a entrar na sala de aula, preferencialmente com alguns minutos de antecedência ao início da aula.

Esta antecipação vai permitir ao professor analisar as condições físicas da sala de aula e personalizá-las ao tipo de aula que vai lecionar. Um dos pontos de crucial importância é garantir que o espaço esteja limpo e arrumado não só por

motivos de higiene mas também para que as normas e regulamentos escolares sejam cumpridos. Outro tópico a ter em atenção é retirar ou tentar invisibilizar todos os objetos que possam provocar a distração do aluno *“neste sentido, as aulas de porta aberta, ou as aulas dadas em salas com janelas sem resguardos de distratores externos devem ser evitadas”* (Veiga, F., 2013:564). Outro fator a ter em conta é ajustar a disposição das mesas e das cadeiras ao tipo de aula que irá ser administrada. Em geral, a disposição em fila é mais indicada para situações de *“aprendizagem por receção”* (Veiga, F., 2013:564), que apela à concentração e à escuta daquilo que o professor diz, *“promovendo ainda o trabalho a pares”* (Aires, L., 2010:71). A organização da sala em seminário promove a interação entre os alunos. O arranjo físico da sala de aula não deve ser estático, independentemente do tipo de conteúdos e do ensino a utilizar devendo, pelo contrário, atender às interações propostas para a realização da aprendizagem esperada. Por fim, devem ser verificadas as condições de luminosidade da sala de aula.

Durante a aula é importante que o professor se desloque pela sala, abrangendo todas as direções. Esta gestão do espaço, que serve também como complemento à observação, ajuda o professor a estar mais próximo dos alunos e a perceber se os mesmos estão realmente atentos aos conteúdos lecionados e a entendê-los. Por exemplo, certos alunos de personalidade mais introvertida poderão sentir dificuldade, durante a aula, em frente a toda a turma e em voz alta, em questionar o professor sobre um conteúdo que não entenderam quando este se encontra sentado na sua secretária, mas poderá ser mais simples para estes alunos questionar o professor em tom de voz mais baixo quando este se encontrar em plena deslocação pela sala e passar perto deles. Para além desta componente, estas deslocações podem servir também para advertir os alunos para certos comportamentos menos corretos que podem estar a ser levados a cabo e que sem a deslocação pela sala provavelmente o professor nem se aperceberia. Lopes & Rutherford (2001:130) espelha bem esta realidade:

Há determinados comportamentos dos alunos que só são perceptíveis se o professor tiver determinados ângulos de visão. De facto, uma boa parte das comunicações entre os alunos são necessariamente clandestinas, pelo que, se o professor se mantiver constantemente na secretária ou junto do quadro, terá grandes dificuldades em interceptar aquelas que eventualmente perturbem a aula.

Gestão dos recursos

O uso de recursos didáticos diversificados, como instrumento de ensino, no decurso de uma aula é fundamental. Na ótica dos alunos, de acordo com Boal,

Hespanha & Neves (1996:35) a diversidade nos recursos utilizados pelo professor aumenta a motivação para a aprendizagem e, conseqüentemente, é gerado um incremento no próprio conhecimento dos alunos. Na ótica do professor, existe um maior estímulo por poder utilizar diferentes materiais e diversificar estratégias que, deste modo, aumentarão a capacidade de captação da atenção do aluno. Tendo ao seu dispor um conjunto de recursos pelos quais pode optar, o professor para efetuar a escolha de forma assertiva deve ter em conta alguns fatores nos quais se incluem a adequação dos recursos aos conteúdos a lecionar, o balanceamento custo-benefício do uso de determinado recurso e o impacto na motivação dos alunos decorrente do uso do recurso em causa.

Os recursos didáticos podem ser convencionais, dos quais são exemplo o quadro, os livros, os jornais, as revistas de caráter científico e os cartazes, audiovisuais, como é o caso da música e dos filmes, e novas tecnologias, como o computador, o projetor, os programas pedagógicos informatizados e a internet.

O quadro é um dos mais antigos recursos didáticos mas continua a ser um meio utilizado pelos professores para passar a mensagem que pretendem aos alunos. O seu baixo custo e a plena visualização por parte de todos os alunos são critérios que pesam na decisão de escolha do professor e que fazem deste recurso uma prioridade ou um complemento a outros recursos.

O livro escolar é também um recurso didático utilizado em contexto de sala de aula servindo de apoio ao professor e como instrumento auxiliar de aprendizagem dos alunos. Geralmente, não deve ser utilizado de forma isolada mas como complemento de outros recursos. Segundo Verceze & Silvino (2008:90) *“o ideal é que o professor veja o livro didático apenas como uma das ferramentas entre tantas outras capazes de lhes propiciar condições de ministrar um ensino de qualidade”*. O tipo de livro mais frequentemente utilizado nas escolas é o manual escolar. No estudo denominado *Os Manuais Escolares na Relação Escola-Família* (2009), realizado pelo Observatório dos Recursos Educativos, evidencia-se a grande importância atribuída a este recurso por parte dos alunos e das suas famílias.

Os jornais e as revistas são, no ensino das Ciências Económico-Sociais, instrumentos de grande relevância dotando, progressivamente, os alunos de conhecimentos económico-sociais e aproximando-os dos acontecimentos que ocorrem no mundo contemporâneo. Estes recursos didáticos funcionam como complementos ao currículo, no sentido em que promovem uma ligação aos

conteúdos lecionados ao mesmo tempo que permitem garantir a atualização dos mesmos.

A realização de cartazes por parte dos alunos é uma atividade onde podem aplicar os conhecimentos assimilados de forma prática, desenvolvendo também, simultaneamente, as suas habilidades ao nível da pesquisa e da criatividade. No final do trabalho estar concluído, os alunos podem partilhar os seus cartazes com toda a comunidade escolar através da exposição dos seus trabalhos o que pode revelar-se estimulante. É de realçar que os cartazes podem também ser produzidos pelos próprios professores, sendo que, neste caso, os alunos serão apenas espetadores.

Numa altura em que a música é uma presença constante na vida dos alunos, a utilização da mesma em contexto de sala de aula é uma excelente forma de motivação para a aprendizagem. Efetivamente, ouvir música desperta os sentidos, promove a concentração, favorece a assimilação do conhecimento, enriquece o vocabulário e estimula a criatividade. Antão (1993) alerta, contudo, para a importância da escolha musical, não se devendo escolher a matéria em função da música mas a música em função da matéria.

Tal como a música, a visualização de filmes em sala de aula é uma atividade muito apreciada pelos alunos captando-se a sua atenção por via da familiarização que têm com os meios audiovisuais. A visualização de filmes torna as aulas mais atrativas e motivadoras facilitando a compreensão dos conteúdos e estimulando a criatividade dos alunos.

Quanto aos recursos relacionados com as novas tecnologias são, à partida, bem acolhidos pelos alunos existindo uma motivação natural por parte dos mesmos quando lhes é proposta a utilização deste recurso pedagógico. Buckingham (2000), corrobora o exposto referindo: *“it is children who are seen to be most responsive to these new approaches: the computer somehow releases their natural creativity and desire to learn, which are apparently blocked and frustrated by old-fashioned methods”*.

Segundo Bireaud (1995:94) as novas tecnologias *“viabilizam uma estratégia de acesso inovador aos conhecimentos, formas de raciocínio diferentes”*.

Estes meios tecnológicos são, nos dias de hoje, considerados como indispensáveis no acompanhamento das aulas permitindo, com recurso ao computador e ao projetor, exteriorizar para toda a turma um conjunto vasto de

informação. Estamos a falar de diapositivos em PowerPoint, de recursos educativos digitais e dos próprios conteúdos didáticos presentes na internet.

Contudo, estas tecnologias só servem para ajudar o professor a transmitir os conteúdos de forma mais interessante mas *“não substituem a interação do professor com os alunos”* (Estanqueiro, A., 2010:37). Também Aires (1993:42) concorda com esta perspetiva *“se (...) são encarados hoje como a solução para os males da escola, deve dizer-se que tal visão é extremamente incorrecta. Eles não podem ser o centro da aula e contribuir para a passividade dos alunos”*.

Gestão do tempo

A gestão do tempo na sala de aula é um tema muito relevante pois dele depende, muitas vezes, a capacidade de concentração dos alunos. Assim, para que se consiga manter a atenção dos alunos e evitar perturbações da aula é importante que o professor planeie antecipadamente os *timings* que irá dedicar a cada tarefa na aula.

Segundo Veiga (2013:565), uma aula deverá conter três tempos distintos, formal, individual e ótimo, sendo que *“a articulação equilibrada destes três tipos de tempo leva os alunos a adiarem a gratificação imediata da necessidade de comunicação informal, aumenta a eficácia do ensino e previne os comportamentos indisciplinados”*.

O tempo formal é o período de tempo em que o professor transmite os seus conhecimentos e os alunos absorvem-nos através da escuta ativa. Tendo em consideração o mencionado acima, este período deve ser limitado para que se consiga manter os alunos atentos, motivados e sem perturbar a aula.

O tempo individual destina-se à realização de trabalhos individuais nos quais o professor não tem interferência e que permitem a recuperação da concentração por parte dos alunos.

O tempo ótimo é respeitante a momentos informais que permitem um maior relacionamento entre os estudantes e o próprio professor, como é o caso dos trabalhos de grupo.

Também Gagné, Golas & Keller (2005) consideram que o professor deverá adotar um processo de ensino com fases sequenciais, com tempos previamente planeados e preparados, com objetivos específicos, tendo início na captação da

atenção dos alunos para que possa transmitir os objetivos da aula e os conteúdos preparados salientando sempre a informação mais importante, passando por fornecer guias de estudo, concedendo tempo para os alunos praticarem os conteúdos assimilados, culminando no *feedback* e na avaliação do desempenho.

É ainda de realçar que os minutos finais da aula são de grande relevância pelo que o professor deve manter a atenção dos alunos até ao final pois de acordo com Veiga (2013:549) “*se os primeiros minutos da aula são fundamentais para, depois de anulados os distratores possíveis, salientar a importância dos conceitos a aprender, (...) os últimos minutos da aula devem destinar-se a uma revisão das duas ou três ideias mais importantes da matéria ensinada*”. Também Arends (2008:185) considera que o encerramento da aula é uma altura importante pelo que sugere:

Deixar tempo suficiente para completar atividades de encerramento importantes como juntar os livros, apontamentos (...).
Atribuir suficientemente cedo os trabalhos de casa para que qualquer confusão possa ser esclarecida antes do último minuto.
Estabelecer procedimentos de rotina para recolher os trabalhos dos alunos (...).

Gestão de conteúdos

É ao professor que cabe a responsabilidade pela gestão do currículo, nomeadamente adequá-lo às especificidades da turma, servindo o mesmo como um fio condutor das diversas matérias. Desta forma, os alunos “*são informados do ponto da matéria em que se encontram (...). (...) a estrutura do programa afigura-se-lhes lógica (...) pelo que eles próprios têm menos tendência a perder-se nas matérias ou a distrair-se nas aulas*” (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:133).

Para manter o interesse dos alunos nos conteúdos lecionados contidos no currículo, o professor deve aplicar um conjunto de metodologias que sejam eficazes para transmitir a matéria em causa, mas também que motivem os alunos para a sua aprendizagem. A diversidade de metodologias em sala de aula será uma mais-valia para o sucesso do professor na gestão da sala de aula. No entanto, o professor deverá sempre adequar as metodologias a aplicar à realidade de cada turma, visto que uma metodologia que se aplica com sucesso em determinada turma não é necessariamente eficaz para outra turma. É, assim, “*necessário ter a maleabilidade suficiente para variar as tarefas em função dos alunos*” (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:133).

Para a diversidade acima mencionada, o professor tem à sua disposição um conjunto de metodologias que, não se esgotando nas que proponho, passo a enumerar: exposição oral, exposição oral participativa/interrogativa, debates, mapas de conceitos, trabalho desenvolvido a pares durante a aula, trabalhos de grupo desenvolvidos na aula, apresentação e análise de vídeo em contexto educativo e jogos didáticos.

Relativamente à exposição oral, segundo Estanqueiro (2010:34) *“depende da matéria, dos objetivos da aula e do nível de escolaridade dos alunos”*.

Quando a matéria de um determinado capítulo é muito teórica ou extensa o professor não deverá querer lecionar todos os conteúdos de uma só vez, visto que *“importa a qualidade, não a quantidade. O excesso de informação provoca ansiedade e inibe a aprendizagem”* (Estanqueiro, A., 2010:35). Na transmissão dos conteúdos poderá ser interessante, para estimular a motivação dos alunos, o professor fazer associações com temas/objetos/situações do agrado dos alunos, *“partir das vivências dos alunos”* (Estanqueiro, A., 2010:35). Para que tal seja possível, o professor tem que ter um forte conhecimento das motivações pessoais de cada aluno e da turma como um todo. Outra estratégia que poderá ajudar à transmissão e compreensão dos conteúdos é o professor fazer alusão a exemplos reais, que consubstanciam a matéria, que ocorreram consigo ou com figuras conhecidas dos alunos. Neste ponto, e em algumas áreas de estudo, realça-se a mais-valia da experiência profissional do professor extra-escola.

A exposição oral deve ser bem balanceada ao nível de profundidade e tempo, tendo em conta a idade dos alunos pois, quanto mais novos forem, maior dificuldade de concentração terão durante médios/longos períodos de tempo. Neste sentido, não deve o professor utilizar uma exposição oral pura mas intercalar com a participação dos alunos ou com questões direcionadas aos mesmos, a chamada exposição oral participativa/interrogativa. Bruner (1986), representante clássico das teorias cognitivistas, é defensor deste método de ensino que visa uma maior interação e envolvimento dos alunos no processo de descoberta e no uso das metodologias científicas.

De facto, para além da exposição oral necessária *“para ajudar o aluno a adquirir a herança cultural da humanidade, ou seja, os saberes já constituídos nos domínios científico, tecnológico, literário e artístico”* (Estanqueiro, A., 2010:38), será sempre mais vantajoso combinar a exposição do professor com a participação dos alunos. A mera exposição oral por parte do professor torna-se cansativa e

desmoralizadora levando os alunos a viajarem para outros locais e temas dentro da sala de aula. O professor deverá incentivar a participação ativa dos alunos pois, desta forma, sentir-se-ão mais motivados pela interatividade que esta metodologia lhes proporciona e por poderem dar a sua opinião acerca dos conteúdos expostos e, também, ouvir a opinião dos outros colegas. Veiga (2013:550) acrescenta ainda, como vantagens deste modelo, *“promove nos alunos o gosto por aprender, desenvolve a criatividade, o insight, a capacidade de resolução de problemas, autoestima, e ainda o locus de controlo interno positivo”*. Esse incentivo pode ser materializado na forma de perguntas *“capazes de facilitar o diálogo e desenvolver a criatividade na aula (...), claras, abertas, positivas e desafiantes”* (Estanqueiro, A., 2010:45). Veiga (2013:550) considera que *“as perguntas úteis são as que colocam um problema, que conduzem à ação e estimulam o raciocínio dos alunos. Estas perguntas podem surgir no início e ao longo das aulas, pois o objetivo é fazer com que os alunos raciocinem e atuem em diferentes momentos”*.

Após colocar a questão o professor deve dar tempo suficiente para os alunos refletirem e poderem responder adequadamente à pergunta que lhes foi colocada. Outra vantagem do método de exposição oral participativa/interrogativa é potenciar e desenvolver competências de escuta ativa e de oralidade nos alunos.

O debate é uma metodologia *“em que os professores e os alunos, ou estes e outros alunos, falam uns com os outros e partilham ideias e opiniões”* (Arends, R., 2008:413). Os principais objetivos associados ao debate são, segundo Estanqueiro (2010:54), *“aprofundar conhecimentos e desenvolver competências de comunicação. Além disso é uma ótima estratégia para a educação moral e cívica dos alunos”* e Arends (2008:413) reforça a importância do debate considerando que:

Desenvolve o pensamento dos alunos e ajuda-os a construir os seus próprios significados dos conteúdos académicos. (...) Discutir um tópico ajuda os alunos a enriquecer o seu conhecimento acerca desse assunto.
(...) Promove o compromisso (...) dos alunos. (...) Para que haja uma verdadeira aprendizagem é necessário que os alunos se responsabilizem pela sua própria aprendizagem.

Esta metodologia deverá ser preparada com antecedência e clarificadas, logo à partida, as regras para a participação na mesma, bem como os objetivos e resultados que se esperam alcançar no final. Tal preparação não implica que não exista espontaneidade no debate visto que a mesma é salutar para o desenrolar do mesmo. Porém, a preparação permitirá mitigar resultados e comportamentos imprevisíveis. Para o bom desenrolar do debate é necessária a existência da figura

de um moderador, que poderá ser o próprio professor, ou algum aluno nomeado por este, por escolha direta ou por sorteio de acordo com as características da turma. Durante o debate, que constitui um instrumento de avaliação, o professor deve ter atenção ao comportamento e *performance* de todos os alunos, sabendo de antemão que uma turma é composta por alunos com diversos tipos de personalidade, que vão do mais tímido ao mais extrovertido. Nesse sentido, é necessário adotar estratégias adequadas a cada estilo, sendo que em alunos tímidos deverá incentivar à participação com perguntas diretas e simples para que ganhem autoconfiança e em alunos extrovertidos deverá refrear os seus comportamentos sempre que sinta que estão a invadir o espaço dos outros. Arends (2008:426) defende ainda que é importante que durante o debate *“seja mantido algum registo escrito”*.

A metodologia do mapa de conceitos, defendida por Ausubel (1978:56):

Trata-se de um método dedutivo (do geral para o particular), com o conceito sobressumidor no topo do sistema de conceitos, do qual vão derivando níveis de conceitos cada vez mais restritos. A aprendizagem deverá ocorrer através da colocação da nova informação num sistema hierárquico de conceitos, com compreensão das semelhanças e das diferenças entre o que já se conhece e a nova informação, ocorrendo uma reorganização da estrutura cognitiva.

Esta metodologia, que ao ser aplicada numa aula deve ser transmitida de início com detalhe e transparência aos alunos, suporta-se na identificação de exemplos e de não-exemplos associados a um determinado conceito, podendo o professor escolher entre duas abordagens para a aplicação do mapa de conceitos - a apresentação direta e a aquisição de conceitos. Arends (2008:323) descreve a apresentação direta como uma abordagem em que *“o professor começa por rotular e definir o conceito e a seguir apresenta exemplos e não-exemplos para reforçar a compreensão do conceito”*. Na aquisição de conceitos *“os professores dão exemplos e não-exemplos de um determinado conceito e os alunos descobrem, ou adquirem, o conceito por eles próprios, através do processo de raciocínio indutivo”* (Arends, R., 2008:323). No final de uma aula em que foi utilizada a metodologia do mapa de conceitos o professor deve ajudar os alunos a *“integrar o conhecimento conceptual que acabaram de adquirir”* (Arends, R., 2008:323).

O trabalho desenvolvido a pares ou em grupo em contexto de sala de aula é um método ativo de ensino que promove a interação dos alunos gerando a obrigatoriedade de socialização e relacionamento interpessoal, variáveis fundamentais para a construção do *eu* do aluno como pessoa individual e como

personalidade incluída numa sociedade. De acordo com Kaye & Rogers (1968:11) *“Trabalhar em conjunto é (...) a característica essencial do trabalho de grupo. (...) Cada membro do grupo é responsável perante os seus companheiros pela sua própria contribuição; (...) Por sua vez é crítico e juiz da contribuição dos outros”*. Para além da vertente social, os trabalhos a pares ou em grupo são importantes fontes de aprendizagem e partilha de conhecimentos, pelo que deve ser incentivada a sua realização na sala de aula.

A escolha do número de elementos para a realização de um trabalho cabe ao professor, passando esta decisão pela avaliação de diversas variáveis entre as quais podemos evidenciar o perfil da turma, a temática proposta para o trabalho, o tempo disponível para a realização do trabalho e o material didático disponível. No âmbito desta análise Kutnick & Rogers (1994:21) chamam a atenção para uma importante premissa que deve ser tida em consideração e que se prende com o facto de a interação entre os alunos ser diferente consoante o tamanho dos grupos. De facto, em grupos de pequena dimensão existe um maior envolvimento entre os alunos enquanto em grupos maiores a interação entre todos é mais difícil e pode existir a tendência por parte de alguns estudantes de passar a sua quota de responsabilidade para outros. O professor deve, assim, avaliar casuisticamente cada situação por forma a optar pela solução que melhor se integre nos objetivos do trabalho proposto. No entender de Kutnick & Rogers (1994:22) o trabalho a pares pode ser usado em dois tipos de aprendizagem: *“expert/novice”* e *“collaborative and co-operative”*. Os autores descrevem o primeiro tipo, *expert/novice*, como uma parceria em que um aluno que possui maiores conhecimentos em determinado âmbito ensina e apoia o seu par nessa matéria. O funcionamento desta abordagem é garantido devido à relação de proximidade geralmente existente entre os colegas. Quanto à abordagem *collaborative and co-operative* difere da anterior visto que, neste caso, estamos perante um nível de conhecimento similar entre os pares. Esta abordagem tem-se mostrado muito produtiva na resolução de problemas. Quanto aos trabalhos de grupo, de acordo com Kutnick & Rogers (1994:23) devem variar entre 4 e 8 alunos. Grupos de 3 alunos só devem ser criados em situações em que *“pupils have to work with apparatus, especially computers, the dynamic of a triad will allow two pupils to discuss problems while the third pupil manipulates the computer”* uma vez que *“the triad is the most likely grouping to bring out power disparities between pupils”* (Kutnick, P. & Rogers, C., 1994:23).

Os trabalhos de grupo permitem que o foco deixe de ser o professor, como sucede nas abordagens expositivas, para passarem a ser os alunos o centro das atenções, ritmando os trabalhos de acordo com as características associadas a cada grupo, em que os elementos individuais devem ser criteriosamente escolhidos pelo professor para que possam formar grupos equilibrados e justos. Efetivamente, pelas suas características próprias os trabalhos de grupo implicam o conhecimento profundo dos alunos por parte do professor *“no sentido de identificar líderes e alunos tímidos”* (Antão, J., 1993:39). Para que os trabalhos de grupo possam ser bem sucedidos é ainda importante que se faça a sua adequação à temática dos conteúdos em causa, que existam recursos didáticos ao dispor do professor para apoio à sua aplicação e que o mesmo domine as *“técnicas de dinâmica de grupos”* (Antão, J., 1993:39). É, no entanto, de realçar que apesar de deixar de ser o centro das atenções nesta metodologia ativa, o papel do professor é preponderante. A este respeito Kaye & Rogers (1968:13-14) referem o seguinte:

Evidentemente que, para os alunos, liberdade não significa fazerem só aquilo que desejam, quando querem e como querem. (...) Liberdade completa não é liberdade nenhuma; expõe as crianças à tirania das emoções passageiras e dá origem a um sentido de insegurança que pode levar a acções de desespero. (...) As crianças precisam de segurança proporcionada por uma estruturação das suas acções; precisam também de liberdade para actuar dentro dessa estrutura. O trabalho de grupo dá-lhes esta última liberdade. A orientação geral do trabalho, o campo da matéria a ser tratada, e certas indicações dos tópicos que irão ser desenvolvidos, são (...) fornecidos pelo professor. (...) o plano global depende da autoridade do professor.

Assim, depois de transmitir aos alunos a estrutura e regras do trabalho a desenvolver, o professor deve fazer um acompanhamento dos grupos de trabalho mas sem intervir no processo de tomada de decisão de cada grupo visto que essa tarefa cabe aos alunos, efetivamente *“o professor deverá contribuir constantemente para que as crianças se apoiem cada vez menos na sua opinião, e cada vez mais na sua própria iniciativa e juízo pessoal”* (Kaye, B. & Rogers, I., 1968:46).

O vídeo em contexto educativo tem vindo a ganhar adeptos por ter características únicas *“é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Nos atingem todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades, em outros tempos e espaços”* (Moran, 1995). A utilização do vídeo numa aula pode ter diversas aplicações pedagógicas e o professor pode suportar-se dele em diferentes fases da aula. O vídeo pode, por exemplo, servir para introduzir determinada temática estimulando o aluno a abrir a sua mente para a assimilação de novos conteúdos. O vídeo pode também servir como exemplo de determinada temática que o professor está a

explicar, clarificando conceitos e situações. O professor poderá também utilizar um vídeo para concluir um determinado conteúdo servindo, neste caso, como meio de síntese do mesmo. No entanto, o vídeo *per si* sem ser sujeito a qualquer análise não apresenta grande valor acrescentado. Na verdade, o vídeo só terá uma real utilidade para os alunos se for devidamente analisado através de um guião exploratório adaptado à exibição em específico e à turma em si. Assim, de acordo com Sacerdote (2010) *“o uso do vídeo educacional deve ser acompanhado de proposta pedagógica consciente das exigências de uma educação transformadora que priorize a criatividade, a pesquisa e a formação para a cidadania”*.

Os jogos didáticos surgiram no ensino das Ciências Económico-Sociais como uma poderosa metodologia que permite a aproximação entre o mundo académico e o mundo real dentro da sala de aula. Para além desta valência, os jogos didáticos motivam os alunos para a aprendizagem dos conteúdos lecionados e desenvolvem-nos ao nível da interação social. Phillips & Brandes (1977:8) consideram que os jogos podem servir de suporte de resolução de um conjunto de situações pedagógicas quando praticados de forma construtiva *“os jogos podem resolver problemas (...) que se encontram nas relações interpessoais. Podem auxiliar na inadequação social, pois desenvolvem a cooperação nos grupos; podem desenvolver a sensibilidade aos problemas dos outros, pois implicam confiança e promovem a interdependência bem como a independência da identidade pessoal”*.

Os tipos de jogos didáticos que se podem aplicar em sala de aula podem ser tradicionais, com recurso a materiais como o cartão e o próprio quadro, por exemplo utilizando os cartões como base para questões do tipo *Trivial Pursuit* ou *Quem Quer Ser Milionário* aplicando os conteúdos das aulas possibilitando *“rapidamente obter-se um certo número de problemas concretos que serão coletivamente discutidos”* (Antão, J., 1993:43), ou com recurso ao uso das novas tecnologias, computador, internet, telemóvel ou apoiados em plataformas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). Estes jogos podem ser aplicados individualmente ou em grupo e podem ser testados conhecimentos técnicos e comportamentais.

O papel do professor nesta metodologia de ensino é extremamente importante devendo o mesmo planear antecipada e detalhadamente a logística de todo o jogo. O docente deverá, assim, conhecer bem a turma em que pretende aplicar o jogo, nomeadamente ao nível cognitivo e comportamental, decidir se o jogo será para aplicação individual ou em equipa, e no caso de ser em equipa

estabelecer os grupos de trabalho podendo recorrer a diversos métodos (concurso, equipas equilibradas através da junção de elementos com características diversificadas), se for o caso escolher qual o *software* que melhor se aplica às características da turma e aos conteúdos a abordar e fazer a calendarização do jogo de acordo com o conteúdo programático e o número de aulas disponíveis para o efeito.

Gestão da comunicação

Uma das características enunciada pelos alunos presente num bom professor é a oralidade. Assim sendo, nas competências de comunicação interpessoal de um professor devem constar a boa entoação e dicção, falar de forma dinâmica evitando o discurso monocórdico e praticar a escuta ativa.

Para que um professor possa ser um bom orador *“a primeira condição para comunicar de forma eficaz é a competência científica”* (Estanqueiro, A., 2010:36). Por competência científica entende-se conhecer profundamente os conteúdos da matéria a lecionar. Só assim, será possível a um professor transmitir com segurança os conteúdos programáticos. Porém, não basta ter o conhecimento técnico e científico da matéria se a transmissão da mesma aos alunos não for clara e adequada. O ritmo da exposição da matéria deverá ser assertivo tendo em conta as especificidades da turma, *“um professor só vai longe se caminhar com os alunos”* (Estanqueiro, A., 2010:36). Ao longo da aula o professor deve certificar-se que a turma está a perceber a matéria. Para tal, de acordo com Estanqueiro (2010:36), o professor poderá sondar com o olhar a turma ou, sempre que possível, pedir para alguns alunos reformularem a matéria pelas suas próprias palavras.

No entanto, um professor não é apenas um mero veículo de transmissão de conteúdos pelo que terá necessariamente que ter competências de relacionamento interpessoal que são, geralmente, encontradas num estilo de liderança democrático. Entende-se por líder democrático, *“o professor que é capaz de escutar os alunos, que os incentiva a participar na resolução do problema e os leva a responsabilizarem-se pelos seus comportamentos”* (Vieira, H., 2005:69). Contrariamente, os estilos de liderança *laissez-faire* e autoritária não trazem benefícios para a relação professor-aluno, no primeiro caso pois *“os alunos fazem o que querem e a situação de indisciplina continua a persistir”* (Vieira, H., 2005:69), *“cria muitas situações de perfeito descontrolo na aula, terreno propício para*

comportamentos de todos os níveis de gravidade e obstáculo a qualquer aprendizagem. (...) Este estilo de autoridade deixa os alunos perfeitamente à vontade; as suas decisões têm como centro de preocupações o bem estar dos alunos, mais do que as preocupações académicas” (Amado & Freire, 2009:38), e no segundo caso “demasiado directivo, em que o diálogo não é possível” (Vieira, H., 2005:69), “vigilância constante e desconfiada (...) e de grande distanciamento afectivo; são professores irónicos para com os alunos, ridicularizando-os frequentemente e que usam como meio de controlo a ameaça e o castigo. O resultado é uma postura inicialmente amedrontada dos alunos mas que rapidamente se transforma numa grande variedade de desvios clandestinos (Amado & Freire, 2009:38).

Associada à gestão da sala de aula, a educação cívica contribui para a prevenção da indisciplina na medida em que *“visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (Direção-Geral da Educação, 2013:1). A “escola cidadã” (Santos, M., 2014:84) incute nos alunos “educação para os valores, que ajude a criança e o adolescente a clarificar os valores que orientam a sua vida permitindo-lhe tomadas de decisão mais fundamentadas e maior capacidade para se autodeterminar” (Amado, J. & Freire, I., 2009:133). Segundo Veiga, Musitu, Estévez & Jiménez (2011:68-69) “duas importantes medidas deveriam ser aplicadas no quotidiano na sala de aula, para prevenir os problemas de conduta, (...) transmissão de atitudes e valores de democracia e cidadania (...) e a criação de momentos de reflexão com os alunos sobre os problemas de comportamento na sala de aula”. “Assim, mais do que conhecimentos é necessário o desenvolvimento de competências e de atitudes de participação” (Afonso, M., 2007:16). Efetivamente, para além dos conhecimentos e competências técnicas, a escola cidadã transmite também competências sociais através da integração de “espaços, tempos, conteúdos e contextos propícios à construção e ao exercício da cidadania” (Santos, M., 2014:84). Mais uma vez, para que a escola se transforme numa escola cidadã é essencial dotar os professores de competências adequadas para que possam partilhar com os alunos e de forma perfeitamente integrada no currículo os valores e as bases da cidadania.*

3.4. Observar para melhor conhecer

Ficou patente no capítulo anterior que a prevenção, através da gestão da sala de aula, é a melhor aliada na manutenção da disciplina. Não obstante, nem sempre é possível inibir a ocorrência de indisciplina por parte dos alunos, *“por mais que se procure prevenir nem todos os desvios serão evitáveis”* (Amado, J., 2000:40).

Quando a indisciplina ocorre, o professor deve agir rapidamente para travar um comportamento que se não for intervencionado atempadamente poderá ter efeito de contágio e de rastilho. Contudo, esta intervenção não deverá ser efetuada sem planeamento adequado pois poderá ter no aluno e na turma um impacto nefasto e oposto ao pretendido.

Assim, para que o professor possa alterar comportamentos indesejados tem que diagnosticar com precisão o que pretende modificar, *“a identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas à prossecução dos objetivos visados”* (Estrela, A., 1984:135). Também Caldeira & Veiga (2007:134) consideram que é fundamental para a avaliação da indisciplina *“recolher informação pertinente que facilite um diagnóstico e uma intervenção”*.

Surge, neste seguimento, a recolha de informação como peça chave. O professor deverá, desta forma, iniciar um processo pormenorizado de recolha de dados dos comportamentos dos alunos para que possa ser proprietário do pleno conhecimento de variáveis fundamentais tais como quais os alunos que estão a ter comportamentos indisciplinados, que tipos de indisciplina e com que frequência ocorrem. Contudo, esta recolha de dados não deve ser feita de forma indiscriminada mas seguindo um plano previamente delineado onde devem constar as *“técnicas de recolha/produção de dados”* (Afonso, N., 2014:88).

A observação surge como uma importante técnica de recolha de dados pois *“o professor para poder intervir no real de modo fundamentado, terá de saber observar e problematizar”* (Estrela, A., 1984:26). Segundo Afonso (2014:91) *“a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos”*.

As observações com vista à clara identificação dos comportamentos indisciplinados poderão ser efetuadas pelo próprio professor, esta observação é designada por Estrela (1984:32) como “*observação participante*”, enquanto leciona os conteúdos programáticos, ou, caso tal não seja possível, por uma outra pessoa nomeada por ele como “*outros alunos, (...), por um pai, por um professor (...), pelo director da escola*” (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:49-50), a quem deverá ser explicado o objetivo da observação e qual o comportamento concreto a observar. É de realçar que a escolha pela primeira opção deve ser bem ponderada na medida em que “*simultaneamente actor e observador, a atenção do professor é solicitada e repartida por grande número de tarefas e de indivíduos, tornando ainda mais difícil uma observação objectiva e sistemática*” (Estrela, A., 1984:135).

Para além da observação direta, a “*hétero-informação*” e a “*auto-informação*” Caldeira & Veiga (2007:134-135) são igualmente meios de recolha de dados. A hétero-informação baseia-se na recolha de dados proveniente da opinião de pares, de encarregados de educação e da experiência de outros professores sobre a questão concreta da indisciplina. Por seu lado, a auto-informação refere-se à informação recolhida dos próprios alunos indisciplinados que descrevem na primeira pessoa aquilo que pensam sobre a indisciplina no âmbito da sua sala de aula.

O momento da observação direta é uma altura crucial em que o observador tem pouco tempo disponível para observar um conjunto de comportamentos diversificados, que ocorrem muito rapidamente, e, frequentemente, com diferentes alunos em simultâneo pelo que deverá apoiar-se num método de registo do que observa que lhe permita, de forma segura e eficiente, listar os acontecimentos à medida que eles ocorrem. Para tal, o observador tem à sua disposição um conjunto de métodos de registo dos acontecimentos e comportamentos que deverão ser escolhidos tendo em conta uma série de variáveis entre as quais a especificidade da turma, os tipos de comportamentos que ocorrem e o tempo disponível para observação. Nos próximos parágrafos farei uma breve descrição de um conjunto de técnicas de registo de comportamentos através da observação.

De acordo com Afonso (2014:92) as técnicas de observação dos comportamentos de indisciplina podem ter formato de estruturadas ou não estruturadas.

A observação estruturada “*inclui geralmente a utilização de fichas ou grelhas concebidas previamente em função dos objetivos de pesquisa nas quais*

se regista informação anteriormente pré-codificada, de teor quantitativo ou facilmente quantificável através de menções simples” (Afonso, N., 2014:92). É o caso da técnica de registo de frequência e do registo de duração que Lopes & Rutherford (2001:56-59) sugerem. A técnica de registo de frequência é a mais comumente utilizada pelos professores pois configura-se de fácil utilização aplicando-se a um grande número de comportamentos perturbadores. Esta técnica baseia-se na contagem do número de vezes que o comportamento indisciplinado ocorre e podem simplesmente ser anotados o número de ocorrências numa ficha previamente elaborada que contenha o nome do aluno em causa. Segundo Lopes & Rutherford (2001:57) esta técnica *“utiliza-se (...) para comportamentos cujo ciclo é bem definido e relativamente curto e cuja cadência torna possível o registo”*. O registo de duração é uma técnica que tem como objetivo aferir a duração de um determinado tipo de indisciplina. A sua aplicação é mais adequada que a técnica do registo de frequência nos casos em que a relevância do comportamento indisciplinado tem a ver com o tempo pelo qual o mesmo se prolonga e não com o número de vezes que o mesmo ocorre, pois mais do que registar o número de vezes que algo acontece é importante determinar com exatidão o tempo que esse comportamento é levado a cabo. O registo destas observações é extremamente simples pois apenas é necessário o uso de uma ficha pré-formatada onde o observador apontará a hora de início e de fim do comportamento bem como o nome do aluno que o está a praticar.

A observação não estruturada aplica-se quando o observador pretende narrar determinados acontecimentos que ocorrem na sala de aula em que a observação e posterior análise requer:

- dar uma noção geral do comportamento do aluno para que se possa identificar melhor o comportamento específico que é preciso mudar;
- determinar quais os alunos que são os principais responsáveis pela perturbação de uma aula num determinado momento;
- descobrir alguns factores-chave relativos ao ambiente que podem prender-se com o comportamento perturbador (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:55).

Esta técnica, também designada por Lopes & Rutherford (2001:54-55) como registo contínuo, baseia-se em, durante um curto período de tempo, registar a narrativa do comportamento do aluno, descrevendo o seu comportamento mas também toda a envolvente tentando identificar o que poderá estar a contribuir para o comportamento perturbador. Para tal, deve o observador produzir *“notas de campo manuscritas ou gravadas em áudio durante a observação ou imediatamente a seguir”* (Afonso, N., 2014:93). Nas notas de campo devem ser identificados

claramente o(s) nome(s) do(s) aluno(s) que pratica(m) comportamentos indisciplinados, a descrição do(s) comportamento(s) em causa, a envolvente contextual e o tempo em que a observação é efetuada. Outro registo que o observador pode utilizar para a observação não estruturada é o diário de campo que *“consiste num relato quotidiano da actividade do investigador, geralmente com um carácter reflexivo e prospetivo”* (Afonso, N., 2014:93). Por vezes esta técnica poderá ser complementada por técnicas de observação estruturada.

Os meios de recolha de dados hétero-informação e auto-informação apoiam-se em técnicas das quais são exemplo a entrevista e o inquérito por questionário.

A entrevista *“consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente”* (Afonso, N., 2014:97), sendo que o respondente será no caso da auto-informação os próprios alunos que têm comportamentos indisciplinados e no caso da hétero-informação terceiros que darão as respostas às perguntas que lhes são colocadas tendo como base o seu ponto de vista em relação aos comportamentos indisciplinados de outros. De acordo com Afonso (2014:98) as entrevistas poderão ser estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas. Nas entrevistas estruturadas *“cada entrevistado responde a uma série de perguntas preestabelecidas dentro de um conjunto limitado de categorias de respostas. As respostas são registadas de acordo com um esquema de codificação também preestabelecido. O entrevistador controla o ritmo da entrevista utilizando o guião (...) sem desvios”* (Afonso, N., 2014:98). Numa entrevista não estruturada *“a interacção verbal entre entrevistador e entrevistado desenvolve-se à volta de temas ou grandes questões organizadoras do discurso, sem perguntas específicas e respostas codificadas. O objectivo consiste em compreender o comportamento (...) sem impor uma categorização que limite excessivamente o campo da investigação. A estratégia de gestão da entrevista deve basear-se em perguntas abertas”* (Afonso, N., 2014:98). As entrevistas semiestruturadas encontram um meio termo entre os formatos descritos, *“o modelo global é o da entrevista não estruturada, mas os temas tendem a ser mais específicos”* (Afonso, N., 2014:98).

Os questionários são um conjunto de questões escritas às quais o inquirido responde na forma escrita. Por norma, o objetivo de um questionário é o de converter respostas em dados pré-formatados que, depois de tratados, permitam a obtenção de uma visão clara do fenómeno em estudo. As perguntas de um

questionário podem ser diretas ou indiretas e o formato das respostas pode ser do tipo:

(...) resposta não estruturada (...) pretende-se que o respondente elabore uma frase ou um pequeno texto que será depois objecto de análise do conteúdo, resposta curta (...) requiere-se apenas uma palavra ou uma frase muito sintética, resposta categórica (...) implicam apenas duas alternativas, em quadro ou tabela (...) quando se pretende recolher informação idêntica à do modelo de resposta curta mas com mais detalhe e de modo estruturado, em escala (...) pretende-se que o respondente situe a sua resposta num dos níveis de uma escala proposta, por ordenação (...) confronta-se o respondente com uma lista de proposições, sugerindo que as ordene em função de um critério específico e por listagem (...) apresenta-se uma lista de afirmações e pede-se que o respondente faça uma escolha (Afonso, N., 2014:104).

Com base na recolha dos dados, através do seu registo, o professor estará em condições de efetuar um tratamento e análise detalhados dos mesmos por forma a conhecer os tipos de indisciplina concretos que estão a ser levados a cabo durante as suas aulas.

Os dados recolhidos, como vimos anteriormente, podem revestir-se de formas quantitativas ou qualitativas. O tratamento e análise de informação quantitativa resultam de um *“processo de medição de um conjunto de variáveis, através do qual se atribuíram números em função de regras preestabelecidas”*, o seu tratamento é feito através de métodos estatísticos, e é muito mais rápido e direto que o tratamento e análise de dados qualitativos em que *“constrói-se e consolida-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo”* (Afonso, N., 2014:118). Neste último *“o investigador deve explorar e mapear a partir dos seus objectivos de pesquisa, mobilizando e testando estratégias produtoras de significados relevantes, transformando progressivamente os dados em elementos constitutivos de (...) texto científico”* (Afonso, N., 2014:118).

Só após o tratamento dos dados e sua análise é que o professor estará na posse do conhecimento necessário para estabelecer com mais segurança um conjunto de estratégias de combate à indisciplina na sala de aula.

3.5. Estratégias para a modificação do comportamento perturbador

Neste momento, o professor já dispõe de todas as informações necessárias à compreensão do problema da indisciplina, pelo que está em condições de encetar uma estratégia corretiva apropriada ou a combinação de algumas estratégias que deem origem à substituição do comportamento indisciplinado por um comportamento positivo que deverá ser duradouro. *“Os procedimentos disciplinares correctivos (...) tratam-se de procedimentos múltiplos, encadeados entre si de modos diversos, articulados com a personalidade do professor, (...) com o clima da turma e com a fase da aula”* (Amado, J., 2000:40).

Segundo Veiga (2013:555) *“alguns comportamentos inadequados podem ser ignorados sobretudo nos casos em que a intervenção do professor poderia trazer mais perturbação do que a opção de o ignorar”*. Esta estratégia para ser eficaz e mitigar os comportamentos identificados tem que ser usada com bom senso e tem que ter como base um conhecimento profundo do perfil de cada aluno. A esta estratégia em que se ignora o comportamento indisciplinado, Lopes (2010:81) acrescenta a possibilidade de simultaneamente elogiar qualquer ato positivo que o aluno realize. Esta estratégia conjunta é designada por *“reforço social”* e o objetivo é esperar que com este elogio o aluno se sinta motivado e valorizado a realizar o comportamento positivo e cesse o comportamento negativo.

Apesar do comportamento ignorado e do reforço social poderem ser estratégias aplicáveis e eficazes em algumas situações de atitude indisciplinada, o professor *“na maioria dos casos, vê-se obrigado a reagir”* (Hernández, L., 2009: 146) evitando, inclusive, que a indisciplina contage a turma. Nestes casos, o professor tem que agir rapidamente e através de um feedback assertivo chamar a atenção do aluno para a inadequação do seu comportamento.

Através do conhecimento do perfil de cada aluno o professor estará em condições de perceber se está perante uma situação em que pode e deve chamar a atenção imediata do aluno em frente de toda a turma ou, se pelo contrário, pode ser benéfico aguardar pelo final da aula e chamar o aluno individualmente e de forma construtiva identificar junto do mesmo a raiz do problema por forma a eliminar a indisciplina. Em qualquer dos casos é importante que o professor mantenha a calma, *“somente de cabeça fria poderá analisar e agir adequadamente”* (Aires, L., 2010:53) e utilize o diálogo com os alunos que estão a provocar a indisciplina *“procurando compreender os motivos que estiveram na base dos*

comportamentos identificados e fazendo com que estes alunos também compreendam o papel do professor” (Jesus, S.,2001:37).

Ainda numa ótica de *“integração/estimulação, (...) que embora estejamos sempre diante de tentativas do professor em fazer prevalecer a sua autoridade, elas possuem uma base humanista e exercem-se dentro dos parâmetros do respeito pela pessoa do aluno”* (Amado, J., 2000:40), o professor pode optar por outro tipo de estratégias como é o caso da gestão de contingências, do contrato comportamental e do sistema de créditos.

A *“gestão de contingências”* enunciada por Lopes & Rutherford (2001:91) procura incentivar os alunos a executar uma tarefa que lhes é menos agradável com a promessa de que no final da execução dessa tarefa poderão exercer uma outra atividade sendo esta do seu agrado. Para operacionalizar esta estratégia *“convém que utilize um comportamento de cada vez, definindo o comportamento-alvo a eliminar e atribuindo ao aluno que o realize, uma recompensa imediata”* (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:95). Associado à gestão de contingências poderá ou não estar associado um *“contrato comportamental”* que se consubstancia num acordo escrito entre professor e alunos estipulando as responsabilidades destes no que respeita a um determinado comportamento bem como à recompensa pela sua realização.

A estratégia do *“sistema de créditos”* (Lopes, J. & Rutherford, R., 2001:100) assenta na entrega ao aluno de um determinado número de créditos imediatamente após a realização do comportamento positivo. Estes créditos podem, em *timing* a definir com o professor, ser trocados por objetos de interesse do aluno. Deste modo, o professor espera incentivar os comportamentos positivos dos alunos eliminando progressivamente a indisciplina.

Ainda assim, postas em prática as estratégias apontadas acima que possuem um caráter de incentivo mais positivo, o aluno poderá insistir no comportamento de indisciplina. Nestes casos, o professor terá que optar por outro tipo de estratégias, a designada *“prevenção terciária”* de Amado & Freire (2009:151) ou *“correção pela dominação/imposição/punição”* de Amado (2000:42-45). *“Este tipo de correção assume (...) padrões de comunicação hierárquicos e (...) uma atitude (...) que traduz uma base de poder legítimo-coercitivo”* (Amado, J., 2000:42). Nos próximos parágrafos são apresentados alguns exemplos deste tipo de estratégias.

A “consequência lógica é uma orientação comportamental dada ao aluno, na sequência de algo inadequado por ele feito” Veiga (2013:556). Um exemplo de uma situação em que esta estratégia poderá ter aplicação é quando os alunos atiram papéis para o chão com a subsequente consequência lógica atribuída pelo professor de esses alunos apanharem os papéis que atiraram para o chão. Os alunos são responsabilizados pelos comportamentos inadequados que tiveram e têm a oportunidade de os corrigir. É importante realçar que as consequências lógicas diferem das punições as quais normalmente pressupõem a execução de tarefas que não estão estritamente ligadas ao comportamento indisciplinado.

A “perda de privilégios” (Aires, L., 2010:55) é uma estratégia que pode ser levada a cabo pelo professor para combater um comportamento indisciplinado e que simplesmente se baseia em retirar algo que o aluno gosta até que o seu comportamento esteja em conformidade com as regras estabelecidas pelo professor em contexto de sala de aula. Segundo Clarizio (1980:142) “*the effectiveness of this form of punishment will depend (...) on how much the student values the respective rewards*”. Neste tipo de medida corretiva é fundamental que, desde o início, o professor informe o aluno, de forma clara e inequívoca, de quais as atitudes, comportamentos e ações que terá que encetar para recuperar o privilégio que lhe foi retirado.

Outra estratégia que o professor poderá escolher é designada por Amado (2000:53) como “*isolamento*” e baseia-se na mudança de lugar do aluno para outra carteira, preferencialmente mais próxima do professor por forma a poder exercer um controlo mais apertado sobre o comportamento do aluno indisciplinado. Porém, esta medida só terá verdadeiramente reflexos na eliminação da indisciplina se a alteração de lugar for vista, na perspetiva do aluno, como um castigo. Efetivamente, se para o aluno a mudança de lugar até for benéfica, por variadíssimas ordens de razão como é o caso, por exemplo, de não simpatizar com o colega que tem ao seu lado, esta alteração em vez de ser um castigo aos olhos do aluno será um prémio o que em vez de travar o comportamento indisciplinado poderá vir a reforçá-lo.

Outra estratégia para travar a indisciplina e que pode ser usada pelo professor é *mandar o aluno para a rua*, expulsando-o da sala de aula. Esta estratégia pode ser utilizada pelo professor quando o comportamento indisciplinado do aluno chega a limites considerados intoleráveis, indo contra todas as regras de convivência em sala de aula. Esta estratégia pode ter carácter temporário ou permanente, isto é, o professor pode decidir pedir ao aluno para sair da sala de

aula para apanhar um *pouco de ar* e, dando-lhe o benefício da dúvida, permitir que regresse quando estiver mais calmo, ou, tendo sido o comportamento completamente inadmissível, ter que optar pela expulsão permanente do aluno naquela aula marcando, conseqüentemente, falta disciplinar.

A punição através da realização por parte dos alunos de trabalhos extra-aula é uma medida que poderá ser definida pela direção pedagógica da escola após o sucessivo desenrolar de comportamentos disruptivos e consecutivas advertências por parte dos professores e da própria direção sem surtirem qualquer efeito na modificação do comportamento do aluno. Estes trabalhos podem repercutir-se, por exemplo, na forma de atividades de limpeza da escola, durante ou após o horário escolar. É evidente que se estas atividades extra-aula forem realizadas pelo aluno durante o horário escolar este estará a ser duplamente penalizado.

Por fim, a escola poderá utilizar a suspensão ou até a expulsão do aluno como forma de eliminar, no caso desta última de forma definitiva, o comportamento disruptivo do mesmo. Claro está que *“most teachers are reluctant to use (...) because do not like to deny students access to the Educational benefits of schooling”* (Froyen, L., 1993:414).

Para finalizar este capítulo, enfatiza-se que *“competent teachers will use rewards more often than punitive measures in managing student behavior. (...) It is rarely desirable to use punishment alone, and it is most effective when (...) combined with other techniques”* (Clarizio, H., 1980:160). Aires (2010:58) considera que *“concretizada a penalização, restabeleça o mais rapidamente possível uma relação positiva com o(s) aluno(s) envolvido(s)”*. É ainda de referir que estratégias como *mandar o aluno para a rua*, punição, suspensão ou expulsão só deverão ser usadas em último caso, quando todas as anteriores estratégias, utilizadas de forma individual e combinadas, falharam.

3.6. Metodologia

Utilizando as observações e reflexões que tive a oportunidade de encetar no âmbito da disciplina de Iniciação à Prática Profissional III, precisamente com a mesma turma alvo da investigação do presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, tanto no papel mais passivo de observadora como também no papel ativo de professora, recolhi um conjunto de informação que me permitiu estudar em profundidade a turma e, conseqüentemente, conhecer as características da mesma. Foi através deste conhecimento que me foi possível formular a problemática central do presente Relatório:

“Como reduzir o comportamento perturbador dos alunos e potenciar um ambiente mais participativo nas aulas de Economia numa turma do 10º ano?”

Tendo como base os trabalhos de pesquisa e reflexão previamente realizados, tanto ao nível da observação realizada no primeiro semestre deste ano letivo e respetivas conclusões, como ao nível da revisão da literatura que culminou no desenvolvimento dos capítulos da contextualização teórica precedentemente expostos neste Relatório, foi possível o estabelecimento de uma metodologia assente no método científico e que funcionou como fio condutor do meu projeto de investigação.

A investigação teve início com a recolha de dados através da observação direta de aulas lecionadas pela Professora Cooperante, prévias às aulas que lecionei, nas quais utilizei também o registo de frequência e o registo de duração como técnicas de recolha de informação de base estruturada. Esta observação permitiu-me aferir e diagnosticar diretamente o comportamento perturbador dos alunos tendo as principais observações sido registadas num diário de campo.

Simultaneamente, e aproveitando as mesmas aulas assistidas lecionadas pela Professora Cooperante, apliquei aos alunos da turma um inquérito por questionário inicial sobre a temática da indisciplina e respetivas medidas de correção, por forma a identificar o seu meio sócio-familiar, a sua situação perante a escola no sentido do sucesso ou do insucesso escolar, a auto-avaliação do que consideram ser tipos de indisciplina e das situações de indisciplina que de uma forma auto e hétero avaliam como ocorrendo especificamente, no seio da turma, nas aulas de Economia e as medidas corretivas que, na sua opinião, podem ser aplicadas e que conduziram à modificação dos comportamentos perturbadores. O

tratamento e análise dos dados destes questionários conduziram a um conjunto de reflexões que permitiram desenvolver um plano estratégico para modificação do comportamento indisciplinado a aplicar aquando da minha lecionação da subunidade curricular que me foi atribuída.

As seis aulas que lecionei, todas com a presença da Professora Cooperante e duas também com a presença da Professora Orientadora, recaíram sobre os conteúdos da subunidade curricular 4.2. A Evolução da Moeda – Formas e Funções incluída na unidade curricular 4. Comércio e Moeda da disciplina de Economia A do 10º ano. Durante estas aulas, devida e previamente planificadas, apliquei diversificadas estratégias de gestão da sala de aula e procedi à observação direta dos comportamentos dos alunos. Foram sempre registadas as principais descrições e conclusões destas aulas lecionadas num diário de campo.

No final da última aula que lecionei, apliquei um questionário final aos alunos para aferir as suas opiniões sobre a eventual modificação dos seus comportamentos indisciplinados como resultado da aplicação das metodologias e estratégias que adotei na gestão de comportamentos no decorrer das seis aulas que lecionei face às opiniões que emitiram na fase do inquérito inicial.

A fase final da presente metodologia passou pela análise do inquérito final e das medições efetuadas durante as aulas lecionadas em que os resultados obtidos foram a base da reflexão e das conclusões finais da investigação e que permitiram a resposta à questão central da mesma.

4. Parte II – Trabalho desenvolvido na Escola

4.1. Caraterização da Escola

A Escola Secundária Eça de Queirós está situada no Bairro dos Olivais (Sul) na cidade de Lisboa e integra o Agrupamento de Escolas Eça de Queirós também constituído pela Escola Básica Integrada Vasco da Gama e a Escola Básica do Parque das Nações.



Figura 1 – Exterior da Escola Secundária Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>

A Escola Secundária Eça de Queirós foi criada pelo Decreto-Lei Nº 701/75 de 17 de Dezembro, tendo a sua designação inicial sido Escola Secundária dos Olivais, vulgo Viveiros (por se situar junto dos viveiros municipais), passando seguidamente a designar-se Escola Secundária dos Olivais Nº 1, por ter sido a primeira escola secundária a existir no Bairro dos Olivais (Sul), e desde 1989, quando o Ministério da Educação se decidiu pela atribuição de nomes de personalidades às escolas, adquiriu a sua designação atual tendo como patrono o nome do escritor Eça de Queirós, dada a proximidade da Escola com a atual Bedeteca, edifício que a tradição afirma ter sido a Toca, local escolhido por Eça, no seu livro *Os Maias*, para os encontros amorosos das personagens Maria Eduarda e Carlos da Maia.



Figura 2 – Exterior do Edifício Principal da Escola Secundária Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>

A Escola Secundária Eça de Queirós foi alvo de intervenção de remodelação e modernização no ano letivo 2008/2009 pelo que possui instalações e equipamentos modernos e atualizados.

A Escola ocupa uma extensa área com 6 edifícios. No edifício principal funcionam 52 salas distribuídas entre salas de aulas, oficinas e laboratórios. A Escola dispõe ainda de 2 auditórios, refeitório/cafetaria, biblioteca, secretaria, reprografia/papelaria e diversas salas de apoio à comunidade escolar.



Figura 3 – Biblioteca da Escola Secundária Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>



Figura 4 – Refeitório/Cantina da Escola Secundária Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>



Figura 5 – Auditório da Escola Secundária Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>

A oferta formativa do Agrupamento é muito completa, sendo constituída da seguinte forma:

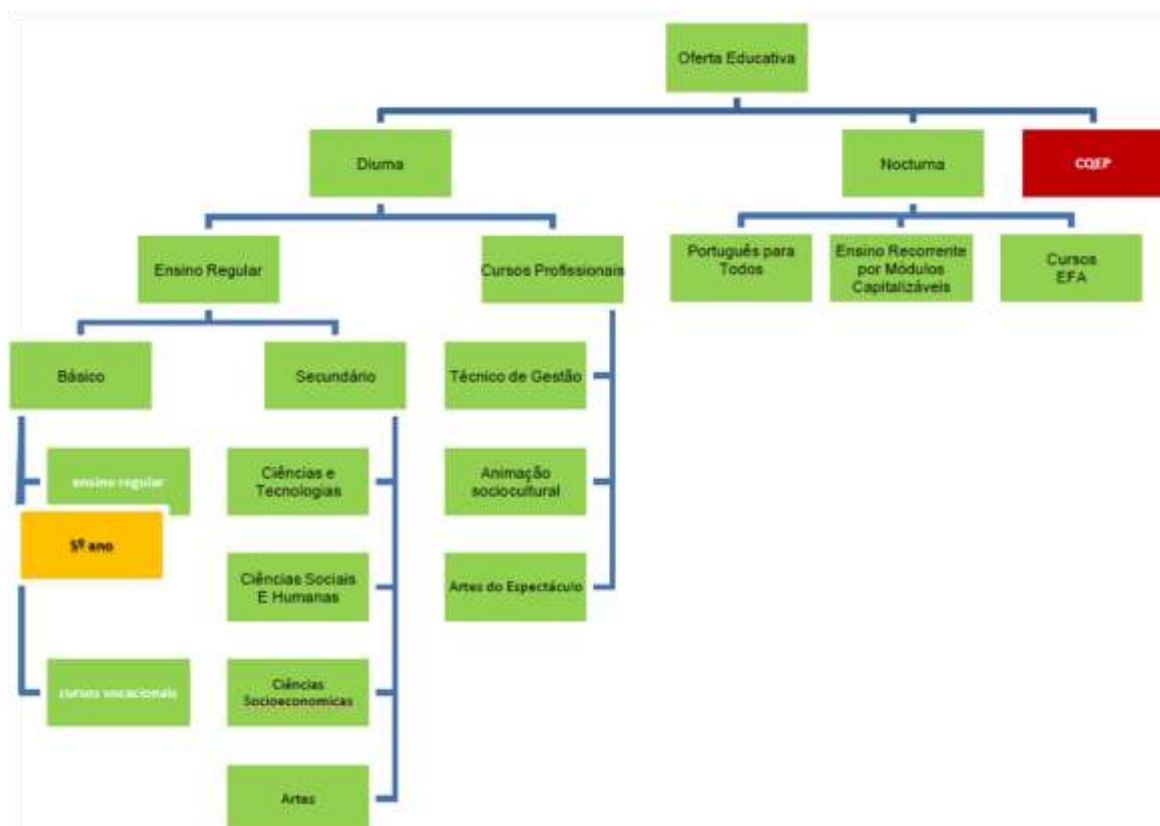


Figura 6 – Oferta Formativa do Agrupamento de Escolas Eça de Queirós

Fonte: <http://www.eseglx.net>

Em termos específicos, a Escola Secundária Eça de Queirós é responsável pelas seguintes atribuições em termos de oferta formativa: em regime diurno Ensino Secundário Regular e Profissional e em regime noturno Ensino Recorrente por Módulos Capitalizáveis, Cursos EFA e Formações Modulares.

Relativamente às disciplinas do grupo 430, a Escola Secundária Eça de Queirós leciona Economia, Contabilidade e Fiscalidade, Gestão, Cálculo Financeiro, Direito das Organizações e Sociologia.

Segundo a Inspeção-Geral da Educação e Ciência, no ano letivo de 2015-2016 frequentavam o Agrupamento de Escolas Eça de Queirós 138 crianças na educação pré-escolar (seis grupos), 431 alunos no 1.º ciclo do ensino básico (17 turmas), 302 alunos no 2.º (11 turmas), 497 alunos no 3.º (19 turmas) e 23 alunos num curso vocacional de nível básico (uma turma). No ensino secundário, há 447 alunos (18 turmas) em cursos científico-humanísticos, 94 alunos (quatro turmas) em cursos profissionais e 17 alunos (uma turma) num curso vocacional. A oferta

formativa inclui ainda cursos de educação e formação de adultos de nível básico e secundário (59 adultos, duas turmas) e o ensino secundário recorrente (22 alunos, duas turmas), totalizando 2.030 crianças, jovens e adultos. Existe também um Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional com 1.466 adultos envolvidos em diferentes etapas do processo de reconhecimento, validação e certificação de competências e 100 em turmas de Português para Todos.

A Escola Secundária Eça de Queirós é, atualmente, frequentada por aproximadamente 1.300 Alunos (TVI Reportagem: Escola da Vida, Escola Secundária Eça de Queirós, site, informações/multimédia) e tem uma diversidade cultural muito grande sendo as turmas cada vez mais heterogéneas e com diversos níveis socioeconómicos. Na Escola estão juntas 35 nacionalidades é “*o mundo dentro da própria Escola*” (TVI Reportagem: Escola da Vida, Escola Secundária Eça de Queirós, site, informações/multimédia).

De acordo com dados da Inspeção-Geral da Educação e Ciência, desempenham funções no Agrupamento de Escolas Eça de Queirós 196 docentes, dos quais 91,3% pertencem aos quadros, indiciando a estabilidade do seu corpo docente. A sua experiência profissional é significativa, pois 71,9% lecionam há 10 ou mais anos. O pessoal não docente é composto por 63 trabalhadores (50 assistentes operacionais, 12 assistentes técnicos e uma psicóloga).

No seu projeto educativo o Agrupamento de Escolas Eça de Queirós apresenta como missão:

Promover a Educação e Formação ao longo da vida nas valências escolar e profissionalizante, contribuindo para a formação integral das Crianças e Jovens, para educação e formação de Adultos e para o reconhecimento de competências adquiridas ao longo da vida. Preservar, reforçar e fomentar os valores sociais e de cidadania, para uma sociedade com melhor qualidade de vida e responsabilidade social, económica e ambiental desenvolvendo parcerias com as autarquias e o tecido empresarial da comunidade envolvente.

e os seus princípios orientadores são:

- Oferecer diferentes alternativas credíveis e de qualidade
- Promover o sucesso escolar
- Promover o desenvolvimento pessoal e social de Crianças e Jovens
- Valorizar o relacionamento afetivo com cada criança, base da sua formação
- Assegurar o direito à diferença, valorizando as características individuais e, no caso das crianças com NEE, as condições adequadas ao seu desenvolvimento
- Educar para os afetos
- Educar para uma cidadania responsável
- Promover uma sólida formação que garanta o prosseguimento de estudos
- Formar para desempenhos profissionais qualificados
- Responder a necessidades de Formação e Qualificação de uma população adulta de variadas proveniências e percursos, com diferentes objetivos
- Corresponder ao desejo de cultivar o gosto pelo Saber
- Dar prioridade a critérios de natureza pedagógica e científica sobre critérios de natureza administrativa
- Fomentar um clima que favoreça as relações interpessoais e a implementação de práticas educativas inovadoras
- Incentivar o trabalho cooperativo entre Professores
- Valorizar a imagem do Agrupamento e das Escolas que o integram
- Promover a eficiência e a eficácia na organização e gestão do Agrupamento

A avaliação externa realizada no ano de 2016 ao Agrupamento de Escolas Eça de Queirós pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência atribuiu a classificação de Bom em todos os domínios da avaliação, Resultados, Prestação do Serviço Educativo e Liderança e Gestão. A equipa de avaliação emitiu o seu parecer realçando os pontos fortes e as áreas de melhoria a ter em conta no Agrupamento de Escolas Eça de Queirós as quais sintetizo na tabela infra:

Tabela II – Pontos fortes e áreas de melhoria propostas ao Agrupamento de Escolas Eça de Queirós pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência no âmbito da avaliação externa realizada em 2016

Pontos fortes	Áreas de Melhoria
Bom ambiente educativo e o envolvimento dos alunos em projetos de mediação que se repercutem positivamente na sua integração com benefícios para o ensino e a aprendizagem	Definição de estratégias e de medidas de promoção do sucesso educativo que possam contribuir para a melhoria das aprendizagens e dos resultados, em especial no ensino secundário e nos cursos profissionais
Oferta educativa abrangente que tem permitido a elevação dos níveis de qualificação do público adulto e a resposta às necessidades das famílias e do tecido empresarial, contribuindo para a captação de novos alunos e reforço do papel interventivo do Agrupamento na comunidade	Intensificação do trabalho no âmbito da gestão horizontal e vertical do currículo de modo a conseguirem-se percursos educativos mais articulados e coesos e aprendizagens significativas
Envolvimento dos alunos em projetos nacionais e internacionais que propiciam a realização de aprendizagens estimulantes e enriquecedoras	Planeamento da ação educativa, através do reforço da articulação entre os documentos estruturantes, em coerência com a autoavaliação, do aperfeiçoamento do plano de estudos e de desenvolvimento do currículo e da implementação de planos de turma que oriente a ação dos diferentes profissionais para um trabalho cada vez mais eficaz
Ação da diretora nas áreas de reabilitação da imagem e do papel da Escola Secundária Eça de Queirós, no desenvolvimento do espírito de Agrupamento e na gestão de espaços e equipamentos	Processos de acompanhamento e supervisão da prática letiva em sala de atividades/aula que contribuam para o desenvolvimento profissional dos docentes e, consequentemente, para a qualidade das aprendizagens

4.2. Caracterização da Turma

O foco da investigação do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada é a turma E do 10º ano do Ensino Regular do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas.

A turma é composta por 28 alunos, 21 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com uma média de idades na ordem dos 15,07 anos, sendo, com exceção de um aluno que tem nacionalidade Angolana, todos de nacionalidade Portuguesa.

Da análise que realizei ao questionário individual (intitulado “A indisciplina na sala de aula” que englobava questões diretas e indiretas e respostas, na sua grande maioria, em formato estruturado de resposta curta, do estilo categórico e com listagem através de tabela) (Anexo A) que apliquei aos alunos da turma presentes numa das aulas a que tive a oportunidade de assistir, lecionada pela Professora Cooperante Isabel Mendes-Pinto, constata-se que 76% dos alunos vivem com ambos os pais e 20% dos respondentes vivem com um dos progenitores.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, verifica-se que tanto pai como mãe apresentam um nível elevado de formação académica, ou seja, 68% dos pais e 72% das mães são detentores do ensino secundário ou do ensino superior, e que nenhum se encontra em situação de desemprego.

Quanto ao histórico do número de retenções dos alunos da turma, da análise às respostas ao questionário apura-se que três alunos, uma do sexo feminino e dois do sexo masculino, já tinham reprovado no 10º ano de escolaridade. À questão que coloquei aos alunos no mencionado questionário “De 1 a 20 como avalias o teu aproveitamento escolar?” com o intuito de aferir a auto-avaliação que fazem de si próprios no que respeita ao seu percurso escolar a média obtida foi de 12,70 valores, tendo a auto-avaliação mínima sido abaixo da *linha de água*, 8 valores, e a máxima 17 valores.

Quanto à questão colocada relativa à ocupação dos tempos livres, estruturada com o objetivo de obtenção de uma resposta em listagem por tabela, 92% dos alunos é unânime em considerar a internet e o uso de redes sociais, sair com os amigos e falar ao telemóvel ou enviar SMS como as atividades mais

praticadas nos seus tempos livres, acompanhadas de perto por ouvir música com 88% de respostas por parte dos alunos. Ver televisão e jogar jogos de computador ou de consola são atividades de ocupação dos tempos livres que vêm no patamar seguinte, com respetivamente 76% e 68% de escolha por parte dos alunos. É de realçar que ler é a atividade que é menos desempenhada pelos alunos nas suas horas de lazer com apenas 16% de respostas por parte dos alunos. Estes resultados denotam uma forte tendência para a socialização por parte dos elementos da turma, seja presencialmente, corporizada no “sair com os amigos”, ou através das novas tecnologias, indicadas através da “internet e o uso de redes sociais” e “falar ao telemóvel ou enviar SMS”.

As aulas da disciplina de Economia A têm a duração de 50 minutos, e o horário da turma no ano letivo 2015/2016 era às quartas-feiras das 16h40 às 17h30 e das 17h40 às 18h30, últimos dois tempos do dia e posteriores às aulas de Educação Física, às quintas-feiras das 10h30 às 11h20 e das 11h30 às 12h20 e às sextas-feiras das 13h30 às 14h20 e das 14h30 às 15h20. Todos os intervalos entre cada aula de 50 minutos têm a duração de 10 minutos.

Da convivência que tive com a turma no decorrer das aulas observadas e lecionadas no âmbito da disciplina de Iniciação à Prática Profissional III (Figura 7), tive a oportunidade de observá-la detalhadamente, tanto ao nível das competências de aprendizagem como das atitudes comportamentais, e de recolher um conjunto de informação que me permitiu concluir sobre as suas principais características.



Figura 7 – Calendarização e Conteúdos das Aulas Observadas e Lecionadas no Âmbito da Disciplina de Iniciação à Prática Profissional III

Assim, ressalta da análise que a turma é muito numerosa e, apesar de ter no seu seio alguns alunos relativamente participativos quando incentivados pela Professora Cooperante, extremamente agitada tendo praticado, durante as aulas a que pude assistir e lecionar, alguns dos tipos de indisciplina presentes na Tabela I – Tipos de indisciplina. Dos tipos de indisciplina praticados pelos alunos mencionados na referida tabela, os que presenciei, alguns com ocorrência constante, outros de ocorrência pontual, foram os seguintes: chegar atrasados às aulas, conversar sobre assuntos ou tarefas alheias ao que se está a fazer, usar o telemóvel, sujar a sala de aula e copiar num teste.

Quanto ao primeiro comportamento indicado, presenciei a chegada de uma aluna à sala de aula com 10 minutos de atraso. A Professora Cooperante permitiu a sua entrada, fazendo, no entanto, claras advertências a esse comportamento. Esta aluna passou grande parte da aula com uma atitude de grande agitação e perturbação da aula culminando num riso de tom extremamente elevado que não deixou outra alternativa à Professora Cooperante que a de pedir a saída da aluna da sala de aula, usando a expressão *“apanhar ar”*.

Os alunos desta turma estão constantemente em rebuliço, conversando em plena aula sobre assuntos ou tarefas alheias ao que se está a realizar. Este burburinho decorre durante toda aula tendo a Professora Cooperante que pedir aos alunos com grande frequência para fazerem silêncio utilizando frases do género *“têm alguma coisa para partilhar?”*, *“ou têm juízo ou têm trabalho sobre...”*, *“o que é que se passa? Candidatos a ir até lá fora?”*, *“olhem, eu não vos aviso mais vez nenhuma”*, *“acabou!”*, que colocar questões individuais sobre a matéria aos alunos que estão a falar ou que se dirigir junto ao próprio aluno que se encontra a ter um comportamento indisciplinado e dizer-lhe *“a Professora está presente na sala de aula”*. Estes comportamentos dos alunos não ajudam à transmissão dos conteúdos perdendo-se o fio condutor da mensagem e tornando a aula menos produtiva. Associado ao que explanei acima relacionado com os resultados do inquérito, aparentemente, uma das principais razões que leva a este ruído permanente é o bom relacionamento existente entre os alunos da turma que prolongam as atitudes e comportamentos do intervalo à sala de aula.

O uso do telemóvel é um dos comportamentos indisciplinados que também ocorre em contexto de sala de aula com esta turma, não obstante a existência de um artigo no regulamento interno que proíbe expressamente o seu uso em sala de aula. Efetivamente, no decorrer das aulas por mim observadas, verifiquei a

utilização do telemóvel por parte de alguns alunos, tendo, numa dessas vezes, a Professora Cooperante retirado o telemóvel de uma aluna e colocado o mesmo em cima da sua mesa.

Outros comportamentos de indisciplina ocorreram também no decorrer das observações, tendo, contudo, estes sido de carácter pontual. No final de uma das aulas a sala encontrava-se com diversos papéis no chão tendo-se a Professora Cooperante insurgido contra esse comportamento da seguinte forma *“vou pedir aos meninos que foram responsáveis pelo lixo que está no chão para o apanharem. Podem ter a certeza que não saem de cá sem o chão estar limpo”*. Também utilizar cábulas com recurso a folhas de teste ocorreu com dois alunos desta turma.

Cruzando os resultados obtidos na observação direta das aulas com os resultados das respostas a algumas questões colocadas aos alunos no inquérito inicial, pude extrapolar que a indisciplina está, de facto, presente na turma mas, que apesar disso, possui algumas características que indicam que têm potencial para tentar ultrapassar estes problemas.

4.3. Unidade curricular e datas de intervenção

A disciplina de Economia A, lecionada no 10º e 11º ano, integra-se no tronco comum da componente de formação específica do curso geral de Ciências Socioeconómicas, tendo-lhe sido atribuída uma carga horária semanal de 4,5 horas. Na Escola Secundária Eça de Queirós a carga semanal é superior à prevista em 30 minutos semanais, fruto da esquematização horária em vigor, 50 minutos cada aula.

No programa de Economia A que se encontra atualmente em vigor os autores incorporaram um conjunto de competências ao nível dos conhecimentos e das atitudes que os alunos devem adquirir. No que respeita às competências cognitivas são elas compreender a perspetiva da Ciência Económica na análise dos fenómenos sociais, integrar os fenómenos económicos no contexto dos fenómenos sociais, compreender conceitos económicos fundamentais, utilizar corretamente a terminologia económica, compreender aspetos relevantes da organização económica das sociedades e conhecer aspetos relevantes das economias Portuguesa e da União Europeia. Quanto ao domínio comportamental, os autores consideram como essencial desenvolver hábitos e métodos de estudo, desenvolver o gosto pela pesquisa, desenvolver capacidades de compreensão e de expressão oral e escrita, analisar documentos de diversos tipos, interpretar quadros e gráficos, elaborar sínteses de conteúdo de documentação, utilizar técnicas de representação da realidade como esquemas-síntese, desenvolver o espírito crítico, desenvolver a capacidade de discutir ideias e desenvolver o espírito de tolerância, de respeito pela diferença e de cooperação.

O programa de Economia de 10º ano tem por objetivo principal iniciar os alunos no domínio da Ciência Económica visando a aquisição de conceitos fundamentais, partindo das realidades Portuguesa e Europeia.

Apresento na tabela infra as unidades curriculares compreendidas no programa de Economia A do 10º ano:

Módulo Inicial – Atividades de diagnóstico e de integração dos alunos
I – Introdução
1. A atividade económica e a Ciência Económica
II – Aspetos fundamentais da atividade económica
2. Necessidades e consumo
3. A produção de bens e de serviços
4. Comércio e moeda
5. Preços e mercados
6. Rendimentos e repartição dos rendimentos
7. Poupança e investimento

Tabela III – Unidades curriculares do Programa do 10º Ano de Economia A do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas

No decorrer das aulas que observei e lecionei neste semestre na Escola Secundária Eça de Queirós o âmbito dos conteúdos recaiu sobre uma das unidades curriculares do tema II - Aspetos fundamentais da atividade económica. O tema II é bastante lato incidindo sobre aspetos essenciais para a compreensão da atividade económica das sociedades, fornecendo um conjunto de instrumentos de análise económica fundamental para entender a realidade económica, partindo das realidades mais diretamente conhecidas pelos alunos, ou seja, as necessidades e o consumo, sendo, deste modo, compreensível para eles a necessidade de produção de bens e de serviços, bem como do seu comércio, que implica a utilização de moeda, sem esquecer que o ato de compra exige o estabelecimento de preços que dependem, em parte, do funcionamento dos mercados.

Dentro do tema II, foi a unidade curricular “4. Comércio e moeda”, especificamente a “Evolução da moeda – Formas e funções” que me foi assignada às aulas de lecionação, nas quais abordei os seguintes conteúdos:

- a) Troca direta e troca indireta
- b) Formas de moeda
- c) Funções da moeda
- d) A desmaterialização da moeda

A calendarização concreta dos meus trabalhos na escola foi a que de seguida apresento:

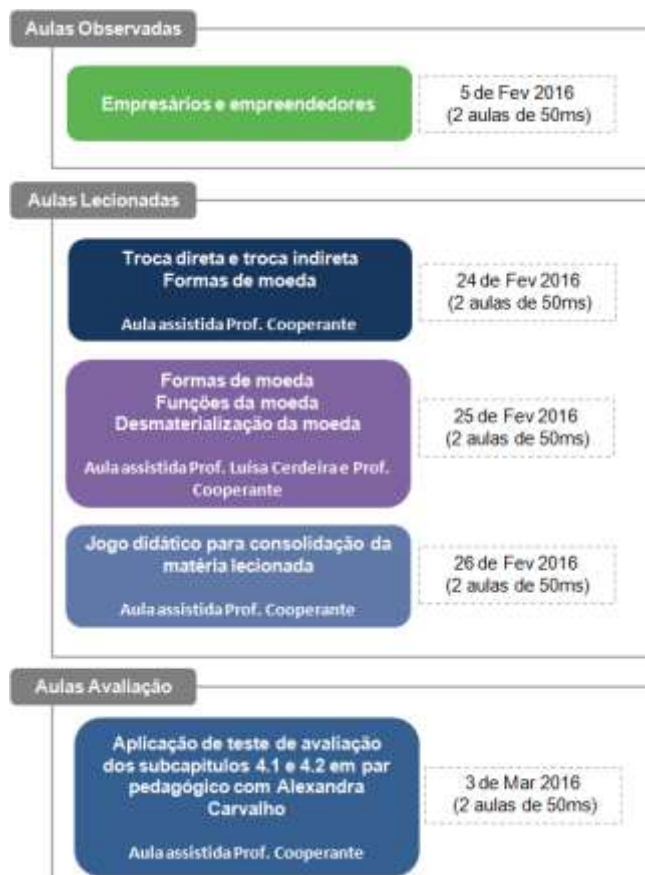


Figura 8 – Calendarização e Conteúdos das Aulas Observadas e Lecionadas no Âmbito da Disciplina de Introdução à Prática Profissional IV

4.4. Aulas observadas

As aulas que observei neste semestre, lecionadas pela Professora Cooperante Isabel Mendes-Pinto, tiveram lugar no dia 5 de Fevereiro de 2016, sexta-feira, e consistiram em duas aulas de 50 minutos cada no horário das 13h30 às 14h20 e das 14h30 às 15h20.

Estava convicta que tinha que aproveitar ao máximo estas aulas assistidas para conseguir *dar o pontapé de saída* para operacionalizar a metodologia de investigação a que me tinha proposto seguir. Como já mencionei no capítulo *metodologia*, o fio condutor do estudo que pretendo levar a cabo foi estabelecido, em parte, através do conhecimento que desenvolvi das características da turma, fruto das observações que retirei das aulas assistidas e lecionadas no primeiro semestre do presente ano letivo.

Assim, na metodologia que estabeleci, o primeiro passo, que constitui a estrutura basilar de toda a investigação, é a recolha inicial de dados relevantes para posterior análise da problemática. Esta recolha inicial estava então prevista para as aulas lecionadas pela Professora Cooperante através de métodos de observação direta e de aplicação de um inquérito por questionário inicial sobre a temática da *indisciplina na sala de aula*.

Era impreterível, desta forma, que fosse munida com um conjunto de ferramentas que apoiassem a recolha de dados para ambas as vertentes, sendo fundamental a preparação prévia das mesmas para o sucesso da sua aplicação, que condicionaria todas as posteriores etapas da metodologia. De acordo com Estrela (1984:135) *“a identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas à prossecução dos objetivos visados”*.

Conhecendo as características da turma estava consciente que tinha que ter alguma cautela com os instrumentos de recolha das observações diretas. Como tal, na escolha do instrumento de recolha a utilizar, tive em consideração que a turma é bastante numerosa e, na maioria das aulas, os alunos apresentam comportamentos indisciplinados. Sabia, assim, que iria ter pouco tempo disponível para observar diversos comportamentos em simultâneo com o objetivo de identificar quantas vezes ocorria, e em algumas situações que duração tinha, cada tipo de comportamento indisciplinado. Assim sendo, considerei que facilitaria a recolha

optar por uma observação estruturada associada à aplicação das técnicas do registo de frequência e de duração sugeridos por Lopes & Rutherford (2001:56-59). Como anteriormente mencionado, a técnica de registo de frequência baseia-se na contagem do número de vezes que o comportamento indisciplinado ocorre. Para tal, preparei uma ficha de observação e registo de frequência de ocorrência de comportamentos indisciplinados em que privilegiei a presença de informação como a data da observação, no caso 5 de Fevereiro de 2016, os intervenientes globais da mesma, Professora Isabel Mendes-Pinto, a turma E do 10º ano de Economia A do ano letivo 2015/2016 e eu própria, o foco da observação e análise, a turma E do 10º ano de Economia A do ano letivo 2015/2016, uma lista dos comportamentos indisciplinados, constantes na Tabela I, uma coluna onde possa registar marcas à medida que cada comportamento indisciplinado ocorre.

Adicionalmente, quis estar preparada para o caso de a Professora Cooperante aplicar uma metodologia em que fizesse sentido o registo das observações por intermédio de uma técnica de registo de duração que, como analisado anteriormente, tem como objetivo aferir a duração de um determinado comportamento indisciplinado, como é o caso do trabalho de grupo. Construí uma ficha de observação e registo de duração de comportamentos indisciplinados onde fiz a inclusão de elementos como a data da observação, no caso 5 de Fevereiro de 2016, os intervenientes globais da mesma, Professora Isabel Mendes-Pinto, a turma E do 10º ano de Economia A do ano letivo 2015/2016 e eu própria, o foco da observação e análise, a turma E do 10º ano de Economia A do ano letivo 2015/2016, a lista dos comportamentos indisciplinados, constantes na Tabela I, uma coluna com a atividade realizada e uma outra coluna onde consta um espaço próprio para indicação da hora de início e de fim da atividade, bem como a hora de início e do fim do comportamento indisciplinado.

Ainda para apoio à observação direta elaborei uma planta da sala de aula *em branco* para que fosse possível de forma expedita registar a localização exata dos alunos (Anexo B).

Para a preparação do inquérito por questionário inicial para aplicação aos alunos, tive em consideração as regras de construção dos inquéritos indicadas por Afonso (2014:104). A ideia era a de o questionário abranger uma série de questões de índole diversa, por forma a poder identificar o meio sócio-familiar dos alunos, a sua situação perante a escola no sentido do sucesso ou do insucesso escolar, a auto-avaliação do que consideram ser tipos de indisciplina e das situações de

indisciplina que de uma forma auto e hétero avaliam como ocorrendo especificamente, no seio da turma, nas aulas de Economia e as medidas corretivas que, na sua opinião, podem ser aplicadas e que conduziram à modificação dos comportamentos perturbadores, mas que ao mesmo tempo fosse intuitivo e de resposta fácil não tomando muito tempo da aula da Professora Cooperante. Decidi, então, efetuar o inquérito com questões diretas e indiretas e respostas, na sua grande maioria, em formato estruturado de resposta curta, do estilo categórico e com listagem através de tabela. Um pormenor bastante importante, principalmente tendo em conta o tema em questão, era garantir ao aluno a confidencialidade e o anonimato para que o mesmo se sinta à vontade de responder sem receios e de forma sincera às questões que lhe estão a ser colocadas.

Munida dos instrumentos necessários, assisti à aula da Professora Cooperante com o intuito de aferir em detalhe o comportamento atual dos alunos, detetando a existência de indisciplina, o seu tipo, frequência e tempo de ocorrência.

Minutos antes da aula propriamente dita ter início, tive a oportunidade de falar com a Professora Isabel Mendes-Pinto sobre a evolução do comportamento da turma face à última observação que tinha efetuado, há cerca de 3 meses atrás, que me informou que os alunos evoluíram negativamente em termos de atitude, não obstante todos os esforços envidados pelos professores da turma, nomeadamente através da realização de diversas reuniões para discussão do tema.

A aula teve início à hora prevista mas os alunos foram chegando à sala de aula a espaços tardando a sentar-se nos lugares que a Professora Isabel pediu (por ordem alfabética e conforme a planta em anexo – Anexo C). Os alunos ficaram descontentes com o que estava a ser pedido pela Professora e tentaram sem frutos efetuar alterações aos lugares.

Após os alunos se sentarem conforme a Professora Cooperante estabeleceu, a mesma prosseguiu com a aula registando no quadro o sumário das lições desse dia em que a temática a abordar foi “Empresários e empreendedores”.

A Professora Cooperante introduziu o tema da aula sempre numa perspetiva de despertar o interesse e a participação dos alunos através do habitual método de exposição oral participativa/interrogativa mas os mesmos não reagiram bem, estando constantemente a conversar uns com os outros sobre temas alheios aos que estavam a ser discutidos na aula. Esta conversa permanente ocorria em alto

tom enquanto a professora expunha os conteúdos e até quando utilizava o método interrogativo com alunos específicos, prejudicando claramente o andamento dos trabalhos e a aprendizagem.

Este comportamento perturbador persistiu durante toda a fase de exposição/interrogação e a Professora Cooperante tentou combatê-lo através de inúmeros pedidos de silêncio sem sucesso com frases semelhantes às que aplicava no 1º semestre “*têm alguma coisa para partilhar?*”, “*o que é que se passa?*”, “*silêncio!*”. Também os alertas devido ao uso não permitido de telemóveis tiveram ocorrência nestas aulas.

Seguidamente, a Professora Cooperante escolheu a apresentação de um vídeo didático sobre a *Science for You* e durante a visualização os alunos continuaram a conversar uns com outros. Ainda assim, sentiu-se um decréscimo no número de ocorrências em que as conversas são relacionadas com temas fora do âmbito da atividade que estavam a desenvolver, visto que algumas das conversas passaram a ser relacionadas com cenas que estavam a ocorrer no próprio vídeo.

A atividade que se seguiu envolveu a constituição de grupos de trabalho com 3 ou 4 alunos, com o objetivo de lerem textos sobre empreendedorismo que deveriam de ser analisados e depois apresentados os pontos-chave através de um porta-voz eleito no seio de cada grupo pelos elementos do mesmo. Detetei que mesmo envolvidos numa metodologia ativa e estando condicionados pelo tempo disponível para a execução da atividade, durante uma boa parte do trabalho os alunos estiveram entretidos com conversas alheias ao tema dos trabalhos. No entanto, os grupos fizeram os trabalhos propostos, apesar de não terem respeitado o *timing* estabelecido pela Professora.

No final da realização dos trabalhos de grupo a Professora Cooperante, a quem pedi autorização para a aplicação dos questionários, propôs que se utilizasse a altura em que os alunos estavam em grupo para aplicação dos meus questionários sobre indisciplina. Distribuí os questionários a cada aluno, explicando o motivo da sua aplicação, que se inseriam no âmbito do Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade, especificamente para a realização do Relatório Sobre a Prática de Ensino Supervisionada sob o tema “Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia”, e o facto de o questionário ser confidencial e anónimo, pedindo para que os alunos fossem sinceros nas suas respostas. Todos os alunos acederam ao preenchimento dos questionários que o fizeram em aproximadamente 12 minutos

(dentro do tempo que eu tinha previsto, o qual tinha informado a Professora para que pudesse ter essa situação em conta na planificação das suas aulas). Durante os questionários os alunos mantiveram-se em silêncio e não trocaram informações uns com os outros. À medida que os alunos iam terminando o preenchimento dos questionários procedi à recolha dos mesmos.

Já quase no término do último tempo da aula de Economia, houve oportunidade de ouvir os porta-vozes de alguns dos grupos, visto que como os alunos demoraram na execução dos trabalhos de grupo não foi possível proceder à apresentação de todos os grupos. É de realçar que foi durante a exposição dos colegas que os restantes alunos da turma se encontraram mais silenciosos.

Como complemento da observação estruturada optei também por utilizar um meio de observação não estruturada para registo das observações através da produção de *“notas de campo manuscritas durante a observação ou imediatamente a seguir”* (Afonso, N., 2014:93). Para tal realizei imediatamente após as aulas assistidas um diário de campo (Anexo D).

4.5. Resultados obtidos da observação direta e do questionário inicial (5 de Fevereiro de 2016)

Das duas aulas assistidas no dia 5 de Fevereiro de 2016 derivaram um conjunto de resultados no âmbito dos comportamentos de indisciplina, tanto provenientes da observação direta por mim desenvolvida, como do questionário inicial que apliquei sobre o tema “A indisciplina na sala de aula”.

Fruto da observação direta realizada e através das técnicas de registo de frequência e de duração de ocorrência verifiquei que se mantinha praticamente inalterado o tipo de comportamentos indisciplinados dos alunos quando comparados com as aulas a que assisti no 1º semestre deste ano letivo. De facto, os principais comportamentos indisciplinados que ocorreram durante as aulas de 5 de Fevereiro foram conversar sobre assuntos ou tarefas alheias ao que se está a fazer, acatando, em algumas situações, a chamada de atenção da professora para depois voltarem a falar, e usar o telemóvel. Foi possível identificar através da técnica de registo de frequência de ocorrência que no decorrer de 100 minutos de aula a Professora Cooperante teve que pedir 33 vezes para os alunos pararem de conversar, o que significa que, pelo menos, 20% do tempo útil de aula foi perdido em termos de aprendizagem devido ao comportamento conversar com os colegas sobre assuntos alheios à aula. Também através do uso desta mesma técnica de observação registei o uso indevido, por 5 vezes, do telemóvel por parte dos alunos. Da aplicação da técnica de registo de duração foi possível registar a observação de que os alunos chegaram atrasados e que até todos se sentarem nos seus respetivos lugares demoraram cerca de 7 minutos. Igualmente registada através do uso da técnica de registo de duração foi a observação levada a cabo durante o trabalho de grupo que tinha um tempo previsto de duração entre 15 e 20 minutos e foi notório que, na generalidade dos grupos, os alunos durante os primeiros 10 minutos ocuparam o tempo com conversas fora do âmbito do trabalho, tendo apenas iniciado o trabalho proposto pela Professora a partir dessa altura (em que teriam apenas 5, máximo 10 minutos para realizar o trabalho).

Para complementar a observação direta, por forma a especificar em detalhe em que alunos reside o principal foco de preocupação no que concerne aos comportamentos indisciplinados, foi utilizada uma planta da sala de aula onde cada aluno foi classificado como tendo um comportamento que “Não perturba”, “Perturba pontualmente” e “Perturba constantemente” (Figura 9). É de realçar que esta análise foi aplicada aquando do uso da metodologia expositiva/interrogativa/participativa.

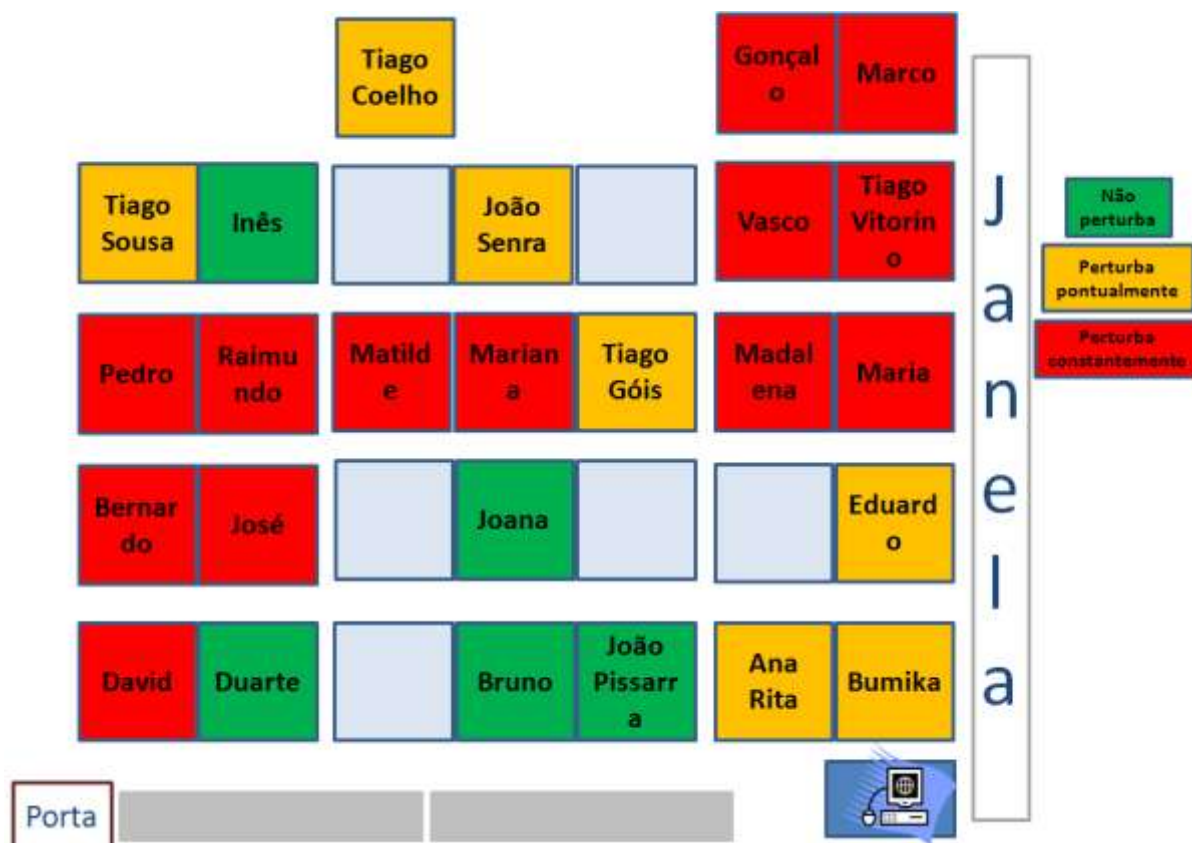


Figura 9 – Planta da sala de aula com indicação dos alunos que perturbam através de conversas com colegas alheias aos temas da aula

Da análise a esta planta de sala de aula percebemos que são 3 os grupos que provocam grande perturbação na sala de aula. Uma grande mancha no canto superior direito constituída por 6 alunos, em termos físicos, e apesar da Professora se deslocar pela sala com frequência, localizados a uma maior distância da parte frontal ocupada por mais tempo pela Professora, uma outra grande mancha formada por 5 alunos que se encontram do lado oposto ao mencionado grupo mas junto à porta e uma mancha representada por um par de alunas localizada a meio da sala de aula.

Olhando agora para os principais resultados do questionário inicial aplicado aos alunos no dia 5 de Fevereiro de 2016 sobre “A indisciplina na sala de aula”, começamos por analisar as respostas obtidas à questão “É indisciplina...”, espelhadas no gráfico infra (Gráfico 1).

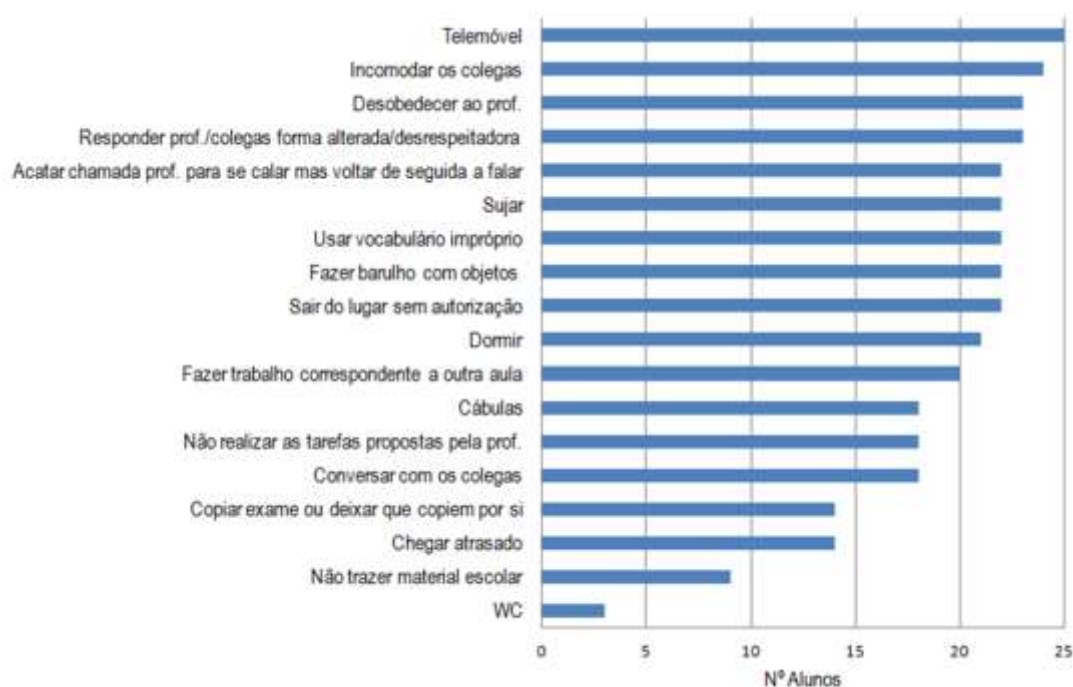


Gráfico 1 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “É indisciplina...” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016

Todos os alunos respondentes consideraram que utilizar o telemóvel em contexto de sala de aula é um tipo de indisciplina. Desobedecer ao professor, responder aos colegas e professor de forma alterada ou desrespeitadora, acatar a chamada da professora para se calar mas voltar de seguida a falar, sujar a sala de aula, usar vocabulário impróprio, fazer barulho com objetos, sair do lugar sem autorização, dormir e fazer trabalho correspondente a outra aula são também considerados tipos de indisciplina por pelo menos 80% dos alunos que responderam ao inquérito. Com menor número de respostas encontram-se comportamentos como conversar com os colegas, chegar atrasados e não realizar as tarefas propostas pela professora.

Contudo, quando questionados se “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados (...) ocorre na sala de aula durante as aulas de Economia?” os alunos deram as seguintes respostas listadas no gráfico abaixo por ordem decrescente de número de respostas dadas (Gráfico 2):



Gráfico 2 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados no quadro ocorre na sala de aula durante as aulas de Economia?” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016

Curiosamente, no topo dos comportamentos indisciplinados que os alunos admitem existir no seio das aulas de Economia A, está o conversar com os colegas sobre temas que não estão relacionados com o âmbito da sala de aula. Como Afonso (2014) sugere devem existir perguntas para cruzamento das informações obtidas através das respostas aos inquéritos sendo esta um exemplo claro dessa situação, visto que na pergunta anterior este comportamento indisciplinado não era tido pelos alunos como um dos mais respondidos e, chegados a esta fase, já a grande maioria admite a ocorrência do mesmo nas aulas de Economia como indisciplina. O uso de telemóvel foi, mais uma vez, considerado por uma grande fatia dos alunos como ocorrendo nas aulas de Economia.

Para os alunos são a influência de colegas perturbadores, ter um horário escolar pesado e quererem prolongar o intervalo na sala de aula os fatores com maior responsabilidade na ocorrência da indisciplina que ocorre nas aulas de Economia, conforme se pode verificar no gráfico infra (Gráfico 3):



Gráfico 3 – Resultado das respostas dos Alunos à questão “Para os tipos de indisciplina que consideras que ocorrem na sala de aula de Economia (que referiste na pergunta 12), assinala quais os principais fatores que contribuem para esse comportamento” no âmbito do questionário inicial aplicado no dia 5 de Fevereiro de 2016

Para travar a indisciplina na sala de aula de Economia, e em resposta à questão aberta “O que é que achas que poderia ser feito para combater a indisciplina na sala de aula?”, 40% dos alunos estão convictos em considerar que a Professora deveria de deixar de ser tão benevolente e mandar os alunos indisciplinados para a rua, alguns, inclusivamente, mencionam que devia marcar falta disciplinar. Outros alunos consideravam bem vinda alteração ao nível de *“Matérias mais práticas e não tão teóricas. Brincarem mais uns com outros criando um bom clima para as aulas não serem uma seca”, “Fazer aulas mais criativas, por exemplo com jogos”* e, também, *“diminuir o horário escolar”*.

Quando questionados sobre o tipo de aula que poderia combater a indisciplina, “Assinala com um X o tipo de aula que consideras prevenir a indisciplina na disciplina de Economia. Indica à frente quais as razões que te levam a ter essa opinião”, nenhum considerou que o método expositivo puro poderia ajudar, mas consideram que as aulas expositivas/interrogativas/participativas são positivas para combate à indisciplina *“Porque os alunos interessam-se mais pela aula e não sentem tanta necessidade de fazer outras coisas”*. Também os trabalhos de grupo são aulas apreciadas pelos alunos. Contudo, foi a aula com vídeos, com uma adesão de 80% dos alunos, a mais votada para combate à indisciplina *“As aulas mais interessantes para mim, adoro ver vídeos”, “Interatividade”*.

Em súmula, os alunos têm como principais comportamentos indisciplinados o estar constantemente a falar com os colegas sobre temas alheios à aula e a utilizar os telemóveis durante a aula, sendo unânime entre eles que os mesmos ocorrem nas aulas de Economia. 40% dos alunos combatia a indisciplina com a expulsão da sala de aula, mas existem alunos que comentam que tornar as aulas mais “leves” ajudaria, sendo que a visualização de vídeos, a utilização do método expositivo/interrogativo/participativo, e os trabalhos de grupo podem ser métodos eficazes para alcançar esse objetivo.

4.6. Aulas lecionadas

Com base no conhecimento da turma que desenvolvi na observação direta das aulas observadas e lecionadas no 1º semestre deste ano letivo e na observação direta realizada e nos resultados obtidos no questionário inicial aplicado aos alunos na aula assistida de dia 5 de Fevereiro de 2016, estabeleci o planeamento detalhado das 6 aulas que iria lecionar e que teriam lugar na semana 8, mais concretamente nos dias 24, 25 e 26 de Fevereiro de 2016. Conforme mencionado no capítulo *Unidade curricular e datas de intervenção* foi-me atribuída a unidade curricular “4. Comércio e moeda”, especificamente a “Evolução da moeda – Formas e funções”.

O planeamento que efetuei teve como arquitetura basilar a construção de estratégias de gestão da sala de aula que promovessem a atenção, interesse e motivação dos alunos para os conteúdos e atividades didáticas propostas, diminuindo os comportamentos indisciplinados que tinham vindo a apresentar ao longo das observações que efetuei, e incentivando a participação ativa e aprendizagem efetiva, ou, pelo menos, tentando cativar os alunos para a aprendizagem minorando a indisciplina. Acreditando, assim, que um bom planeamento prévio “é vital para o ensino” (Arends, R., 2008:92), desenvolvi um conjunto de Planos Formais das Aulas (Anexos E, F, G) onde, para além dos conteúdos a lecionar, da identificação clara dos objetivos e competências a atingir, ficaram bem patentes as questões da transmissão de regras em sala de aula, a gestão do tempo e a gestão de conteúdos. Inerentes a estas estratégias ponderei também as questões da gestão do espaço, gestão da comunicação e gestão comportamental. É, no entanto de realçar, que a planificação é uma base fundamental para a preparação e bom andamento das aulas mas é apenas e exatamente um plano de trabalho, um fio condutor, que pode e deve ser alterado quando o professor sente que faz sentido pois, de acordo com Arends (2008:93) “as planificações são feitas para serem alteradas”. Nas aulas que lecionei tive sempre esta preocupação, e na preparação final dos planos formais das aulas dos dias 25 e 26 de Fevereiro incorporei sempre as informações que me pareceram relevantes das aulas anteriores.

As duas primeiras aulas que lecionei, que tiveram a presença, na posição de observadora, da Professora Cooperante, desenrolaram-se no dia 24 de Fevereiro de 2016, quarta-feira aos últimos dois tempos letivos do dia, das 16h40 às 17h30 e

das 17h40 às 18h30, sendo exatamente a quarta-feira o dia em que *historicamente* os alunos se encontram mais indisciplinados, visto o horário letivo ser muito pesado, entrando na escola às 8h30 e terminado as aulas apenas às 18h30, amplificado pelas aulas de Educação Física que são lecionadas nos dois tempos imediatamente anteriores. É neste contexto que achei que fazia sentido iniciar as aulas partilhando com os alunos os resultados do questionário “A indisciplina na sala de aula”, que lhes tinha pedido para preencherem, bem como transmitir as linhas principais das minhas observações aos tipos de indisciplina por eles tidos na aula de dia 5 de Fevereiro. Para tal, tinha cuidadosamente elaborado uma apresentação em PowerPoint onde os resultados se encontravam espelhados e que cativaram a atenção dos alunos deixando muitos deles perplexos com os factos que tinham à sua frente.

Como *contra factos não há argumentos* aproveitei o embalo da temática para reforçar as regras de convivência nas aulas de Economia e quais os comportamentos que eram expectáveis os alunos terem ao longo das mesmas. Esta exposição foi realizada com o apoio de um poster com as regras de convivência da sala de aula de Economia (Anexo H), que eu tinha elaborado previamente em papel de fotografia, que afixei exatamente na altura em que ia iniciar a abordagem do tema tendo esta estratégia despertado claramente a atenção dos alunos. Para a partilha dos resultados dos questionários e das observações diretas e a transmissão das regras de convivência em sala de aula reservei 40% do tempo de uma aula.

Ainda preliminarmente ao início da abordagem dos conteúdos da sub-unidade curricular, pedi aos alunos para colocarem à sua frente em cima das mesas um conjunto de placas identificativas com os seus nomes, que eu tinha elaborado em computador e em formato bem visível, facilitando e agilizando, deste modo, a comunicação entre professora e alunos, evitando erros desnecessários.

Dando início à transmissão dos conteúdos da sub-unidade curricular, estava prevista para as aulas desse dia a leção dos capítulos de *Troca Direta e Troca Indireta* e a introdução de algumas *Formas de Moeda*. A primeira metodologia que utilizei para a transmissão dos conteúdos foi a expositiva/interrogativa/participativa. As razões que me levaram a optar, inicialmente, pela aplicação desta metodologia foram, por um lado, o facto de os alunos estarem habituados à utilização da mesma pois é a metodologia fundamentalmente usada pela Professora Cooperante nas suas aulas e, por outro lado, ser a exposição oral introdutória a metodologia de

eleição quando o objetivo primordial é *“ajudar o aluno a adquirir (...) os saberes já constituídos nos domínios científico, tecnológico”* (Estanqueiro, A., 2010:38). A exposição oral foi acompanhada por uma apresentação em PowerPoint de elaboração própria (Anexo I), e ao longo da mesma incentivei a participação dos alunos com perguntas diversas lançadas para toda a turma animadas pela utilização de exemplos do dia-a-dia dos alunos. Os alunos colaboraram com uma participação ativa, tendo eu elogiado os alunos quando tinham uma intervenção interessante e dando uma palavra de incentivo tentando motivá-los a continuar a participar mesmo quando as respostas não iam exatamente ao encontro do pretendido. Contudo, algumas *manchas* de ruído localizado iam perturbando a aula, as quais tentei eliminar através de pedidos de silêncio, de livre circulação por toda a sala de aula mostrando aos alunos a minha proximidade e atenção aos seus comportamentos e, principalmente, para além das questões que ia colocando abertas à livre participação de toda a turma, utilizando o reforço positivo, colocando questões diretas sobre a matéria que estava a ser lecionada aos alunos que estavam a ter comportamentos indisciplinados, diminuindo significativamente, nestas ocasiões, o burburinho de fundo.

Sabendo que as aulas expositivas, mesmo com a componente participativa e interrogativa incorporadas que as apazigua e que cria dinamismo na aula, são mais cansativas para os alunos, não me quis alongar mais de 25 minutos na exposição tendo optado pela diversificação de metodologias através da proposta de realização de uma ficha de trabalho individual, de elaboração própria (Anexo J), para aferir o cumprimento dos objetivos de aprendizagem. Os alunos demonstraram interesse na elaboração da ficha tendo, inclusivamente, alguns alunos pedido apoio para o esclarecimento de questões que lhes iam surgindo à medida que eu ia fazendo a minha deslocação ao longo de toda a sala de aula. No final dos 15 minutos que estavam previstos para a realização da ficha de trabalho, que os alunos cumpriram, fizemos a correção em voz alta com a participação ativa dos alunos, que fui acompanhando com o registo no quadro das respostas que ia obtendo.

Tivemos ainda tempo no final da aula para fazer uma síntese das duas lições de Economia do dia, que foi da autoria dos alunos acompanhados pela minha orientação.

As duas aulas de dia 25 de Fevereiro de 2016, realizadas entre as 10h30 e as 12h30 com 10 minutos de intervalo, foram assistidas pela Professora Cooperante e pela minha Professora Orientadora, a Doutora Luísa Cerdeira.

Para as lições desse dia estava prevista a lecionação dos capítulos *Formas de Moeda* (dando continuidade às formas de moeda lecionadas nas aulas anteriores), *Funções da Moeda* e *Desmaterialização da Moeda*, concluindo-se, assim, os conteúdos da sub-unidade. Tal como nas aulas anteriores, solicitei aos alunos que colocassem as placas identificativas com os seus nomes nas suas secretárias e afixei o poster com as regras para os relembrar dos comportamentos expetáveis que devem ter durante as aulas de Economia.

Dei início à aula com uma revisão dos conteúdos aprendidos nas aulas anteriores desta mesma sub-unidade curricular, tendo através de diálogo orientado sido os próprios alunos a fazer um *wrap-up* do que tinha sido lecionado. As intervenções da maior parte dos alunos foram muito pertinentes e reveladoras de que tinham estado a acompanhar a matéria nas aulas anteriores.

Tendo-me mais uma vez apoiado nos recursos informáticos da Escola, computador, projetor, tela e internet, optei, para a transmissão dos novos conteúdos, pelo uso da apresentação em PowerPoint (Anexo I). Para acompanhar as aulas os alunos estão ainda habituados à utilização do manual escolar da Texto Editora “*Economia A-10º Ano*”. A transmissão dos novos conteúdos foi acompanhada da ativa participação dos alunos que respondiam com muito interesse às questões por mim colocadas, sem ocorrência de indisciplina relevante. Esta exposição não ultrapassou os 30 minutos e as respostas dos alunos foram acompanhadas por elogios e incentivos da minha parte.

Na senda pela diversificação de metodologias e estratégias de ensino e também, no caso específico do meu estudo, pela necessidade de testar os impactos que certas metodologias têm nos comportamentos dos alunos, dei seguimento à aula com a apresentação de um vídeo didático. Tendo sido uma das metodologias que no questionário que apliquei agradava a grande parte dos alunos, achei que seria uma boa opção para os cativar e motivar e, deste modo, assimilarem melhor os conceitos e não incorrerem em comportamentos indisciplinados. Antes da visualização propriamente dita do vídeo que previamente escolhi e transformei para melhor adequação ao público-alvo, distribuí aos alunos um guião de exploração do vídeo (Anexo K), ao qual teriam que reponder após a visualização, e analisei detalhadamente, em conjunto com eles, o seu conteúdo

para que estivessem previamente preparados para as questões a que teriam que dar resposta. Para a realização das respostas às questões colocadas no guião propus a formação de pares de trabalho adjacentes. A resposta a este guião exigia total concentração por parte dos alunos, que corresponderam a esta exigência não tendo tido qualquer comportamento menos positivo ao longo do vídeo que tinha a duração de 3 minutos e 5 segundos. No final, os alunos pediram para rever o vídeo para colmatarem alguns pontos que ficaram menos claros no seguimento da primeira visualização.

Após a visualização do vídeo, acedendo com grande empenho à realização da atividade proposta, para a qual dispunham de 20 minutos, os alunos colocavam diversas questões à medida que eu ia passando perto deles, no âmbito da minha estratégia de gestão do espaço. Os alunos demoraram mais do que o previsto na resposta às questões de exploração colocadas no guião e, quando terminaram, procedemos à imediata correção do mesmo tendo sido os próprios alunos a voluntariar-se para irem ao quadro efetuar a correção.

Os minutos de atraso que ocorreram aquando de toda a atividade do vídeo, desde a sua visualização à sua exploração, não foram possíveis de recuperar durante a correção do mesmo pelo que a síntese das lições do dia prevista no plano de aula não foi efetuada.

As últimas duas aulas, a realizar no dia 26 de Fevereiro de 2016 entre as 13h30 e as 15h20 com um intervalo de 10 minutos, estavam previstas no meu planeamento ser aulas de revisão e preparação para o teste de avaliação. No entanto, não quis fazer desta aula de revisão uma aula comum, em que a professora pergunta e os alunos respondem, e decidi arriscar e ser irreverente construindo um jogo didático para a consolidação de conhecimentos e conteúdos lecionados na minha sub-unidade curricular, a que dei o nome de *Money Matters*. O objetivo didático específico desta metodologia relaciona-se com os alunos praticarem e consolidarem de forma motivadora os conceitos já aprendidos nas aulas anteriores e o objetivo do jogo, visto como um desafio em si, é terminar com a pontuação mais alta de todos os grupos.

O *Money Matters* (Anexo L), deu-me imensa satisfação na sua construção, que foi inspirada no formato conjugado do *Quem Quer Ser Milionário* e do *Time's Up*.

O início da aula foi marcado pela explicação detalhada das regras e objetivos deste jogo didático e atribuir aos alunos as suas funções e contribuições esperáveis para o bom decorrer do mesmo. A atribuição de funções a cada aluno foi previamente delineada e pensada por mim ponderando as características que identifiquei ao longo dos vários meses de convivência (Anexo M). No decorrer da aula o planejamento que tinha delineado relativo à atribuição de funções teve que ser flexibilizado visto que 3 alunos faltaram às aulas.

Após todos os trabalhos prévios concluídos, o jogo teve o seu início desenrolando-se com muita animação por parte dos alunos que se encontravam muito entusiasmados mas bastante agitados.

No final do jogo, identificou-se o grupo vencedor e foi distribuído um prémio de participação a todos os alunos da turma e não apenas aos vencedores.

Nos minutos finais da aula, pedi aos alunos que preenchessem o questionário final “A indisciplina na sala de aula” (Anexo N), ao qual deveriam responder tendo como base as experiências que viveram ao longo da semana em que estive a lecionar.

Ao longo das aulas que lecionei fui registando o comportamento e a participação dos alunos nas grelhas de observação das aulas (Anexo O).

No dia 3 de Março de 2016 teve lugar a avaliação sumativa, através da realização de um teste de avaliação dos conteúdos por mim lecionados conjuntamente com os do meu par pedagógico. Este teste teve elaboração conjunta por mim e pelo meu par pedagógico (Anexo P). Estivemos presentes na supervisão *in loco* do teste de avaliação conjuntamente com a Professora Cooperante. Para o caso dos alunos terminarem o teste antes do tempo previsto elaborámos uma sopa de letras didática (Anexo Q) que foi efetivamente aplicada na prática.

4.7. Resultados obtidos da observação direta e do questionário final (no seguimento das aulas lecionadas)

Das seis aulas lecionadas nos dias 24, 25 e 26 de Fevereiro de 2016, derivaram um conjunto de resultados no âmbito da evolução dos comportamentos de indisciplina dos alunos. De seguida, irão ser apresentados os resultados das duas perspetivas, uma relacionada com a minha observação direta ao longo das aulas que lecionei, e outra resultante dos questionários finais sobre “A indisciplina na sala de aula” aplicados aos alunos no final da aula do dia 26 de Fevereiro.

Quanto à observação direta do comportamento dos alunos realizada nas aulas que lecionei, considero que os resultados não podem ser retirados em “bolo” mas devem ser enquadrados nas situações e atividades vivenciadas, pelo que irei apresentar cada um de acordo com o dia específico de ocorrência. Assim, no dia 24 de Fevereiro, verifiquei que existiu uma ligeira melhoria do comportamento dos alunos face ao observado no dia 5 de Fevereiro, apesar de alguns alunos continuarem a apresentar comportamentos de indisciplina principalmente ao nível da conversa com os colegas. Opostamente, no dia 25 de Fevereiro não considero terem existido comportamentos indisciplinados tendo-se sentido uma forte evolução positiva no comportamento dos alunos face ao dia anterior. Por fim, no dia 26 de Fevereiro de 2016 os alunos estiveram agitados por causa do jogo didático mas tiveram, no geral, comportamentos participativos e ativos, com exceção de um grupo específico que teve a certa altura um comportamento inadequado em relação a outros colegas. Os comportamentos observados foram registados nas grelhas de observação.

Como mencionado, no final do dia 26 de Fevereiro, após o jogo, pedi aos alunos para preencherem os questionários finais sobre “A indisciplina na sala de aula” nos quais, através das suas respostas, ficariam evidenciados os impactos das estratégias aplicadas no decorrer da semana em que estive a lecionar.

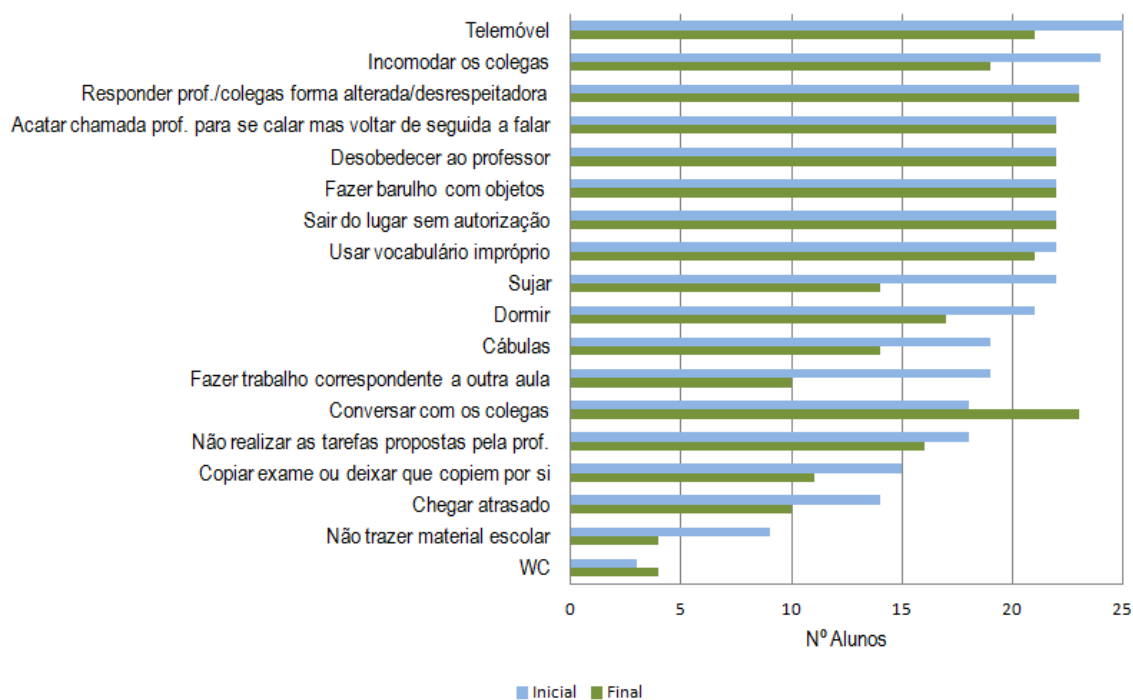


Gráfico 4 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “É indisciplina...” obtidas no âmbito dos questionários inicial e final aplicados, respetivamente, nos dias 5 de Fevereiro de 2016 e 26 de Fevereiro de 2016

Analisando comparativamente as respostas obtidas à questão “É indisciplina...” (Gráfico 4), verificamos que apesar de alguns comportamentos considerados como muito votados no questionário inicial terem diminuído ligeiramente o número de respostas obtidas continuam a ser claramente considerados como indisciplinados, falo do caso do telemóvel e de incomodar os colegas. Em sentido oposto, foi reforçada nos alunos a perceção de que conversar com os colegas é um comportamento indisciplinado. Os restantes comportamentos que se encontravam no questionário inicial acima dos 80% de respostas continuam inalterados.

Quando a seguinte questão é colocada aos alunos “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados (...) ocorreu na sala de aula durante as aulas de Economia desta semana?” são obtidas as seguintes respostas comparativas listadas no gráfico abaixo (Gráfico 5):

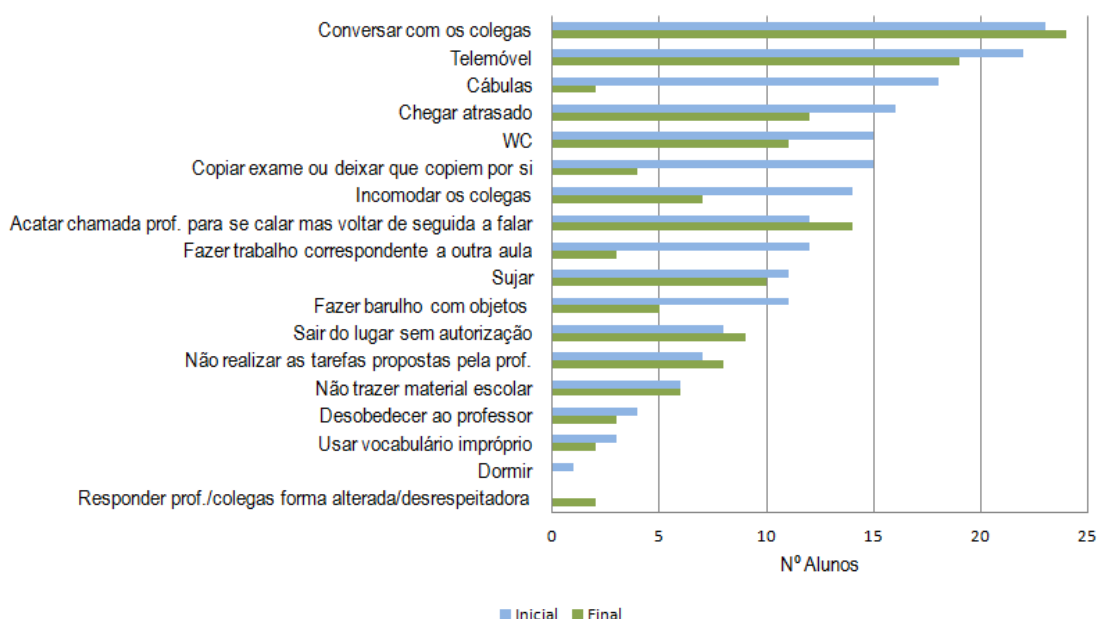


Gráfico 5 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados (...) ocorreu na sala de aula durante as aulas de Economia?” obtidas no âmbito dos questionários inicial e final aplicados, respetivamente, nos dias 5 de Fevereiro de 2016 e 26 de Fevereiro de 2016

Verifica-se que, para a grande maioria dos comportamentos de indisciplina apresentados no gráfico (Gráfico 5), existe uma tendência para a diminuição da sua ocorrência, sendo de realçar, pela quebra acentuada que tiveram, o uso do telemóvel, as cábulas, chegar atrasado, pedidos constantes de idas ao WC, copiar num exame ou deixar que copiem por si, incomodar os colegas, fazer um trabalho correspondente a outra aula e fazer barulho com objetos. Na direção oposta, mas apenas com uma resposta de diferença face ao questionário inicial estão os comportamentos de conversa com os colegas e acatar a chamada de atenção da professora mas voltar de seguida a falar.

Tal como na questão anterior, também as respostas à questão “Para os tipos de indisciplina que consideras que ocorreram na sala de aula de Economia desta semana (...) assinala quais os principais fatores que contribuíram para esse comportamento” sofreram uma redução significativa. Desta forma, todas as possíveis causas que podem estar na origem dos comportamentos perturbadores apresentam um menor número de respostas quando comparadas com o questionário inicial, exceção feita para ter um horário escolar pesado que aumentou 1 resposta. No gráfico infra (Gráfico 6) são apresentados os resultados:

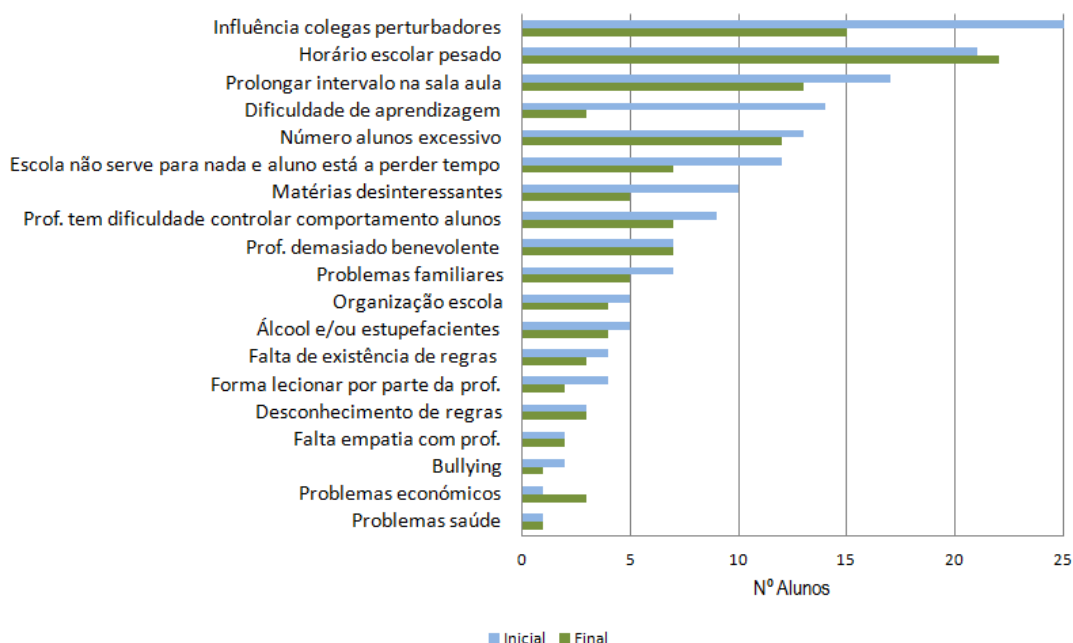


Gráfico 6 – Comparação dos resultados das respostas dos Alunos à questão “Para os tipos de indisciplina que ocorreram na sala de aula de Economia desta semana (...) assinala quais os principais fatores que contribuíram para esse comportamento”

Por fim, para travar a indisciplina na sala de aula de Economia, e em resposta à questão aberta “O que é que achas que poderia ter sido feito para combater a indisciplina na sala de aula de Economia durante as aulas desta semana?”, 32% dos alunos consideram que a Professora deveria de ter sido menos benevolente e ter mandado para a rua os alunos indisciplinados (32% vs 40% do questionário inicial). Outras respostas obtidas mencionavam ser interessante a aplicação de mais jogos didáticos. Deixo em nota final dois comentários que abonam positivamente os resultados da semana de lecionação “Em geral, esta semana as aulas foram interessantes” e “Eu penso que esta semana foi bastante produtiva e que o comportamento foi bom, à exceção da aula de hoje (sexta), que foi uma aula mais descontraída”.

4.8. Reflexões

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada surge como um instrumento de consolidação de um intenso processo de aprendizagem que tenho vindo a desenvolver ao longo dos dois anos de frequência do Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade. Neste documento, estão, assim, presentes um conjunto de ensinamentos e experiências que tive a oportunidade de vivenciar ao longo de todo o curso e que muito contribuíram para o meu crescimento profissional.

O caminho para a identificação da temática deste Relatório ficou, para mim, claro desde cedo, quando, no âmbito da disciplina de Iniciação à Prática Profissional III, tive a oportunidade de exercer a minha observação e lecionação numa turma com comportamentos perturbadores em contexto de sala de aula. A existência destas características permitiram-me, assim, explorar a temática da indisciplina que se encontra dentro do rol dos meus interesses pessoais e que tive agora a oportunidade de aprofundar.

Em diálogo com a Professora Cooperante, que já me acompanha desde o primeiro ano de curso, percebi que esta turma apresenta um comportamento consideravelmente mais indisciplinado que as turmas que nos últimos anos têm frequentado a disciplina de Economia A, e que face ao período anterior, altura em que os conheci, os alunos têm vindo a decair no seu comportamento o que tem despoletado grande preocupação do corpo docente, pois as reclamações comportamentais não se cingem apenas à disciplina de Economia.

Surgiu, deste modo, o tema “Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia” como um grande desafio.

A temática da indisciplina é extremamente sensível e ao longo de todo o processo tive que tomar uma série de decisões e fazer escolhas que não foram fáceis de gerir mas que fazem parte do processo de aprendizagem e de crescimento.

Pus mãos à obra e recolhi um conjunto de informação da turma de âmbito comportamental que, complementada com a que já possuía dos trabalhos realizados no 1º semestre deste ano letivo, me ajudou a construir estratégias que

após a sua implementação me ajudaram na persecução dos meus objetivos. Para tal, muito ajudaram as aulas a que assisti da Professora Cooperante que não só me permitiram encetar um conjunto adicional muito útil de observações diretas, já intensamente explanadas nos capítulos precedentes do presente Relatório, como também fazer a aplicação de um questionário inicial aos alunos. A aplicação dos questionários iniciais aos alunos foi muito importante, pois dos resultados que obtive pude perceber quais as suas considerações base na matéria em causa, com a vantagem de que não existiria qualquer entrave à sinceridade das respostas visto que a confidencialidade e o anonimato estavam garantidos.

As aulas que lecionei foram relativas à unidade curricular “4. Comércio e moeda”, especificamente a sub-unidade “Evolução da moeda – Formas e funções”. Uma matéria interessante mas com uma forte componente teórica que mal gerida poderia ser causadora de indisciplina e a última coisa que eu queria era eu própria vir a ser catalizadora de tais comportamentos.

Com esse alerta em mente, analisei cuidadosamente os dados de que dispunha e percebi que os principais tipos de indisciplina levados a cabo nesta turma eram estar constantemente a falar com os colegas sobre temas alheios à aula e a utilizar os telemóveis durante a aula. Em primeira análise, realizei um cruzamento de dados dos questionários para aferir sobre a génese da indisciplina destes alunos e saber se poderia pegar no problema pela raiz. Assim, nitidamente se verifica que estes tipos de indisciplina não eram causados pelo ambiente familiar visto que a maior parte dos alunos desta turma têm famílias estáveis, tanto ao nível da constituição da família como ao nível económico. Só poderiam ser então provocados por causas associadas ao ambiente escolar ou ao próprio aluno. Causas associadas ao próprio aluno poderão justificar alguns comportamentos, na medida em que poderão existir alunos, e de facto existem como podemos comprovar pelo facto de 48% dos respondentes ao questionário inicial considerarem que a “Escola não serve para nada”, que não tenham ainda um horizonte traçado, mas não me parecia, pelas características cognitivas e pela própria motivação que em certas situações demonstravam, que esta fosse a principal razão da problemática. A resposta final foi dada na primeira pessoa pelos alunos que claramente indicavam no questionário inicial que as principais causas dos comportamentos indisciplinados eram a influência de colegas perturbadores, ter um horário escolar pesado e quererem prolongar o intervalo na sala de aula. Quanto à primeira e à última causas indicadas estava em crer poder intervir através

de um bom planeamento de gestão da sala de aula que considero ser um importante aliado ao dispor do professor se usado de forma flexível.

À medida que fui planeando e preparando as aulas que iria lecionar dei por mim sobressaltada com alguns receios associados diretamente à forma como ia conduzir a temática da indisciplina não sendo na realidade a professora “oficial” desta turma. Sabia que teria que ter pulso firme mas este torna-se muito mais complicado de conseguir quando os alunos não são “nossos” pois inibimo-nos de tomar algumas decisões, por exemplo, mesmo sabendo que os próprios alunos acham que faz sentido a professora “mandar para a rua” quando o comportamento indisciplinado surge, conforme referido no questionário inicial, não creio que teria coragem para o fazer numa turma que não é “minha”.

Na realidade, o meu relacionamento com os alunos desta turma foi sempre muito positivo, tendo funcionado e contribuído para tal, do meu ponto de vista, o estilo de liderança democrática que utilizei no 1º semestre deste ano letivo. Contudo, sabia que sendo a indisciplina um tema complicado para os alunos tinha que ter cuidado com a forma como iria gerir a situação para não pôr em causa o relacionamento que tinha conseguido construir.

Creio que a abordagem inicial que segui foi, de facto, a mais correta tendo utilizado 40% do tempo da 1ª aula no estabelecimento das regras que tinham que vigorar na sala de aula de Economia tendo, inclusivamente, afixado um poster com as mesmas, e no início de todas as restantes aulas recoloquei o poster revisitando, deste modo, o tema. Os alunos reagiram bem talvez por me ter mantido sempre tranquila e ter explicado as regras de forma clara.

A gestão da sala de aula que planeei fazer ao longo das 6 aulas lecionadas foi bastante exigente e impunha o trabalho em diversas frentes.

Ao longo de todas as aulas lecionadas estive sempre muito atenta percorrendo toda a sala de aula nas diversas direções mostrando aos alunos que estava bem presente e desperta a todos os seus comportamentos. Sempre que um comportamento indisciplinado ocorria não optei por utilizar o método do “*comportamento ignorado*” pois o mesmo não era de todo um comportamento pontual mas recorrente e, como tal, tinha que ser de imediato controlado para não tomar propulsões de maior. No entanto, nas minhas chamadas de atenção utilizei sempre o bom humor e de forma simpática colocava uma questão direta sobre a matéria ao aluno incumpridor. Deste modo, ao mesmo tempo que o chamava à

razão incentivava-o a participar e a estar motivado para a aprendizagem. Para que as chamadas de atenção fossem possíveis sem constrangimentos muito ajudou ter pedido aos alunos para colocarem as placas identificativas que produzi em cima das suas mesas. Esta ideia surgiu-me como solução para colmatar a dificuldade que senti no semestre anterior quando tinha necessidade de chamar a atenção de um aluno e não sabia o seu nome. Esta adversidade foi, na altura, em algumas situações impeditiva de chamar a atenção do aluno ou porque perdia o momento e já não conseguia chamar a atenção no *timing* devido ou porque se em pressão tentasse chamar o aluno podia errar o nome agravando a situação.

Para o combate à indisciplina optei pela diversidade de metodologias por forma a testar os seus resultados. O fator tempo não abonava a meu favor visto que o tempo disponível que tinha para testar as diversas metodologias era bastante limitado. Por essa razão, decidi não testar a metodologia do trabalho de grupo uma vez que já tinha estado presente em aulas onde a Professora Cooperante a tinha utilizado e já conhecia os resultados produzidos pela mesma nesta turma. Assim, optei por aplicar o método expositivo/interrogativo/participativo em duas aulas quando o objetivo era o de introduzir temas e transmitir conceitos, explicando-os com recurso a exemplos práticos e não utilizando mais de 30 minutos nesta atividade, incentivando os alunos a participar colocando variadíssimas questões à turma. Sempre que colocava questões utilizei o reforço positivo no seguimento das respostas dos alunos e creio ter sido uma estratégia que resultou muito bem pois animou e motivou os alunos que naquele momento se sentiam orgulhosos de si próprios em frente aos colegas. Nas duas aulas mencionadas, que ocorreram em dois dias distintos, uma na quarta-feira e outra na quinta-feira, os alunos tiveram atitudes completamente diferentes perante a mesma estratégia. Na quarta-feira os alunos apesar de participativos *produziram* barulho permanente e na quinta-feira os alunos tiveram um nível de participação exemplar, extremamente motivados e sem terem comportamentos indisciplinados. Coincidência? Estes comportamentos são aleatórios? Na realidade não. Analisando todo o contexto verifica-se que a diferença está relacionada com o cansaço dos alunos que à quarta-feira têm a disciplina de Economia ao final do dia quando o mesmo já vai bem longo, pois teve início às 8h30 da manhã, enquanto na quinta-feira têm Economia a meio da manhã. A causa dos horários pesados, bem frisada pelos alunos nos questionários, tem aqui um grande impacto.

Para complemento à estratégia acima mencionada, nesses dias utilizei a estratégia de trabalho individual e de trabalho a pares que resultaram muito bem. A

metodologia de trabalho individual foi utilizada na quarta-feira e ainda assim permitiu que os alunos se empenhassem na resolução e correção da ficha de trabalho minorando bastante os comportamentos indisciplinados. Na quinta-feira apliquei uma ficha a pares, que ajudou a reforçar o comportamento positivo que os alunos já vinham a demonstrar nesse dia. Realço que para não causar confusão os pares foram formados com os *colegas anexos*.

O vídeo didático, base de análise do trabalho a pares, utilizado na quinta-feira foi também uma excelente opção pois é um instrumento dinâmico e que, por norma, os alunos apreciam. Este vídeo que versava sobre a temática da evolução das formas de moeda, foi editado por mim pois considerei não estar na sua forma original adaptado ao público-alvo visto encontrar-se em inglês e ter uma duração superior à que pretendia. Assim, fiz a tradução e incorporei no vídeo em forma de legendas e elaborei cortes para o tornar mais *leve*. Na realidade, devo dizer que nunca tinha tentado editar um vídeo sendo que esta experiência me ajudará muito no futuro profissional. O vídeo foi utilizado no desenvolvimento do tema que estava a explicar servindo como exemplo prático. Os resultados foram muito positivos pois no seguimento da correção do guião de exploração, à qual os alunos muito se dedicaram, com diversos voluntários para ir ao quadro, deu para perceber que a aprendizagem foi eficaz e que os conhecimentos tinham sido adquiridos.

Por fim, o jogo didático *Money Matters*, por mim construído de raiz, envolveu um trabalho preliminar muito exigente tanto ao nível do planeamento como da construção dos próprios conteúdos. A minha intenção com a sua aplicação era a da máxima *aprender brincando*, fazendo a revisão e preparação para o teste de uma forma descontraída e motivadora. Creio que teve um impacto positivo para os alunos pois desenvolve o sentido de responsabilidade e promove a socialização e o espírito de trabalho em equipa, valências que como sabemos são essenciais no mercado de trabalho contemporâneo. Contudo, devido ao seu grande entusiasmo em estarem a fazer uma atividade que para eles era nova, por envolver competição entre os grupos e principalmente por ser uma turma de grande dimensão tive alguma dificuldade no seu controlo. Em conversa posterior que tive com a Professora Cooperante sobre a atividade que tinha sido desenvolvida, compreendi que a Professora não aprecia este género de metodologias pela confusão que geram na sala de aula e pelos próprios resultados que podem ser obtidos com as mesmas. Um ponto a ponderar em possíveis aplicações futuras.

Outra estratégia que quis introduzir foi o desenvolvimento, no início e no fim das aulas, de resumos orais da matéria lecionada feitos pelos alunos apenas com a minha orientação. Esta estratégia ajudou os alunos tanto numa perspetiva de controlo de comportamento, visto que participavam e mostravam interesse minorando os comportamentos indisciplinados, como na vertente de aprendizagem, servindo como consolidação dos conhecimentos já adquiridos.

Para concluir as minhas reflexões, sinto que esta caminhada foi muito enriquecedora para mim enquanto ser humano e como profissional na área do ensino, tendo promovido um desenvolvimento evidente nas minhas competências sociais e pedagógicas.

O que pretendi com o trabalho que se encontra desenvolvido neste Relatório foi trazer alguns contributos para mitigar a dimensão do problema expresso na problemática principal enunciada acima “Como reduzir o comportamento perturbador dos alunos e potenciar um ambiente mais participativo nas aulas de Economia numa turma do 10º ano?”.

Estou em crer que contribuí para a consciencialização e sensibilização da turma para o fenómeno da indisciplina, clarificando o conceito e até, para a própria tendência de redução de alguns comportamentos perturbadores, espelhada, de forma perentória, nas respostas dos alunos ao questionário final. Penso também ter dado alguns contributos para o teste de algumas metodologias e estratégias de ensino, algumas já conhecidas dos alunos, outra, o jogo didático, uma novidade para eles, especificando os resultados da sua aplicação e potenciando o que poderão vir a gerar de frutos no futuro.

Considero que uma boa base de trabalho com estes alunos poderia ser a combinação entre uma síntese inicial da matéria lecionada na aula anterior, a utilização do método expositivo/interrogativo/participativo, seguido de um vídeo de desenvolvimento ou da realização de um trabalho de grupo, concluindo cada aula com um resumo dos principais pontos-chave.

Relativamente à síntese inicial deverá ser efetuada pelos próprios alunos com o apoio da professora. A utilização do método expositivo/interrogativo/participativo serve para introduzir novos temas, com a utilização de exemplos práticos não se excedendo a duração de 25 minutos nesta atividade e sempre com o método interrogativo a ser aplicado ativamente. No que diz respeito ao vídeo este deve ser animado e ir ao encontro dos gostos pessoais

dos alunos da turma, recorrendo a um guião de exploração entregue previamente à visualização que contenha questões que os alunos percebam que exigem total atenção à visualização do vídeo e que sem esta estar presente não conseguirão mesmo responder. Caso se opte pela realização de um trabalho de grupo de exploração do tema proposto, em alternativa ao vídeo didático, é importante que no final do mesmo os elementos do grupo tenham que apresentar à turma as conclusões finais o que os fará duplicar o empenho na sua execução. O resumo final da aula deve ser feito oralmente pelos próprios alunos realçando os principais pontos-chave.

Creio que, desta forma, com a insistência no uso de estratégias ativas e relembrando sempre as regras de convivência em sala de aula, com o passar do tempo seria possível direcionar as características pessoais destes alunos que fazem deles indisciplinados, a sua alegria, o dinamismo, o companheirismo, a vontade “de aparecer”, conjugadas com o seu bom nível cognitivo, em algo positivo para a sala de aula, com reflexos ao nível da sua aprendizagem e dos resultados finais.

5. Conclusão

Em Portugal, a indisciplina em contexto de sala de aula tem vindo a assumir uma trajetória ascendente nas últimas décadas estimulada por diversas causas. Para que o professor não faça parte das causas que conduzem à indisciplina da sua própria sala de aula, através do uso de estratégias pedagógicas menos adequadas, é essencial que utilize a chamada gestão preventiva da sala de aula. Esta gestão preventiva, possibilitada através de diversas competências de gestão da sala de aula que o professor deverá adquirir, permite criar um ambiente de ensino positivo e evita que o professor tenha que lidar com a indisciplina. Também dotar os professores de conhecimentos e estratégias corretivas para lidar com a indisciplina são pontos importantes para o combate desta realidade.

O presente Relatório pretendeu exatamente investigar este tema, aplicando-o na prática a uma turma do 10º ano do Ensino Regular do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas da Escola Secundária de Eça de Queirós. Esta turma apresenta desde o início do ano letivo comportamentos indisciplinados, nomeadamente ao nível da conversa com os colegas alheia ao tema que se está a abordar na aula e o uso não autorizado do telemóvel.

Através da observação, lecionação e recolha de diversos elementos relevantes à análise que esta investigação proporcionou foi possível “ver a luz ao fundo do túnel” visto que com a intervenção levada a cabo os alunos ficaram sensibilizados para a existência de regras em sala de aula e dos impactos negativos para a sua aprendizagem quando as mesmas são quebradas, bem como foram testadas uma série de estratégias e metodologias, as quais algumas em sentido combinado parecem resultar em mais e melhor participação na sala de aula por parte dos alunos desta turma.

6. Referências bibliográficas

AFONSO, Maria R. (2007). *Educação para a Cidadania. Guião de Educação para a Cidadania em contexto escolar... Boas Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

AFONSO, Natércio (2014). *Investigação Naturalista em Educação. Um Guia Prático e Crítico*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

AIRES, Luís M. (2010). *Disciplina na Sala de Aulas – Um Guia de Boas Práticas para Professores do 3º CEB e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Sílabo

AMADO, João (2000). *A Construção da Disciplina na Escola. Suportes Teórico-Práticos*. Porto: Asa Editores II

AMADO, João & FREIRE, Isabel (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola*. Coimbra: Almedina

ANTÃO, Jorge (1993). *Comunicação na Sala de Aula*. Porto: Edições ASA

ARENDS, Richard (2008). *Aprender a Ensinar*. 7ª Edição. Madrid: Editora McGraw-Hill

AUSUBEL, David; NOVAK, Joseph & HANESIAN, Helen (1978). *Educational Psychology: A Cognitive View*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston

BIREAUD, Annie (1995). *Os Métodos Pedagógicos no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora

BOAL, Maria; HESPANHA, Maria & NEVES, Manuela (1996). *Programa Educação para Todos*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

BRANDES, Donna & PHILLIPS, Howard (1977). *Gamesters' Handbook. 140 Games for Teachers and Group Leaders*. Lisboa: Moraes Editores

BRUNER, Jerome (1986). *Actual Minds, Possible Words*. Cambridge: Harvard University Press

BUCKINGHAM, David (2000). *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*. Cambridge: Polity Press

CALDEIRA, Suzana (coord.) (2007). *(Des)ordem na escola Mitos e realidades*. Coimbra: Editora Quarteto

CALDEIRA, Suzana; VEIGA, Feliciano (coord.); PAVLOVIC, Zoran; MUSITU, Gonzalo; LINARES, José; ESTÉVEZ, Estefania; JIMÉNEZ, Terebel; JESUÍNO, Jorge; SANTO, José; FREIRE, Isabel & GASPAR, João (2011). *Intervir em Situações de Indisciplina Violência e Conflito*. Lisboa: Fim de Século

CARVALHO, Rómulo (1986). *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CLARIZIO, Harvey (1980). *Toward Positive Classroom Discipline*. Nova Iorque: John Wiley & Sons

Direção-Geral da Educação (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Lisboa: Direção-Geral da Educação

ESTANQUEIRO, António (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial presença

ESTRELA, Albano (1984). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica

Fundação Francisco Manuel dos Santos & Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados (AM&A) (2015). *Três Décadas de Portugal Europeu: Balanço e Perspetivas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados (AM&A)

GAGNÉ, Robert; GOLAS, Katharine; KELLER, John & WAGER, Walter (2005). *Principles of Instructional Design*. Califórnia: Thomson Wadsworth

FROYEN, Len (1993). *Classroom Management. The Reflective Teacher-Leader*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company

HERNANDÉZ, Luis (2009). *Como Evitar e Superar o Stress Docente: Estratégias para Controlar Situações de Conflito nas Salas de Aula*. Sintra: K Editora

Inspeção-Geral da Educação e Ciência. (2016). *Avaliação Externa das Escolas. Relatório Agrupamento de Escolas Eça de Queirós, Lisboa*. Lisboa: Inspeção-Geral da Educação e Ciência

KAYE, Barrington & ROGERS, Irving (1968). *Group Work in Secondary Schools*. Lisboa: Livros Horizonte

KUTNICK, Peter & ROGERS, Colin (1994). *Groups in Schools*. Londres: Cassell

Ministério da Educação de Portugal y Organización de Estados Iberoamericanos (2003). *Sistema Educativo Nacional de Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral de Educação e Cultura

MORAN, José (1995). *O vídeo na Sala de Aula. In Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA-Ed. Moderna

NÓVOA, António (1992). *Formação de Professores e Profissão Docente*. Lisboa

CARVALHO, Adalberto & FADIGAS, Nuno (2009). *Observatório dos Recursos Educativos (2009). Os Manuais Escolares na Relação Escola-Família*. Porto: ORE – Observatório dos Recursos Educativos

PARKER, Harvey (2006). *The ADD Hyperactivity Workbook for Parents, Teachers and Kids*. Porto: Porto Editora

PINTASSILGO, Joaquim (coord.) (2014). *O 25 de Abril e a Educação - Discursos, Práticas e Memórias Docentes*. Lisboa: Edições Colibri

SACERDOTE, Helena (2010). Análise do Vídeo Como Recurso Tecnológico Educacional. In REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG. Inhumas

SANTOS, Maria E. (2014). *Que Escola? Que Educação? Para que Cidadania? Em que Escola?* Alcochete: Alfarroba

SAUL, Jesus (2008). *Estratégias para motivar os alunos*. Porto Alegre: Educação Porto Alegre

VEIGA, Feliciano (2013). *Psicologia da Educação. Teoria, Investigação e Aplicação. Envolvimento dos Alunos na Escola*. Lisboa: Climepsi Editores

VERCEZE, Rosa; SILVINO, Eliziane (2008). *O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim*. In Práxis Educacional. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

VIEIRA, Helena (2005). *A Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença

Lei N.º 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo (versão atualizada).Disponível em:

http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=leis&so_miolo=

Programa de Economia A, 10º e 11º ou 11º e 12º anos, Cursos Científico-Humanísticos: Ciências Socioeconómicas, Formação Específica. António Pastorinho, Elsa Silva (Coordenadora), Lúcia Lopes, Manuela Silvestre, Rosa Moinhos. 22/02/2001 (10º Ano) e 05/03/2002 (11º Ano). Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/economia_a_10_11.pdf

Lusa, Diário Digital (2014). *Alunos cansados e que adormecem nas aulas por ficarem, até de madrugada, nas redes sociais e a jogar computador, levaram um agrupamento de escolas a lançar uma campanha para sensibilizar os pais a mudar os maus hábitos dos filhos.* Disponível em: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=694222

Lusa, Público (2010). *Todos os anos são apanhados alunos a tentar copiar durante os exames nacionais.* Disponível em: <https://www.publico.pt/educacao/noticia/todos-os-anos-sao-apanhados-alunos-a-tentar-copiar-durante-os-exames-nacionais-1441969>

Projeto Educativo (2011-2014). Agrupamento de Escolas Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.eseglx.net/queirosbeta/>

Projeto Educativo (2014-2015). Agrupamento de Escolas Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.eseglx.net/queirosbeta/>

Regulamento Interno (2014/2018). Agrupamento de Escolas Dª Maria II. Disponível em: http://www.aedonamaria.pt/sites/default/files/ri_aedmariaii_05_outubro_1.pdf

Regulamento Interno (2015/2016). Agrupamento de Escolas Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.eseglx.net/queirosbeta/>

Regulamento Interno (2013/2017). Agrupamento de Escolas João de Deus. Disponível em: <http://aejdfaro.pt/tag/regulamento-interno/>

Regulamento Interno (2013/2017). Escola Secundária Avelar Brotero. Disponível em: http://www.brotero.pt/documentos/doc_2013_14/RI%202013-2017.pdf

Regulamento Interno (2013). Escola Secundária de Tábua. Disponível em: http://www.aetabua.pt/Documentos/RI_2013.pdf

TVI Reportagem: A Escola da Vida. Agrupamento de Escolas Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.eseqlx.net/queirosbeta/>

Visita Virtual. Agrupamento de Escolas Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.eseqlx.net/queirosbeta/>

Anexo A - Questionário inicial aplicado aos Alunos “A indisciplina na sala de aula”



Questionário aos Alunos

A indisciplina na sala de aula

O presente questionário é confidencial e anónimo e insere-se no Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade no âmbito da realização do Relatório Sobre a Prática de Ensino Supervisionada sob o tema *Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia*.

Gostaria de te colocar algumas questões e peço que sejas sincero(a) na resposta às mesmas.

1. Que idade tens?

2. Sexo:

Masculino ☐

Feminino ☐

3. Qual a tua nacionalidade?

4. Com quem vives?

5. Assinala com um X quais as habilitações literárias dos teus pais:

	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior
Pai					
Mãe					

6. Qual a profissão dos teus pais?

Pai:

Mãe:

7. Como ocupas os teus tempos livres? Assinala com um X as opções que se aplicam:

Estudar	
Ler	
Ir ao cinema	
Sair com os amigos	
Ouvir música	
Jogos de computador ou consola	
Internet/Redes sociais	
Ajudar os pais	
Ver televisão	
Falar ao telemóvel ou enviar SMS	

8. Praticas desporto? Em caso afirmativo qual?

9. Já reprovaste? Em caso afirmativo em que ano?

10. De 1 a 20 como avalias o teu aproveitamento escolar?

11. Assinala com um X a opção aplicável a cada situação apresentada no quadro abaixo:

É indisciplina...	Sim	Não
Usar o telemóvel na sala de aula		
Chegar atrasado às aulas		
Sair do lugar sem autorização durante a aula		
Não trazer o material escolar para as aulas		
Conversar com os colegas durante a aula		
Fazer barulho com objetos durante a aula		
Usar vocabulário impróprio durante a aula		
Não realizar as tarefas propostas pela professora		
Incomodar os colegas atirando bolinhas de papel ou borrachas		
Sujar a sala de aula		
Responder ao professor ou a um colega de forma alterada ou desrespeitadora		
Dormir durante a aula		
Estar a fazer um trabalho correspondente a outra aula		
Copiar num exame ou deixar que copiem por si		
Utilizar cábulas		
Desobedecer ao professor		
Pedir para ir à casa de banho durante a aula		
Acatar a chamada de atenção da professora para se calar mas voltar de seguida a falar		

12. Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados no quadro ocorre na sala de aula durante as aulas de Economia? Assinala com um X as situações que consideras que ocorrem.

Usar o telemóvel na sala de aula	
Chegar atrasado às aulas	
Sair do lugar sem autorização durante a aula	
Não trazer o material escolar para as aulas	
Conversar com os colegas durante a aula	
Fazer barulho com objetos durante a aula	
Usar vocabulário impróprio durante a aula	
Não realizar as tarefas propostas pela professora	
Incomodar os colegas atirando bolinhas de papel ou borrachas	
Sujar a sala de aula	
Responder ao professor ou a um colega de forma alterada ou desrespeitadora	
Dormir durante a aula	
Estar a fazer um trabalho correspondente a outra aula	
Copiar num exame ou deixar que copiem por si	
Utilizar cábulas	
Desobedecer ao professor	
Pedir para ir à casa de banho durante a aula	
Acatar a chamada de atenção da professora para se calar mas voltar de seguida a falar	

13. Para os tipos de indisciplina que consideras que ocorrem na sala de aula de Economia (que referiste na pergunta 12), assinala quais os principais fatores que contribuem para esse comportamento:

Problemas familiares	
Problemas económicos	
Consumo de álcool e/ou estupefacientes	
Matérias dadas em sala de aula desinteressantes	
Falta de existência de regras em sala de aula	
Desconhecimento de regras em sala de aula	
Horário escolar muito pesado	
Número de alunos excessivo na turma	
Bullying	
Forte amizade com os colegas e querer prolongar o intervalo na sala de aula	
Organização da escola	
Problemas de saúde	
Forma de lecionar as aulas por parte da professora	
Falta de empatia com a professora	
Professora demasiado benevolente	
Professora tem dificuldade em controlar o comportamento dos alunos	
Desmotivação do aluno devido ao facto de acreditar que a escola não serve para nada e que está a perder tempo	
Dificuldade de aprendizagem	
Influência de colegas perturbadores	

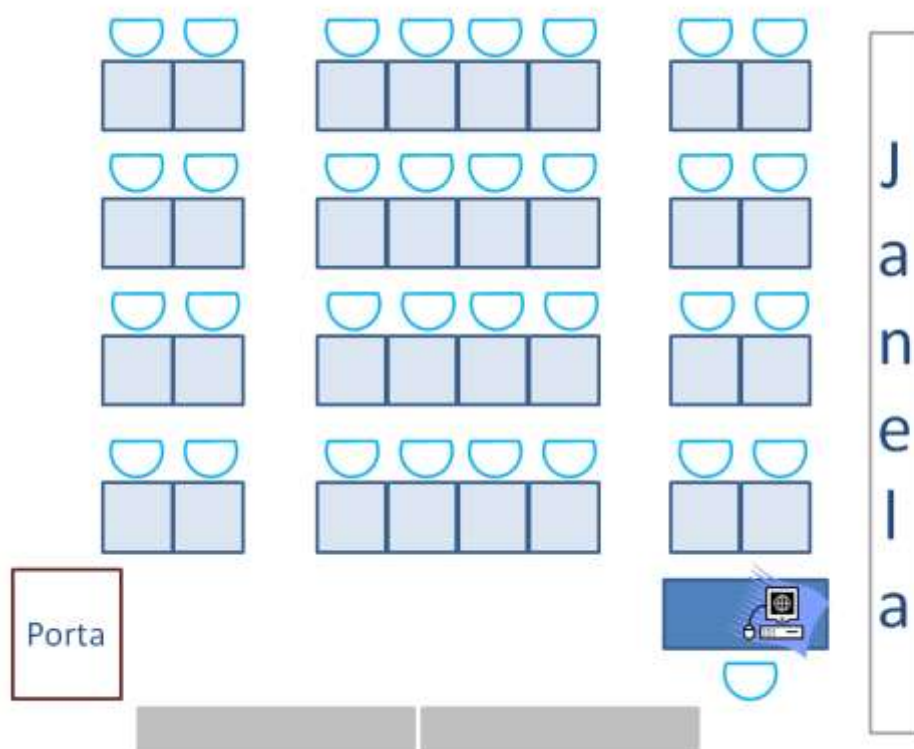
14. O que é que achas que poderia ser feito para combater a indisciplina na sala de aula?

15. Assinala com um X o tipo de aula que consideras prevenir a indisciplina na disciplina de Economia. Indica à frente quais as razões que te levam a ter essa opinião.

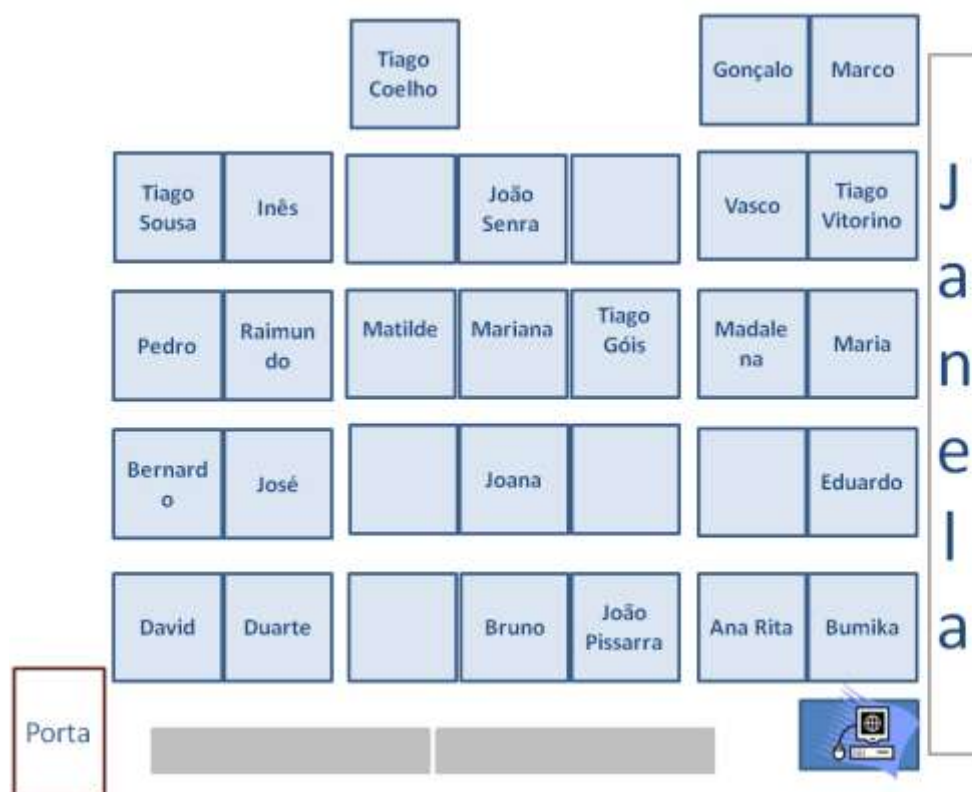
Aula expositiva sem participação dos alunos	
Aula expositiva com momentos de participação dos alunos às questões colocadas pela professora	
Aula com trabalhos de grupo	
Aula com vídeos	
Aula com recurso a computadores	
Jogos didáticos	
Outro. Qual?	

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo B - Estrutura da planta da sala de aula



Anexo C - Planta da sala de aula aplicada na primeira parte da aula observada no dia 5 de Fevereiro de 2016



Anexo D - Diário de campo

Data/Hora	Observação	Reflexões
05 Feb 2016 (6ª) / 15h15	<p>Aula observada – 50 minutos + 50 minutos (das 13h30 às 15h20 com intervalo de 10 minutos);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A visita à escola neste dia teve como intuito aferir em detalhe o comportamento atual dos alunos; ▪ Tanto eu como a Professora Isabel fomos diretas à sala 31 e como ainda não tinha tocado para o início da aula tivemos oportunidade de conversar um pouco. A Professora Isabel informou-me que os alunos estavam piores em termos comportamentais do que quando estivemos a observá-los em Novembro e início de Dezembro apesar de todos os esforços que têm sido envidados pelos professores através de reuniões e partilha de informação entre eles; ▪ A aula teve início à hora estabelecida no horário mas os alunos foram chegando à sala de aula a espaços demorando-se a sentar nos lugares que a Professora Isabel pediu (por ordem alfabética), e tentando efetuar alterações aos lugares; ▪ Após os alunos se sentarem a Professora escreveu no quadro o sumário das lições 103 e 104: Empresários e empreendedores; ▪ Existiu ruído constante e perturbador na sala de aula durante toda a aula que a Professora tentou eliminar através de pedidos de silêncio sem sucesso; ▪ A Professora Isabel introduziu o tema da aula sempre numa perspectiva de despertar a atenção e a participação dos alunos mas os mesmos não reagem de forma expectável. Efetivamente, enquanto a Professora expunha os conteúdos e interrogava alunos específicos os restantes falavam uns com os outros muito alto; ▪ A Professora apresentou um vídeo sobre a Science for You e mesmo durante a visualização do mesmo os alunos conversavam uns com outros por vezes comentando cenas do próprio vídeo mas outras vezes sobre temas não relacionados com a aula; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Esta observação foi muito importante para a preparação do trabalho que vou desenvolver na escola visto que quando estamos direcionados para uma observação de uma situação específica estamos mais despostos para os detalhes da mesma captando-se facilmente a sua essência; ▪ Com esta observação consegui perceber quais os focos principais da problemática da indisciplina, tais como alunos específicos, duração dos comportamentos indisciplinados e tipos de estratégias que poderão ou não resultar para o controle da indisciplina.

-
- Posteriormente foram constituídos grupos de trabalho com 3 ou 4 alunos com o objetivo de lerem textos sobre empreendedorismo que deveriam de ser analisados e depois apresentados os pontos-chave através de um porta-voz eleito no seio de cada grupo pelos elementos do mesmo. Em média durante os 10 primeiros minutos do trabalho (é preciso realçar que os alunos tinham cerca de 15 máximo 20 minutos para fazer todo o trabalho) os alunos estiveram entretidos com conversas alheias ao tema dos trabalhos. No entanto, os grupos fizeram os trabalhos propostos apesar de não terem respeitado o *timing* estabelecido pela Professora;
 - A Professora propôs que se utilizasse a altura em que os alunos estavam em grupo para aplicação dos questionários sobre indisciplina que eu tinha previsto e os alunos preencheram os questionários em cerca de 12 minutos;
 - Após preenchimento dos questionários os porta-voz dos grupos procederam à apresentação dos trabalhos de grupo e foi nesta altura que os colegas mais silenciosos estiveram durante toda a aula;
 - No final da aula tive a oportunidade de conversar com a Professora Isabel sobre a forma como decorreu a aula e o comportamento tido pelos alunos.

Data/Hora	Observação	Reflexões
24 Feb 2016 (4 th) /16h30	<p>Aula lecionada – 50 minutos + 50 minutos (das 16h30 às 18h30 com intervalo de 10 minutos);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estava planeado que as aulas do dia de hoje fossem lecionadas por mim com a Professora Isabel a assistir; ▪ A Professora Isabel foi comigo à sala de professores para que eu pudesse recolher a chave da sala de aula 31; ▪ Encaminhámo-nos então para a sala de aula 31, no 2º piso, que abri tendo eu, a Professora Isabel, e os alunos entrado na sala de aula; ▪ Alguns alunos cumprimentaram-nos com: "Boa tarde!" e sentaram-se escolhendo um lugar ao seu critério; ▪ A Professora Isabel abriu o sistema informático para que eu pudesse registar, no final da aula, as faltas e os sumários; ▪ A Professora Isabel emprestou-me o apontador para que eu pudesse ter maior liberdade de movimentação; ▪ Iniciei a aula cumprimentando os alunos, tendo primeiramente explicado a razão da minha presença e de seguida agradei à Professora Isabel a sua disponibilidade e simpatia em me receber neste processo; ▪ Apresentei os resultados do questionário, realizados pelos alunos no dia 5 de Fevereiro de 2016, sobre a indisciplina na sala de aula; ▪ Afixei um poster com o objetivo de reforçar as regras de convivência em sala de aula e de seguida partilhei os comportamentos considerados expectáveis; ▪ Seguidamente escrevi o sumário no quadro das lições 115 e 116: Estabelecimento de regras de convivência em sala de aula e partilha dos comportamentos considerados expectáveis. Troca direta e troca indireta. Formas de moeda; ▪ Efetuei a chamada e verifiquei que todos os 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma vez que o tema do meu relatório PES é "Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia", considero essencial testar um conjunto de estratégias de ensino por forma a aferir quais as que funcionam e quais as que não funcionam especificamente com esta turma; ▪ Na minha opinião a aula correu bem, tendo alguns alunos participado, apesar do comportamento indisciplinado em termos de ruído que alguns demonstraram ao longo da aula devido ao horário escolar longo desse dia (os alunos iniciaram às 8h30 e terminaram às 18h30 com a aula de Economia) bem como à habitual agitação fruto da aula de Educação Física nos tempos letivos que antecederam a aula de Economia; ▪ Ao longo das aulas fui registando o comportamento e a participação dos alunos na grelha de observação.

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Efetuei a chamada e verifiquei que todos os alunos estavam presentes; ▪ Ao longo da aula segui os conteúdos através de PPT; ▪ Utilizei o método expositivo intercalado com o método interrogativo para os conteúdos da lição em questão, colocando questões para a turma e para as quais apenas alguns alunos participaram; ▪ Deu o toque para intervalo e os alunos saíram da sala; ▪ Deu o toque para entrada e os alunos regressaram para a sala de aula atempadamente e sentaram-se nos seus lugares; ▪ Dando início à 2ª lição continuámos com a exposição da matéria com recurso a exemplos práticos, utilizando o método interrogativo; ▪ Propus a realização de uma ficha de trabalho individual, a realizar no caderno dos alunos, para aferir o cumprimento dos objetivos de aprendizagem, tendo os alunos demonstrado algum interesse na sua elaboração; ▪ Tocou para a saída e eu disse que podiam sair e que nos encontraríamos novamente no dia seguinte; ▪ Nestas lições os alunos tiveram um comportamento perturbador ao nível do ruído, podendo o mesmo ter sido influenciado por ser a última lição do dia e posterior à aula de Educação Física, o que deixa os alunos normalmente agitados. ▪ Antes de sair da sala de aula registei os sumários das 2 lições no sistema informático da escola; ▪ A Professora Isabel disse que no geral correu tudo bem tendo sugerido apenas uma pequena alteração no PPT. 	<p>grelha de observação.</p>
---	------------------------------

Diário de Campo		
Data/Hora	Observação	Reflexões
25 Feb 2016 (5 ^ª f) /10h30	<p>Aula lecionada – 50 minutos + 50 minutos (das 10h30 às 12h20 com intervalo de 10 minutos);</p> <ul style="list-style-type: none"> Ambas as lições de Economia do 10º ano foram lecionadas por mim. As mesmas foram assistidas pela Professora Isabel e pela Professora Luísa Cerdeira; Dirigimo-nos, eu, a Professora Luísa Cerdeira e a Professora Isabel, para a sala 31, pois já tínhamos ido buscar a chave e as colunas; A Professora Isabel abriu o computador para que eu pudesse registar no final da aula o sumário e as faltas; Distribuí a planificação e os conteúdos que iria lecionar às Professoras e afixei o poster no placard da sala de aula; Tocou para a aula tendo os alunos entrado de forma ordeira, sentando-se escolhendo um lugar ao seu critério; Comecei por os cumprimentar e passei de imediato à redação do sumário no quadro das lições 117 e 118: Formas de moeda. Funções da moeda. Desmaterialização da moeda; Efetuei a chamada e apontei na minha grelha a falta de 2 alunos; Tal como na aula passada pedi-lhes para que colocassem um cartão com os seus nomes em cima das mesas respetivas; Ao longo da aula segui os conteúdos através de PPT; Antes de introduzir o tema da aula em questão, fiz um resumo da matéria das aulas passadas através do método interrogativo ao qual os alunos participaram ordeira e ativamente; Utilizei o método expositivo intercalado com o método interrogativo para os conteúdos da lição em questão, colocando questões para a turma e para as quais os alunos responderam com boa participação. Tentei no decorrer da minha exposição dar exemplos concretos; Deu o toque para intervalo e os alunos saíram da 	<ul style="list-style-type: none"> Achei que as aulas correram muito bem; O comportamento dos alunos foi muito correto e adequado; Comprova-se que o comportamento dos alunos está intimamente relacionado com a hora, dia e contexto das aulas visto que com a mesma estratégia de exposição e interrogação, os alunos tiveram comportamentos diametralmente opostos. Fiquei muito feliz e motivada com o feedback que a Professora Luísa Cerdeira me deu.

-
- | | | |
|--|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none">▪ Deu o toque para entrada e os alunos regressaram para a sala de aula atempadamente e sentaram-se nos seus lugares;▪ Dando início à 2ª lição, entreguei aos alunos um guião de exploração de um vídeo que iríamos visualizar de seguida e analisámos o guião em detalhe para que os alunos estivessem informados antecipadamente sobre o seu conteúdo e preparados para as questões a que teriam que dar resposta;▪ Ao longo da visualização do vídeo todos os alunos estiveram extremamente atentos e no final pretenderam visualizar o vídeo novamente;▪ Seguidamente passou-se à realização a pares das questões propostas no guião de exploração do vídeo e no final procedeu-se à sua correção;▪ Tocou para a saída e eu agradei aos alunos a sua presença e participação e disse que podiam sair;▪ Nesta lição os alunos tiveram um comportamento muito positivo e extremamente diferente da aula anterior;▪ Antes de sair da sala de aula registei o sumário e as faltas da lição no sistema informático da escola;▪ No final da lição, a Professora Luísa Cerdeira deu-me feedback referindo que no geral correu tudo bem, que mostrei uma dinâmica muito boa de sala de aula, que tinha uma boa colocação de voz e que geria muito bem a turma, tendo considerado uma boa ideia eu ter pedido ao alunos para colocar um cartão com os seus nomes em cima de cada mesa. Como sugestão de melhoria, a Professora Luísa Cerdeira referiu que seria interessante contextualizar historicamente as épocas de cada forma de moeda. | |
|--|---|--|

Data/Hora	Observação	Reflexões
26 Fev 2016 (6 ^ª f) /13h30	<p>Aula lecionada – 50 minutos + 50 minutos (das 13h30 às 15h20 com intervalo de 10 minutos);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ambas as lições de Economia do 10º ano foram lecionadas por mim e assistidas pela Professora Isabel; ▪ No âmbito da diversificação das estratégias de ensino que tenho procurado seguir, as lições de hoje foram dedicadas à realização de um jogo didático sobre a evolução da moeda; ▪ A Professora Isabel abriu o computador para que eu pudesse registar no final da aula o sumário e as faltas; ▪ Entreguei a planificação que lecionei à Professora; ▪ Tocou para a aula tendo os alunos entrado na sala de aula, escolhendo um lugar ao seu critério; ▪ Comecei por os cumprimentar e passei de imediato à redação do sumário no quadro das lições 119 e 120: Jogo didático para consolidação da matéria lecionada; ▪ Efetuei a chamada e apontei na minha grelha a falta de 3 alunos; ▪ Expliquei as regras do jogo e atribui responsabilidades pelos vários alunos, dividindo-os em grupos; ▪ Seguidamente iniciou-se o jogo que se desenvolveu com muita animação, mostrando-se os alunos muito motivados mas algo agitados; ▪ No final do jogo, identificou-se o grupo vencedor e foi distribuído um prémio de participação a todos os alunos da turma e não apenas aos vencedores; ▪ Nos últimos minutos da aula solicitei aos alunos que respondessem a um questionário sobre indisciplina na sala de aula; ▪ Tocou para a saída e eu agradei aos alunos a sua presença e participação e disse que podiam sair; ▪ Antes de sair da sala de aula registei o sumário e as faltas da lição no sistema informático da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na minha opinião, as aulas correram dentro do expectável. Os alunos apreciaram bastante este tipo de aula apesar de ter percebido que é uma turma demasiado grande para se implementar uma estratégia deste tipo, sem que surja comportamentos indisciplinados.

Anexo E - Plano de aula de dia 24 de Fevereiro de 2016



Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

PLANO DAS AULAS DE 50 minutos + 50 minutos – 24 FEVEREIRO DE 2016 DAS 16h40-17h30 + 17h40-18h30

ANO/TURMA: 10ºE

DISCIPLINA: ECONOMIA A

ANO LETIVO: 2015/2016

UNIDADE LETIVA: 4 – Comércio e Moeda

SUBUNIDADE: 4.2 – A evolução da moeda – Formas e funções

LIÇÕES Nº 115 E 116: Estabelecimento de regras de convivência em sala de aula e partilha dos comportamentos considerados expectáveis. Troca direta e troca indireta. Formas de moeda.

Conteúdos Programáticos	Competências Centrais	Objetivos	Atividades e Estratégias / Tempo	Recursos	Avaliação
✓ 4.2 A evolução da moeda – formas e funções <ul style="list-style-type: none"> o Troca direta e troca indireta. o Formas de moeda: Moeda-mercadoria. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Usa os conceitos da troca direta e indireta para compreender a evolução da moeda. ✓ Tem consciência da importância da moeda para o crescimento da economia. ✓ Relaciona o conceito de troca direta com a moeda-mercadoria. ✓ Desenvolve o espírito crítico e a capacidade de intervir de forma construtiva. ✓ Amplia a capacidade de discussão de ideias, fundamentando-as, e atende às ideias dos outros respeitando o direito à diferença de opinião. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Distinguir troca direta de troca indireta. ✓ Definir moeda. ✓ Justificar o aparecimento da moeda. ✓ Compreender a função da moeda numa economia de troca. ✓ Descrever a evolução da moeda. ✓ Caracterizar os vários tipos de moeda. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sumário: 4 min. ✓ Chamada: 2 min. ✓ Estabelecimento de regras de convivência em sala de aula e partilha dos comportamentos considerados expectáveis usando o método expositivo: 21 min. ✓ Apresentação em PowerPoint com a exposição da matéria com recurso a exemplos práticos: troca direta e indireta, formas de moeda (moeda-mercadoria) Utilização do método expositivo e interrogativo: 28 min. ✓ Proposta de aplicação dos conceitos expostos numa proposta de trabalho individual, a realizar no caderno dos alunos, com respetiva correção. Método interrogativo e ativo: 37ms totalidade (alunos dispõem de 15ms para realização da proposta). ✓ Síntese das lições do dia (com perguntas aos alunos para aferir o cumprimento dos objetivos de aprendizagem). Método interrogativo: 8 min. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Computador. ✓ Videoprojetor. ✓ Tela de projeção. ✓ Apresentação em PowerPoint. ✓ Quadro e canetas. ✓ Acesso à Internet. ✓ Ficha de trabalho e respetiva correção. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formativa <ul style="list-style-type: none"> ➢ Observação direta dos alunos em sala de aula. ➢ Grelhas de registo de assiduidade, atitudes, comportament o e participação.

Anexo F - Plano de aula de dia 25 de Fevereiro de 2016



Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

PLANO DAS AULAS DE 50 minutos + 50 minutos – 25 FEVEREIRO DE 2016 DAS 10h30-11h20 + 11h30-12h20

ANO/TURMA: 10ºE

DISCIPLINA: ECONOMIA A

ANO LETIVO: 2015/2016

UNIDADE LETIVA: 4 – Comércio e Moeda

SUBUNIDADE: 4.2 – A evolução da moeda – Formas e funções

LICÕES Nº 117 E 118: Formas de moeda. Funções da moeda. Desmaterialização da moeda.

Conteúdos Programáticos	Competências Centrais	Objetivos	Atividades e Estratégias / Tempo	Recursos	Avaliação
✓ 4.2 A evolução da moeda – formas e funções <ul style="list-style-type: none"> o Formas de moeda: moeda metálica, moeda-papel, moeda escritural. o Funções da moeda. o Desmaterialização da moeda. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreende o encadeamento do aparecimento das várias formas de moeda. ✓ Usa os conceitos das funções da moeda para compreender aspetos relevantes da realidade das famílias e empresas. ✓ Relaciona os conceitos de formas de moeda com a atualidade. ✓ Compreende o conceito de desmaterialização da moeda e sua importância nos dias de hoje. ✓ Desenvolve o espírito crítico e a capacidade de intervir de forma construtiva. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Descrever a evolução da moeda. ✓ Caracterizar os vários tipos de moeda. ✓ Explicar as funções da moeda. ✓ Reconhecer a importância da moeda no desenvolvimento económico. ✓ Relacionar a evolução tecnológica com o processo de desmaterialização da moeda. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sumário: 3 min. ✓ Chamada: 2 min. ✓ Revisão de conceitos lecionados em aulas anteriores aplicando o método interrogativo em diálogo orientado: 8 min. ✓ Apresentação em PowerPoint com a exposição da matéria com recurso a exemplos práticos: formas de moeda (moeda metálica, moeda-papel e moeda escritural), desmaterialização da moeda e funções da moeda. Utilização do método expositivo e interrogativo: 27 min. ✓ Visualização de vídeo didático (3'05'') e aplicação de guião de exploração: 50ms totalidade (alunos dispõem de 20ms para realização da proposta). Método interrogativo e ativo. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Computador. ✓ Videoprojetor. ✓ Acesso à Internet. ✓ Tela de projeção. ✓ Apresentação em PowerPoint. ✓ Quadro e canetas. ✓ Guião de exploração de vídeo didático. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formativa <ul style="list-style-type: none"> ➢ Observação direta dos alunos em sala de aula. ➢ Grelhas de registo de assiduidade, atitudes, comportamento e participação.

Conteúdos Programáticos	Competências Centrais	Objetivos	Atividades e Estratégias / Tempo	Recursos	Avaliação
	✓ Amplia a capacidade de discussão de ideias, fundamentando-as, e atende às ideias dos outros respeitando o direito à diferença de opinião.		✓ Síntese das lições do dia (com perguntas aos alunos para aferir o cumprimento dos objetivos de aprendizagem). Método interrogativo: 10 min.		

Anexo G - Plano de aula de dia 26 de Fevereiro de 2016



Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

PLANO DAS AULAS DE 50 minutos + 50 minutos – 26 FEVEREIRO DE 2016 DAS 13h30-14h20 + 14h30-15h20

ANO/TURMA: 10ºE

DISCIPLINA: ECONOMIA A

ANO LETIVO: 2015/2016

UNIDADE LETIVA: 4 – Comércio e Moeda

SUBUNIDADE: 4.2 – A evolução da moeda – Formas e funções

LIÇÕES Nº 119 E 120: Jogo didático para consolidação da matéria lecionada.

Conteúdos Programáticos	Competências Centrais	Objetivos	Atividades e Estratégias / Tempo	Recursos	Avaliação
✓ 4.2 A evolução da moeda – formas e funções <ul style="list-style-type: none"> ○ Troca direta e troca indireta. ○ Formas de moeda: Moeda-mercadoria, moeda metálica, moeda-papel, moeda escritural. ○ Funções da moeda. ○ Desmaterialização da moeda. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolve capacidade para responder a questões mais complexas dada a motivação adicional. ✓ Amplia a sua forma de ser e de estar em plena interação com o grupo. ✓ Aprende a tomar decisões e assumir responsabilidades. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Fixar conceitos já aprendidos em aulas anteriores de forma motivadora. ✓ Consolidar os conteúdos da subunidade letiva. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sumário: 2 min. ✓ Chamada: 2 min. ✓ Explicação das regras do jogo didático e atribuição de responsabilidades: 18 min. ✓ Divisão de grupos: 7 min. ✓ Desenvolvimento do jogo: 50 min. ✓ Conclusões finais sobre o jogo: 20 min. ✓ Síntese das lições do dia (com perguntas aos alunos para aferir o cumprimento dos objetivos de aprendizagem). Método interrogativo: 10 min. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quadro e canetas. ✓ Jogo didático. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Formativa <ul style="list-style-type: none"> ➢ Observação direta dos alunos em sala de aula. ➢ Grelhas de registo de assiduidade, atitudes, comportamento e participação.

Anexo H - Regras a seguir durante as aulas de Economia

Regras a seguir durante as aulas de Economia	
Abster-se de conversar com os Colegas na sala de aula	Seguir as instruções da Professora e respeitar a sua autoridade
Participar nas atividades propostas pela Professora, trabalhando com atenção e empenho	Respeitar o direito à educação dos Colegas não os incomodando durante a aula
Ser assíduo e pontual	Intervir nas aulas de forma oportuna e ordenada (levantar a mão quando pretendem falar)
Não utilizar nenhum aparelho eletrônico na sala de aula sem autorização da Professora	Manter a sala de aula limpa e arrumada



Economia A

Resultados dos questionários: “A indisciplina na sala de aula”

Regras a seguir durante as aulas de Economia

4.2 A evolução da moeda - Formas e funções

10º E

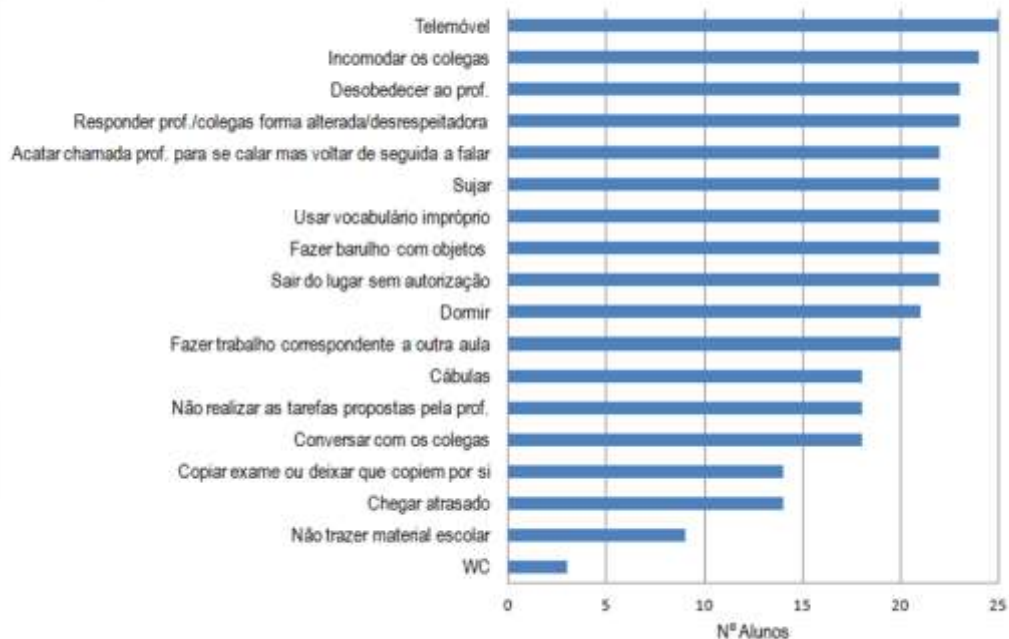
Professora: Ana Raquel Gonçalves

Resultados dos questionários realizados pelos alunos “A indisciplina na sala de aula”



Fonte: <http://professoraanaonline.blogspot.pt>

É indisciplina...



Resultados dos questionários realizados pelos alunos "A Indisciplina na sala de aula"

Comportamentos indisciplinados que ocorrem na sala de aula de Economia...



Resultados dos questionários realizados pelos alunos "A Indisciplina na sala de aula"

Fatores que contribuem para comportamentos indisciplinados na sala de aula de Economia...



Resultados dos questionários realizados pelos alunos "A Indisciplina na sala de aula"

Regras a seguir durante as aulas de Economia



Fonte: <http://www.giphy.com.br>

Regras a seguir durante as aulas de Economia

Abster-se de conversar com os Colegas na sala de aula

Seguir as instruções da Professora e respeitar a sua autoridade

Participar nas atividades propostas pela Professora, trabalhando com atenção e empenho

Respeitar o direito à educação dos Colegas não os incomodando durante a aula

Regras a seguir durante as aulas de Economia

Ser assíduo e pontual

Intervir nas aulas de forma oportuna e ordenada (levantar a mão quando pretendem falar)

Não utilizar nenhum aparelho eletrónico na sala de aula sem autorização da Professora

Manter a sala de aula limpa e arrumada

A evolução da moeda

Formas e funções



<http://www.alocadente.com/>

Troca direta e troca indireta



A evolução da moeda – Formas e funções

Troca direta e troca indireta

Sistemas de troca



Troca direta



Troca indireta

A evolução da moeda – Formas e funções

Troca direta e troca indireta

Troca direta

Consistia na troca de produto por produto
Exemplo: trocava-se uma cabeça de gado por certa quantidade de cereal.

Dificuldade em ter uma
dupla coincidência de
desejos

Indivisibilidade
dos bens

Perecibilidade
dos bens

Uso não
económico

Atribuição do valor

<http://www.diccionarioptgpt.com>

A evolução da moeda – Formas e funções

Troca direta e troca indireta



Consiste em trocar o bem que se possui por outro bem intermediário (moeda) e, posteriormente, utilizar este (moeda) para adquirir outros bens.

Bem intermediário nas trocas, aceite por todos os indivíduos, sendo utilizada para medir o valor de outros bens e serviços.

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



Bem de aceitação generalizada que servia na fase inicial da moeda como intermediário nas trocas. Qualquer bem considerado útil por uma comunidade poderia servir como moeda de troca.



<http://brazzaville.pt>



<http://motopenguan.com>

No entanto, a moeda-mercadoria apresentava várias desvantagens: manuseamento, armazenagem, indivisibilidade e perecibilidade.

A evolução da moeda – Formas e funções

Proposta de trabalho



A evolução da moeda – Formas e funções

Resumo dos conceitos da aula anterior

Troca direta

Dificuldade em ter uma dupla coincidência de desejos

Indivisibilidade dos bens

Perecibilidade dos bens

Uso não económico

Atribuição do valor

<http://www.cartadocredito.com.br>

<http://www.economiaplana.com>

Troca indireta

Moeda

Moeda-mercadoria

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda

Moeda-mercadoria

Moeda metálica

Moeda-papel

Moeda escritural

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



Metais (cobre, bronze, ferro, prata e ouro) de aceitação generalizada usados como intermediários nas trocas, que apresentavam maior facilidade de transporte, durabilidade e divisibilidade.



A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



Surge para ultrapassar dificuldades dos comerciantes (peso, roubos, aceitação geral do valor)

Profissão de cambista (ourives) + aluguer de cofres para depósitos

Moeda representativa
(valor depósito = valor recibo)

População agia com base na confiança utilizando os recibos como moeda, praticamente não levantando o seu ouro

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



Moeda fiduciária => Bancos



Risco: Quebra de confiança
Muitos recibos em circulação => Corrida
ao levantamento do ouro



Estado intervêm para regular e inculcar
confiança



Papel-moeda inconvertível em ouro

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda



• Engloba:

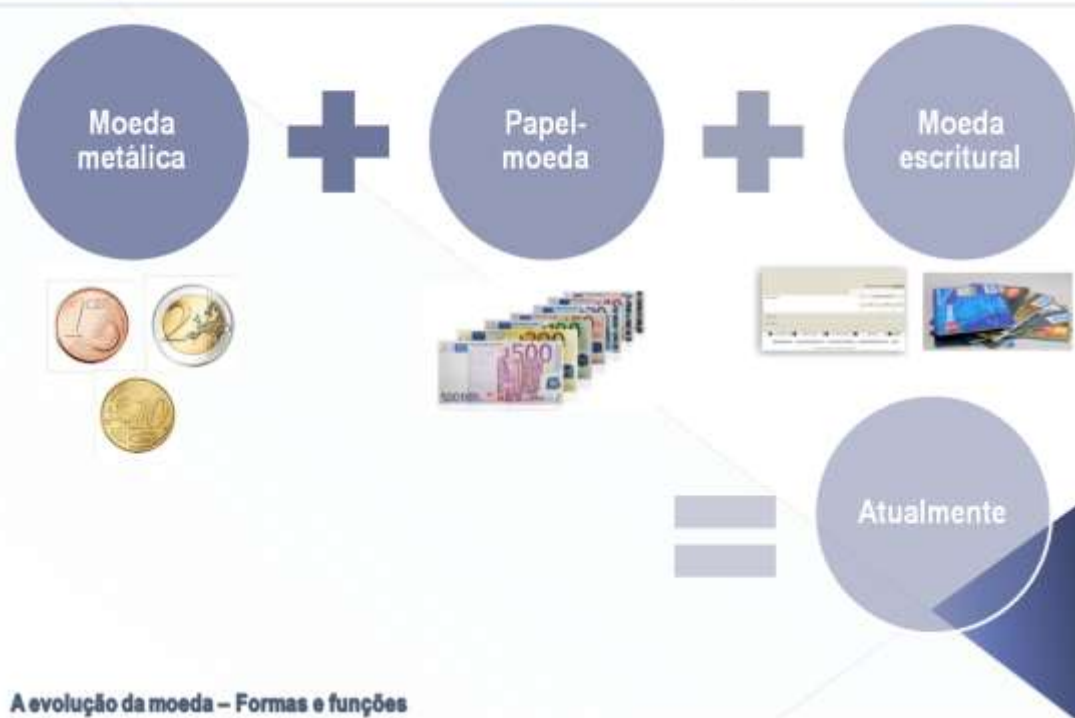
- Moeda **representativa** – Notas em circulação que correspondiam ao valor exato depositado em metal precioso nos cofres dos bancos.
- Moeda **fiduciária** – A quantidade de notas em circulação era superior à quantidade de ouro e prata existente nos bancos, baseando-se a circulação da moeda na confiança que o público tinha nos bancos.
- **Papel-moeda** – Notas inconvertíveis de curso forçado imposto pelo Estado.

A evolução da moeda – Formas e funções

Formas de moeda e desmaterialização da moeda



Formas de moeda e desmaterialização da moeda

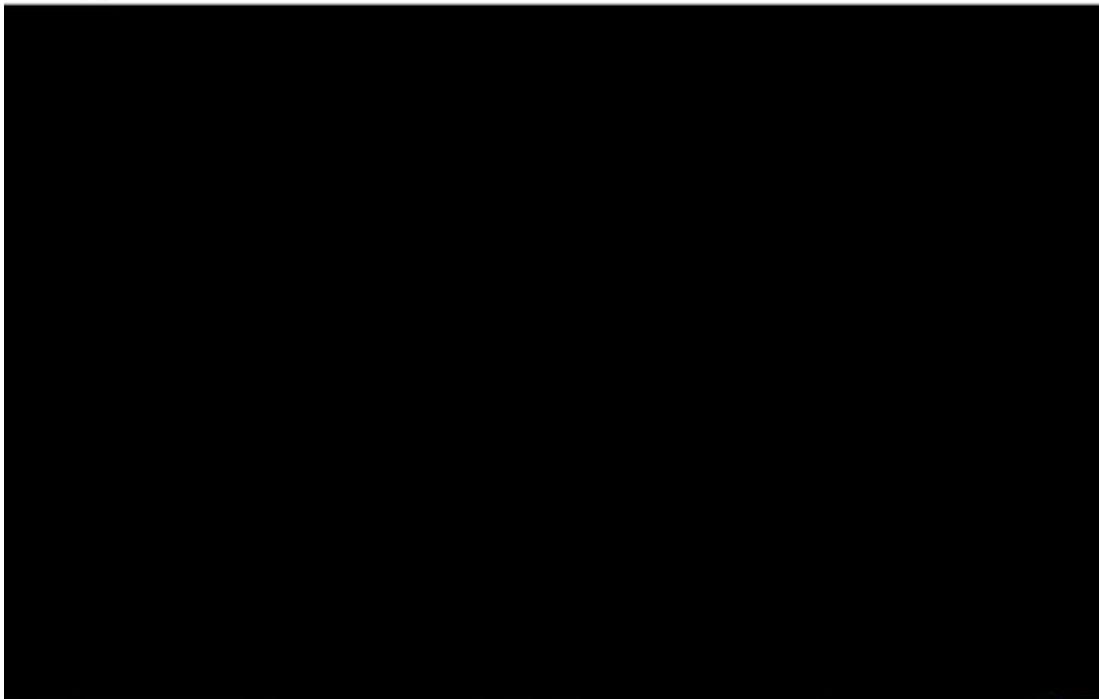


Funções da moeda

- **Meio de pagamento** – A moeda é um meio intermediário de aceitação geral, que é recebida em contrapartida da cedência de um bem e entregue na aquisição de outro bem. A moeda é assim um meio de pagamento geral que possibilita a obtenção dos bens de que precisamos sem necessidade de outros bens para dar em troca.
- **Medida de valor** – A moeda é utilizada para medir o valor dos bens e dos serviços. É também utilizada para efetuar comparações de valor entre os diferentes bens e serviços a transacionar.
- **Reserva de valor** – Com a moeda é possível efetuar poupança, transferindo capacidade de consumo para um período posterior.

A evolução da moeda – Formas e funções

Vídeo didático



A evolução da moeda – Formas e funções

The invention of money and currency (J.K. Gibson)

Bibliografia

Gomes, Rita Pereira; Silva, Fernando Rodrigues. Economia. Porto Editora

Neves, J. César. Introdução à Economia; Verbo

Pais, Maria João; Oliveira, Maria da Luz; Góis, Maria Manuela; Cabrito, Belmiro Gil – Economia A, 10º Ano, Texto Editora

Pais, Maria João; Oliveira, Maria da Luz; Góis, Maria Manuela; Cabrito, Belmiro Gil – Economia A, 10º Ano, Preparação para os testes, Texto Editora

A evolução da moeda – Formas e funções

Anexo J - Ficha de trabalho de dia 24 de Fevereiro de 2016

Ano Letivo 2015-2016

Turma 10ºE – Economia A

4.2 A evolução da moeda – Formas e funções



PROPOSTA DE TRABALHO

Data: 24 de Fevereiro de 2016

Lê o texto que se segue:

À primeira vista, a troca direta é o sistema mais simples de fazer transações. Se uma pessoa tem algo que não quer, deve trocar por aquilo que prefere. Na prática, porém, levantam-se grandes dificuldades ao seu funcionamento. Para que uma troca se realize é preciso que quem tem algo para trocar encontre alguém que quer aquilo que este tem e tenha aquilo que este quer. Esta (dupla coincidência de vontades) é difícil de conseguir. Um barbeiro que gosta de couves tem (todos os dias) de encontrar um hortelão de cabelo comprido.

Há formas de aliviar este problema. Uma delas é não fazer uma, mas muitas trocas. O barbeiro pode cortar o cabelo ao carpinteiro, trocar a cadeira que recebeu com o sapateiro, para conseguir as botas que o hortelão quer em troca das couves. Mas será que o preço que pagou pelas couves é justo? E o tempo perdido? É claro que este sistema se pode complicar até ao infinito. O que as sociedades faziam, antes de existir moeda, era criar locais onde todos os que tinham coisas para trocar se encontravam, transacionavam e definiam os preços.

No entanto, todos estes métodos eram deficientes e reduziam o número de trocas que efetivamente se realizavam, reduzindo assim o bem-estar potencial. Por isso, desde cedo, algumas sociedades lembraram-se de um truque simples: se houvesse um bem a que todos dêem valor, todos estarão dispostos a aceitá-lo em troca do que é seu; assim, pode passar a fazer-se sempre duas transações em vez de uma (ou em vez de muitas) para trocar. O que tenho troco-o por esse bem e, depois, vou com esse bem à pessoa que tem o que eu quero e troco com ela. Eu aceitei esse bem só porque sabia que a pessoa que tinha o que eu queria também o ia aceitar.

Vamos supor que esse bem é o pão, uma coisa que toda a gente quer e precisa. Assim, o barbeiro receberia dos clientes pão, em vez dos produtos que eles faziam, e depois, com esse pão, ia ter com as pessoas que produziam o que ele queria, por exemplo, o hortelão, e trocava o pão pelas couves. Claro que há alguns inconvenientes: as pessoas agora, além dos bens que produzem e consomem têm de ter pão guardado para fazer trocas, e além disso, é preciso sempre fazer duas trocas em vez de uma direta. Mas a grande vantagem é que não é preciso procurar a coincidência de vontades entre o comprador e o vendedor porque agora há um intermediário na troca: a moeda.

Neves, J. César (8ª Edição), Introdução à Economia. Editorial Verbo (adaptado)

Identifica no texto os conceitos que aprendeste no capítulo “Troca direta e indireta” e define cada um desses conceitos.

Anexo K - Guião de exploração de vídeo didático apresentado no dia 25 de Fevereiro de 2016

Ano Letivo 2015-2016
Turma 10ºE – Economia A
4.2 A evolução da moeda – Formas e funções



GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DE VÍDEO DIDÁTICO

Data: 25 de Fevereiro de 2016

Após a visualização do vídeo "*The invention of money and currency*" responde às seguintes questões:

1- Ordena por ordem de aparecimento no vídeo os acontecimentos abaixo enunciados:

Acontecimentos:

- a) Aqui tens Pile. Eu devo-te 100 moedas de ouro (= 100 I.O.U.) (...) Volta quando quiseres para levantar o teu ouro. Ele vai estar mesmo aqui no meu cofre.
- b) Eu troco as minhas framboesas pela tua tarte!
- c) Vês, ele imprime mais I.O.U.S sem que ninguém tenha depositado o ouro.
- d) Agora toda a gente pensa que o ouro é valioso. Então porque é que as pessoas não começam a trocar o ouro pelas coisas que precisam?

Ordem pela qual as cenas surgem no vídeo:

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-

2- Identifica, de seguida, as formas de moeda que estão associadas aos acontecimentos que ordenaste na questão 1:

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-



Anexo L - Exemplo de cartões que incluem o jogo didático *Money Matters*

Categoria: Especial (5 minutos)	Categoria: Especial – Cartão de resposta
<p>Apresentador: (i) Diz as funções e regras desta pergunta; (ii) Lê a pergunta alto e escreve-a no quadro</p> <p>Assistente: Entrega aos grupos concorrentes um cartão para resposta e recolhe os mesmos no final entregando-os aos elementos do público.</p> <p>Público: Avalia as respostas dos 4 grupos comparando-as com a resposta do presente cartão e hierarquizando por ranking (de 1 a 4 pontos, sendo 4 o mais completo). Adicionalmente, deverá ler alto as respostas de cada grupo</p> <p>Pergunta: Justifica a afirmação: "A moeda fiduciária constituía um risco para os depositantes?"</p> <p>Resposta: A moeda fiduciária constituía uma situação arriscada para os depositantes na medida em que os bancos se encontravam incapacitados de reembolsar em ouro, em simultâneo, todos os seus clientes, já que não dispunham nos cofres do valor em ouro equivalente ao da moeda de papel emitida.</p>	

Categoria: Mímica (3 minutos)	Categoria: Falar rápido e bem (1 minuto)
<p>Apresentador - (i) Deve chamar o concorrente e mostrar o presente cartão com a palavra a representar através de gestos; e (ii) Deve dizer ao grupo do concorrente que tem que adivinhar a palavra correspondente aos gestos que o colega de equipa está a fazer</p> <p>Concorrente - Mímica:</p> <p>Sedentarismo</p>	<p>Apresentador - (i) Deve chamar o concorrente e mostrar o presente cartão com a palavra a transmitir aos colegas de equipa por outras palavras; e (ii) Deve dizer ao grupo do concorrente que tem que adivinhar a palavra que corresponde ao que o colega está a tentar transmitir por outras palavras</p> <p>Concorrente - Dizer por outras palavras:</p> <p>Autossustentência</p>

Anexo M - Lista de responsabilidades existentes no âmbito do jogo didático *Money Matters*

Apresentadores	Madalena, Bernardo
Assistentes	Maria, João Senra
Público	Tiago Góis, Alexandra, Sofia, Tiago Wang
Timekeeper	João Rafael
Ajuda telefónica	Pedro, Raimundo, Matilde, Mariana
1º grupo	Bumika, Ana Rita, Joana, Bruno
2º grupo	Eduardo, João Pissarra, Tiago Sousa, Inês
3º grupo	David, Duarte, Tiago Coelho, José
4º grupo	Gonçalo, Marco, Vasco, Tiago Vitorino

Anexo N - Questionário final aplicado aos Alunos “A indisciplina na sala de aula”



Questionário aos Alunos

A indisciplina na sala de aula

O presente questionário é confidencial e anônimo e insere-se no Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade no âmbito da realização do Relatório Sobre a Prática de Ensino Supervisionada sob o tema *Uma prática pedagógica para reduzir a indisciplina na sala de aula numa turma do 10º ano na disciplina de Economia*.

Gostaria de te colocar algumas questões e peço que sejas sincero(a) na resposta às mesmas.

1. Que idade tens?

2. Sexo:

Masculino ☐

Feminino ☐

3. Assinala com um X a opção aplicável a cada situação apresentada no quadro abaixo:

É indisciplina...	Sim	Não
Usar o telemóvel na sala de aula		
Chegar atrasado às aulas		
Sair do lugar sem autorização durante a aula		
Não trazer o material escolar para as aulas		
Conversar com os colegas durante a aula		
Fazer barulho com objetos durante a aula		
Usar vocabulário impróprio durante a aula		
Não realizar as tarefas propostas pela professora		
Incomodar os colegas atirando bolinhas de papel ou borrachas		
Sujar a sala de aula		
Responder ao professor ou a um colega de forma alterada ou desrespeitadora		
Dormir durante a aula		
Estar a fazer um trabalho correspondente a outra aula		
Copiar num exame ou deixar que copiem por si		
Utilizar cábulas		
Desobedecer ao professor		
Pedir para ir à casa de banho durante a aula		
Acatar a chamada de atenção da professora para se calar mas voltar de seguida a falar		

4. Achas que algum dos tipos de indisciplina mencionados no quadro ocorreu na sala de aula durante as aulas de Economia desta semana? Assinala com um X as situações que consideras que ocorreram.

Usar o telemóvel na sala de aula	
Chegar atrasado às aulas	
Sair do lugar sem autorização durante a aula	
Não trazer o material escolar para as aulas	
Conversar com os colegas durante a aula	
Fazer barulho com objetos durante a aula	
Usar vocabulário impróprio durante a aula	
Não realizar as tarefas propostas pela professora	
Incomodar os colegas atirando bolinhas de papel ou borrachas	
Sujar a sala de aula	
Responder ao professor ou a um colega de forma alterada ou desrespeitadora	
Dormir durante a aula	
Estar a fazer um trabalho correspondente a outra aula	
Copiar num exame ou deixar que copiem por si	
Utilizar cábulas	
Desobedecer ao professor	
Pedir para ir à casa de banho durante a aula	
Acatar a chamada de atenção da professora para se calar mas voltar de seguida a falar	

5. Para os tipos de indisciplina que consideras que ocorreram na sala de aula de economia desta semana (que referiste na pergunta 4), assinala quais os principais fatores que contribuíram para esse comportamento:

Problemas familiares	
Problemas económicos	
Consumo de álcool e/ou estupefacientes	
Matérias dadas em sala de aula desinteressantes	
Falta de existência de regras em sala de aula	
Desconhecimento de regras em sala de aula	
Horário escolar muito pesado	
Número de alunos excessivo na turma	
Bullying	
Forte amizade com os colegas e querer prolongar o intervalo na sala de aula	
Organização da escola	
Problemas de saúde	
Forma de lecionar as aulas por parte da professora	
Falta de empatia com a professora	
Professora demasiado benevolente	
Professora tem dificuldade em controlar o comportamento dos alunos	
Desmotivação do aluno devido ao facto de acreditar que a escola não serve para nada e que está a perder tempo	
Dificuldade de aprendizagem	
Influência de colegas perturbadores	

6. O que é que achas que poderia ter sido feito adicionalmente para combater a indisciplina na sala de aula de Economia durante as aulas desta semana?

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo O - Grelhas de observação das aulas lecionadas nos dias 24, 25 e 26 de Fevereiro de 2016

GREIHA DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE DIA 24 FEVEREIRO DE 2016 DAS 16H40-17H30 + 17H40-18H30
ANO/TURMA: 10FE
DISCIPLINA: ECONOMIA A
ANO LETIVO: 2015/2016

Nº de Matrícula	Nomes Alunos	Lição 115 e 116					Nota Global
		Assiduidade (10%)	Pontualidade (10%)	Participação (30%)	Comportamento (25%)	Exercício (25%)	
1	Alexandra Barros Paulo	20	20	10	16	14	15
2	Ana Rita Brito Vicente	20	20	10	16	14	15
3	Bernardo Manuel Coimbra Oliveira	20	20	13	10	14	14
4	Bruno Alexandre Fombar Xavier	20	20	16	10	14	15
5	Burnika Sandulal Narcotamo	20	20	10	16	14	15
6	David Magalhães Vieira Dias	20	20	16	10	14	15
7	Duarte Castro Patatas	20	20	16	10	14	15
8	Eduardo Emanuel Lopes Pereira	20	20	16	10	14	15
9	Gonçalo Alexandre Nascimento Correia	20	20	10	10	14	13
10	Inês Magalhães Caramelo Martins	20	20	10	10	14	13
11	Jollo Francisco Ferreira Sousa Pissarra	20	20	16	10	14	15
12	Jollo Francisco Sousa Senra	20	20	16	13	14	16
13	Jollo Pedro Cachado Raimundo	20	20	10	10	14	13
14	Jollo Rafael Gomes Sousa Franco	20	20	16	13	14	16
15	Madalena Teófilo Simões Santos	20	20	10	10	14	13
16	Marco Minelli Almeida	20	20	10	13	14	14
17	Maria Costa Pereira Lima Falica	20	20	10	10	14	13
18	Mariana Cardoso Silveira	20	20	10	10	14	13
19	Matilde Figueiredo Costa	20	20	10	16	14	15
20	Pedro Miguel Costa Firmino	20	20	10	10	14	13
21	Sofia Oliveira Beja Pina Nunes	20	20	10	10	14	13
22	Tiago Bao Wang	20	20	10	10	14	13
23	Tiago Filipe Duarte Costa Vitorino	20	20	16	10	14	15
24	Tiago José Viana Góis	20	20	10	13	14	14
25	Tiago Miguel Costa Coelho	20	20	16	13	14	16
26	Tiago Miguel Martins Sousa	20	20	10	10	14	13
27	Vasco Daniel Caetano	20	20	16	13	14	16
28	José Miguel Santos Ferreira	20	20	16	10	14	15
29	Joana Cardoso	20	20	16	13	14	16

GRANHA DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE DIA 25 FEVEREIRO DE 2016 DAS 10h30-11h20 + 11h30-12h20

ANO/TURMA: 10ºE

DISCIPLINA: ECONOMIA A

ANO LETIVO: 2015/2016

Nº de Matrícula	Nomes Alunos	Lição 117 e 118					Nota Global
		Avaliabilidade (10%)	Pontualidade (10%)	Participação (20%)	Comportamento (20%)	Video com exploração (40%)	
1	Alexandra Barros Paulo	20	20	10	20	20	18
2	Ara Rita Brito Vicente	20	20	10	20	20	18
3	Bernardo Manuel Coimbra Oliveira	20	20	18	18	20	19
4	Bruno Alexandre Pombal Xavier	20	20	18	17	20	19
5	Burika Sandulal Narotamo	20	20	10	20	20	18
6	David Magalhães Vieira Dias	20	20	20	17	20	19
7	Duarte Castro Patatas	20	20	20	18	20	20
8	Eduardo Emanuel Lopes Pereira	20	20	18	16	20	19
9	Gonçalo Alexandre Nascimento Correia	20	20	10	18	20	18
10	Inês Magalhães Caramelo Martins	20	20	10	16	20	17
11	Jolito Francisco Pereira Sousa Pissarra	20	20	20	17	20	19
12	Jolito Francisco Sousa Senra	20	20	20	20	20	20
13	Jolito Pedro Cachado Raimundo	20	20	10	16	20	17
14	Jolito Rafael Gomes Sousa Franco	20	20	20	20	20	20
15	Madalena Teixeira Simões Santos	20	20	10	16	20	17
16	Marco Minelli Almeida	20	20	10	17	20	17
17	Maria Costa Pereira Uma Falca	20	20	10	16	20	17
18	Mariana Cardoso Silveira						
19	Matilde Figueiredo Costa	20	20	10	20	20	18
20	Pedro Miguel Costa Firmão	20	20	10	20	20	18
21	Sofia Oliveira Beja Pina Nunes	20	20	10	16	20	17
22	Tiago Bao Wang						
23	Tiago Filipe Duarte Costa Vitorino	20	20	20	17	20	19
24	Tiago José Viana Góis	20	20	10	20	20	18
25	Tiago Miguel Costa Coelho	20	20	20	20	20	20
26	Tiago Miguel Martins Sousa	20	20	10	20	20	18
27	Vasco Daniel Caetano	20	20	20	20	20	20
28	José Miguel Santos Ferreira	20	20	20	17	20	19
29	Joana Cardoso	20	20	20	20	20	20

GRANHA DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE DIA 26 FEVEREIRO DE 2016 DAS 13h30-14h20 + 14h30-15h20

ANO/TURMA: 10ºE

DISCIPLINA: ECONOMIA A

ANO LETIVO: 2015/2016

Nº de Matrícula	Nomes Alunos	Lição 119 e 120				Nota Global
		Assiduidade (10%)	Pontualidade (10%)	Função Jogo	Jogo (80%)	
1	Alexandra Barros Paulo	20	20	Público	20	20
2	Ana Rita Brito Vicente	20	20	1º grupo	20	20
3	Bernardo Manuel Coimbra Oliveira	20	20	Apresentador	18	18
4	Bruno Alexandre Pombal Xavier	20	20	1º grupo	20	20
5	Burika Sandulal Narotamo	20	20	1º grupo	20	20
6	David Magalhães Vieira Dias	20	20	3º grupo	10	12
7	Duarte Castro Patatas	20	20	3º grupo	10	12
8	Eduardo Emanuel Lopes Pereira	20	20	2º grupo	19	19
9	Gonçalo Alexandre Nascimento Correia	20	20	4º grupo	13	16
10	Inês Magalhães Caramelo Martins	20	20	2º grupo	19	19
11	João Francisco Ferreira Sousa Pissarra	20	20	2º grupo	19	19
12	João Francisco Sousa Senra	20	20	Assistente	20	20
13	João Pedro Cachado Raimundo	20	20	Telefone	19	19
14	João Rafael Gomes Sousa Franco					
15	Madalena Teixeira Simões Santos	20	20	Apresentadora	18	18
16	Marco Minelli Almeida	20	20	4º grupo	13	16
17	Maria Costa Pereira Lima Faísca	20	20	Assistente	17	18
18	Mariana Cardoso Silveira					
19	Matilde Figueiredo Costa	20	20	Telefone	19	19
20	Pedro Miguel Costa Firmino	20	20	Telefone	19	19
21	Sofia Oliveira Beja Pina Nunes	20	20	Time Keeper	20	20
22	Tiago Bao Wang					
23	Tiago Filipe Duarte Costa Vitorino	20	20	4º grupo	13	16
24	Tiago José Viana Góis	20	20	Público	20	20
25	Tiago Miguel Costa Coelho	20	20	3º grupo	10	12
26	Tiago Miguel Martins Sousa	20	20	2º grupo	19	19
27	Vasco Daniel Casetano	20	20	4º grupo	13	16
28	José Miguel Santos Ferreira	20	20	3º grupo	10	12
29	Joana Cardoso	20	20	1º grupo	20	20

Anexo P - Enunciado do teste de avaliação realizado em par pedagógico e aplicado no dia 3 de Março de 2016



TESTE DE ECONOMIA A - 10º ANO

Ano letivo 2015/2016 10º E

mar.2016

Professoras: Alexandra Carvalho / Ana Raquel Gonçalves
(Isabel Mendes-Pinto)

- 1- Indique na sua folha de respostas o nº do item e a letra que corresponde à única alternativa correta e apresente os cálculos que se revelem necessários para indicar a opção: (10x0,5v=5v)

1. O circuito ultracurto caracteriza-se por:

A... existirem muitos intermediários.
B... existir a figura do grossista mas não existir a figura do retalhista.
C... existir a figura do retalhista mas não existir a figura do grossista.
D... nenhuma das alternativas é correta.

2. O comércio integrado caracteriza-se:

A... pela existência de relações entre os vários elementos que atuam no circuito de distribuição.
B... pela existência de uma grande organização empresarial.
C... pela existência de vários tipos de comércio num espaço.
D... pela coexistência de comércio tradicional e de grandes superfícies.

3. O sistema de *franchising* apresenta como vantagem para o franchisador:

A... o bom controlo do canal de distribuição.
B... a copropriedade de uma insígnia com notoriedade.
C... o acesso a formação mercadológica tecnologicamente avançadas.
D... o crescimento lento do seu negócio.

4. O comércio tradicional:

A... estabelece uma relação pouco personalizada com os clientes.
B... está situado em lojas de grande área de venda.
C... tem muito empregados.
D... está situado nos bairros residenciais.

5. Numa venda à distância:

A... o comerciante vende os seus produtos diretamente ao consumidor.
B... o comerciante usa a loja como local de venda.

-
- C... não há contato físico entre vendedor e comprador.
D... há contato direto entre vendedor e comprador.
6. A economia rudimentar que consiste na recolha dos bens necessários para a sobrevivência das primeiras sociedades humanas é designada por:
- A... autossustentência.
B... excedente económico.
C... reserva de valor.
D... sedentarismo.
7. O excedente económico é:
- A... o consumo próprio de bens ser superior à produção de bens.
B... a produção de maior quantidade de bens do que o necessário para consumo próprio.
C... a emissão de notas de banco superior ao montante dos depósitos efetuados no banco.
D... numa troca direta trocar 1kg de cereais por 2 kg de arroz.
8. Uma nota de 10€ é:
- A... moeda metálica.
B... moeda-mercadoria.
C... moeda fiduciária.
D... papel-moeda.
9. A inconvertibilidade da moeda surgiu com:
- A... a moeda fiduciária.
B... a moeda metálica.
C... a moeda-mercadoria.
D... o papel-moeda.

10. Quando fazemos uma transferência bancária estamos perante:

- A... papel-moeda.
- B... moeda fiduciária.
- C... moeda escritural.
- D... moeda representativa.

2- Classifique as afirmações seguintes como Verdadeiras ou Falsas e corrija as falsas, de forma a que se tornem verdadeiras e significativas: (2,5v)

- A. No circuito de distribuição curto, o número de intermediários é reduzido, uma vez que os produtos saem diretamente dos produtores para os retalhistas, que os comercializam junto dos consumidores.
- B. No Sistema comercial de *franchising*, a comercialização do produto é gerida pelo franchisador.
- C. Nas lojas “Flagship Store” o método de distribuição usado é a venda indireta.
- D. Na troca direta o facto de alguns bens serem dificilmente divisíveis facilitava as trocas.
- E. Após a vindima o agricultor percebeu que a colheita tinha sido muito fraca, pelo que decidiu que nesse ano a colheita seria para consumo próprio. Esta decisão do agricultor traduz-se no conceito do uso não económico do bem.
- F. As desvantagens associadas à moeda-metálica conduziram à criação de uma nova forma de moeda denominada moeda-mercadoria.

3- Leia o texto que se segue:

A cadeia de supermercados Pingo Doce, detida pela Jerónimo Martins, pretende dar continuidade à expansão da sua rede de lojas em Portugal, através de um formato de negócio semelhante ao *franchising*.

Durante o evento de inauguração do novo Centro de Distribuição da Jerónimo Martins, no Algarve, Pedro Soares Santos, presidente do conselho de administração do grupo, adiantou à comunicação social que o grupo pretende “continuar a crescer, agora com uma filosofia um pouco diferente. Todo o crescimento fora da Grande Lisboa e do Grande Porto será feito com parcerias locais, num sistema de *franchising*”.

No entanto, o presidente do conselho de administração do grupo Jerónimo Martins explicou que existem diferenças entre o *franchising* das lojas Pingo Doce e um franchising tradicional, já que, por exemplo, a Jerónimo Martins não exige o pagamento de royalties pela utilização da marca. “Dividimos a lucratividade do negócio” e “haverá um investimento

partilhado” nos cinco a seis milhões de euros que custa uma loja Pingo Doce, aproveitou para esclarecer Pedro Soares Santos.

Eliana Macedo, 2014

Fonte: <http://www.empregopelomundo.com/empreendedorismo/supermercados-pingo-doce-pretendem-expandir-em-formato-franchising/>

3.1 Distinga comércio integrado de comércio associado. (1,5v)

3.2 Dê uma definição de *franchising*. (1v)

3.3 Indique duas características especiais do *franchising*. (1v)

3.4 Caracterize uma loja supermercado. (0,75v)

3.5 Identifique as diferenças entre o *franchising* das lojas Pingo Doce e um franchising tradicional a que o texto se refere. (2v)

4- Considere as frases abaixo e indique para cada uma quais as funções da moeda que estão presentes, assinalando com um X. (1,5v)

Frases	Medida de Valor	Meio de Pagamento	Reserva de Valor
A Sandra antes de comprar o peixe verifica qual o preço afixado.			
O António raramente anda com dinheiro na carteira pois paga sempre as suas compras com cartão de débito.			
O Francisco aplica as suas poupanças num depósito a prazo.			
Para verem o Mundial do Brasil em família, o senhor Augusto adquiriu um LCD pelo preço de 700€ e pagou através de cheque.			

5- Distinga moeda representativa de moeda fiduciária. (2,25v)

6- O desenvolvimento das novas tecnologias fortaleceu o processo de desmaterialização da moeda. Descreve o processo de desmaterialização da moeda. (2,5v)

FIM

Bom trabalho.

**Anexo Q - Sopa de letras realizada em par pedagógico e aplicada no dia
3 de Março de 2016**

Encontra nesta sopa de letras palavras relacionadas com *Comércio e Moeda*

Y	B	T	D	L	H	O	F	R	Y	Ñ	N	B	S	N	Y	M
E	S	N	L	M	J	Y	P	N	A	T	V	Z	J	O	V	B
X	S	H	U	T	Z	L	M	M	L	Y	L	K	Y	V	R	V
C	G	O	T	I	U	C	R	I	C	D	I	L	R	T	R	D
E	P	A	X	E	T	S	R	K	G	P	Z	P	T	M	O	I
D	P	G	D	S	I	I	B	K	Ñ	Ñ	L	R	A	N	A	X
E	G	C	O	E	F	A	I	R	A	I	C	U	D	I	F	C
N	R	O	E	D	O	Y	V	C	R	B	V	L	Ñ	P	P	M
T	O	M	T	P	J	M	K	O	Z	V	A	N	F	D	J	E
E	S	E	J	Z	X	S	T	Ñ	T	R	T	O	P	A	P	T
Q	S	R	J	B	T	U	A	T	U	N	G	J	A	A	E	A
X	I	C	A	M	D	X	N	T	V	T	U	Ñ	V	K	A	L
H	S	I	O	O	U	W	I	P	B	U	Q	O	N	H	E	I
Q	T	O	R	I	R	R	N	P	T	H	C	G	C	Z	N	C
F	A	P	B	Q	C	M	O	A	W	Q	C	D	K	S	B	A
X	C	Q	P	S	H	T	G	M	L	P	B	A	W	V	I	W
R	Q	P	E	C	B	Y	X	W	Ñ	P	S	U	T	B	W	D